

Departamento de História

O Esperantismo em Portugal (1892 a 1972): origens, afirmação e  
repressão

Sónia Piedade Apolinário Ribeiro Gomes

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Museologia: Conteúdos Expositivos

Orientadora:

Doutora Maria Luísa Brandão Tiago de Oliveira, Professora Auxiliar,  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2012



## Agradecimentos

À Professora Doutora Luísa Tiago de Oliveira por todo o incentivo ao estudo deste tema.

À Associação Portuguesa de Esperanto pelo acesso a todos os arquivos, e especialmente a António Martins, por todo o apoio, disponibilidade e interesse pelo meu trabalho.

A todos os meus entrevistados, que gentilmente prestaram o seu importante depoimento.

Resumo: O surgimento e afirmação do esperantismo em Portugal é o tema desta dissertação, tendo-se delimitado o estudo ao período temporal entre 1892, ano da primeira publicação sobre a língua Esperanto em Portugal, e 1972, ano em que o Estado Novo permitiu a refundação da Associação Portuguesa de Esperanto. Organizado inicialmente nos centros urbanos de Lisboa e Porto, os primeiros cultores do Esperanto tinham origem numa pequena burguesia progressista, orientados por interesses comerciais, cosmopolitas e pacifistas. A partir do período da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial o esperantismo estende-se ao operariado, que em grande medida o cultivava de forma politizada, o que trará a partir da década de 1930 uma resposta repressiva por parte da ditadura. Desta data até 1972 o esperantismo viverá décadas de ambígua e intermitente implantação, ora com liberdade e autonomia, ora com proibições e perseguições. A investigação pretendeu abranger duas dimensões. Primeiro, perceber em que medida o esperantismo português se compara com o movimento internacional, de génese europeia e por isso modelado pelas complexidades da história do século XX. Depois, sendo uma investigação enquadrada na área da Museologia procedeu-se, em paralelo com a reconstituição histórica, a um recenseamento de objectos passível de apresentar expositivamente o percurso do esperantismo português no período em análise.

Palavras-chave: Esperanto; Esperantismo; Língua Universal; Estado Novo; Operariado

Abstract: The object of the present dissertation is the birth and strengthening of the portuguese esperantism, studied between 1892, the year of the first Esperanto publishing in Portugal, and 1972, when Estado Novo Dictatorship allowed the re-foundation of Portuguese Esperanto Association. Initially organized in Lisbon and Oporto urban centres, esperantism was practised by a progressive small burgeoisie, oriented to commerce, cosmopolitanism and pacifism. From the first World War onwards, esperantism extended to labour classes, who mainly lived it within a politically orientation, fact that triggered a repressive response from the portuguese dictatorship in the 1930 and next decades. Since then, and untill 1972, esperantism lived ambiguous and intermittent establishment, either free and autonomous, or persecuted and forbidden. This historic-oriented investigation aimed at responding to a pair of dimensions. First, to grasp the sense in which portuguese esperantism can be compared to the international european-based esperantist movement, which is modelled by the XX century historical complexities. Second, and because the present investigation is developed inside a Museology frame, to achieve, in parallel way, a gathering of material objects that could represent portuguese esperantism in an exhibition discourse.

Keywords: Esperanto; Esperantism; Universal Language; Estado Novo Dictatorship; Labour Class

## ÍNDICE

|   |     |
|---|-----|
| 1. INTRODUÇÃO.....  | 1   |
| 2. ESPERANTO, ESPERANTISMO E SEUS CONTEXTOS .....                   | 3   |
| 2.1. A questão da língua internacional .....                        | 3   |
| 2.2. O movimento esperantista .....                                 | 8   |
| 2.3. Questões metodológicas e dimensões de análise.....             | 19  |
| 3. PERCURSOS EM PORTUGAL.....                                       | 25  |
| 3.1. Os primeiros esperantistas (de 1892 à 1.ª Guerra Mundial)..... | 25  |
| 3.2. A ligação ao operariado (da 1.ª Guerra Mundial a 1936).....    | 49  |
| 3.3. A repressão política do esperantismo (de 1936 a 1951).....     | 71  |
| 3.4. As complexas relações com o Estado Novo (de 1951 a 1972).....  | 85  |
| 4. CONCLUSÕES.....  | 101 |
| 5. FONTES, BIBLIOGRAFIA e WEBGRAFIA .....                           | 111 |
| 6. CRONOLOGIA DO ESPERANTISMO EM PORTUGAL (1892 a 1972).....        | 115 |
| ANEXOS.....   | I   |
| A. Perfis de Entrevistados .....                                    | I   |
| B. Guião de entrevistas .....                                       | II  |
| CURRICULUM VITAE .....  | III |

## ÍNDICE DE QUADROS

|  |   |
|--|---|
| Quadro 2.3.1. Perfis de entrevistados..... | I |
|--|---|

## ÍNDICE DE FIGURAS

|         |  |    |
|---------|--|----|
| 3.1.1.  | Folha de rosto de <i>O Mensageiro</i> , Julho 1907, com fotografia de alunos do 1.º curso na UCM.....  | 40 |
| 3.1.2.  | Cartão de divulgação de conferência sobre Esperanto na União Cristã da Mocidade, Lisboa, Janeiro de 1907.....  | 41 |
| 3.1.3.  | Cartão de divulgação de curso de Esperanto na União Cristã da Mocidade, Lisboa, Março de 1908.....   | 41 |
| 3.1.4.  | Bilhete de admissão de Martins d’Almeida a conferência sobre Esperanto na União Cristã Central da Mocidade, Porto, Março de 1909.....  | 42 |
| 3.1.5.  | Cartão convite para sessão comemorativa do aniversário de Zamenhof no Lisbona Esperantista Grupo, Lisboa, Dezembro de 1909.....  | 42 |
| 3.1.6.  | Estatutos do Lisbona Esperantista Grupo, 1908.....   | 43 |
| 3.1.7.  | Bilhete-Convite para Curso Livre de Noções Comerciais na União Cristã da Mocidade, que inclui sessão sobre Esperanto, Lisboa, sem data.....                                      | 43 |
| 3.1.8.  | Bilhete-postal de 31 de Janeiro de 1911.....   | 44 |
| 3.1.9.  | Desenho humorístico em <i>A Lucta</i> , Lisboa, Março de 1912.....   | 44 |
| 3.1.10. | Cartão de divulgação de conferência sobre Esperanto no Atheneu Comercial, Lisboa, Abril de 1912.....   | 45 |
| 3.1.11. | Postal enviado de remetente de Portalegre, Junho de 1912.....  | 45 |
| 3.1.12. | Bilhete-postal editado pelo Lisbona Esperantista Grupo, Lisboa, sem data.....  | 45 |
| 3.1.13. | Fotografia de grupo esperantista de Guifões, Matosinhos, Setembro de 1913.....   | 46 |
| 3.1.14. | Números de <i>Portugala Revuo</i> , Porto, 1913.....   | 46 |
| 3.1.15. | Recibo de cotização da Lisbona Esperantista Societo do membro n.º 1, Martins d’Almeida, Março de 1914.....   | 47 |
| 3.1.16. | Cartão de divulgação de viagem no país para divulgação da língua Esperanto, Março de 1915....  | 47 |
| 3.1.17. | Postal do Grupo Esperantista de Luanda enviado para destinatário do Porto, Setembro de 1917.....   | 48 |
| 3.1.18. | Verso do postal do Grupo Esperantista de Luanda enviado para destinatário do Porto, Setembro de 1917.....  | 48 |
| 3.1.19. | Cartão de divulgação da língua Esperanto, editado pela Lisbona Esperantista Societo, Lisboa, sem data.....   | 48 |
| 3.1.20. | Papel de embrulho de sabonete “Esperantista Saponeto” da Claus & Schweder, Porto.....  | 48 |
| 3.2.1.  | Partitura “Esperanto” de João Baptista da Silva, 1919 (brinde da Papelaria Guedes em Lisboa).....  | 68 |
| 3.2.2.  | Grupo esperantista «Progresemaĵ Amikoj», Barreiro, década 1930.....  | 68 |
| 3.2.3.  | Grupo de Esperanto em Água Férrea, Vila Franca de Xira, c.1935.....  | 68 |
| 3.2.4.  | Saldanha Carreira com grupo, 1934.....   | 69 |
| 3.2.5.  | Exemplar de Curso Completo de Esperanto, Portugala Instituto de Esperanto, Lisboa, 1934.....   | 69 |
| 3.2.6.  | Exemplar encadernado de <i>Chave do Esperanto</i> , 1934.....  | 69 |
| 3.2.7.  | Cartaz do 26.º Congresso Universal de Esperanto, Estocolmo, 1934.....  | 70 |
| 3.2.8.  | Cartaz da Feira de Reichenberg, Checoslováquia, 1935.....  | 70 |
| 3.2.9.  | Carta manuscrita de E. Lanti a um seu camarada português, Lisboa, datada de 16 de Setembro de 1936.....  | 70 |
| 3.3.1.  | Postal da palestra em Esperanto proferida pelo húngaro Ladislao Zinner, acompanhado de Saldanha Carreira na Emissora Nacional Portuguesa, Lisboa, 25 Setembro 1939.....          | 82 |
| 3.3.2.  | Verso do postal da palestra em Esperanto proferida pelo húngaro Ladislao Zinner, acompanhado de Saldanha Carreira na Emissora Nacional Portuguesa, Lisboa, 25 Setembro 1939..... | 82 |
| 3.3.3.  | Grupo esperantista «La Vekiĝo» do Barreiro, década de 1940.....  | 82 |
| 3.3.4.  | Grupo esperantista em passeio no campo, Tramagal, 1945.....  | 82 |
| 3.3.5.  | Cartaz em Esperanto intitulado “A Vitória” constituído por textos e fotografias alusivas à 2.ª Guerra Mundial.....   | 83 |
| 3.3.6.  | Fotografia emoldurada do 22.º Congresso da SAT em Paris, 1949.....   | 83 |
| 3.3.7.  | Fotografia emoldurada do 34.º Congresso da UEA em Bournemouth, Reino Unido, 1949.....  | 83 |
| 3.3.8.  | Número de <i>La Unuiĝo</i> , Lisboa, 1946.....   | 83 |
| 3.3.9.  | Número de <i>Unuiĝo</i> , Lisboa, 1947.....  | 83 |
| 3.3.10. | Encadernação específica para <i>La Curso de Andreo Cschi</i> , Holanda, 1947 [1929].....   | 84 |
| 3.3.11. | Retrato de Saldanha Carreira emoldurado, exposto na sede da APE, Lisboa.....   | 84 |
| 3.4.1.  | Grupo de esperantistas na homenagem a Saldanha Carreira, Lisboa, 1952.....   | 94 |
| 3.4.2.  | Grupo esperantista em passeio, Montes Claros, década de 1950.....  | 94 |
| 3.4.3.  | Encontro no Hotel Internacional, Lisboa, década de 1950.....   | 94 |

|         |   |     |
|---------|---|-----|
| 3.4.4.  | Bandeiras de Portugal e Esperanto, com fotografia de Zamenhof ao centro, década de 1950.....  | 95  |
| 3.4.5.  | Exposição esperantista no Funchal, 1958.....  | 95  |
| 3.4.6.  | Exposição esperantista na Biblioteca Municipal em Coimbra, 1959.....  | 95  |
| 3.4.7.  | Visita a Portugal de esperantista japonês, Casa da Madeira, Lisboa, 1959.....   | 96  |
| 3.4.8.  | Bilhete-postal enviado a Maria de Deus Antunes, Lisboa, Fevereiro de 1959.....  | 96  |
| 3.4.9.  | Convite para encontro programado pelo Ekskursu Grupo «La Verda Familio», <i>sem data</i> .....  | 96  |
| 3.4.10. | Cartaz do 16.º Congresso Espanhol de Esperanto, Gijon, 1955.....  | 96  |
| 3.4.11. | Cartaz do 20.º Congresso Espanhol de Esperanto, Málaga, 1959.....   | 96  |
| 3.4.12. | Cartaz da 34.ª Feira, Barcelona, de Esperanto, Málaga, 1966.....  | 96  |
| 3.4.13. | Postal de Natal com retrato de Zamenhof, gravura de Manuel Cabanas, edição do grupo «La Vekiĝo», Barreiro.....                            | 97  |
| 3.4.14. | Retrato emoldurado de Zamenhof. Entalhamento de Leonel Cruz, retrato proveniente de Ĉina Esperanto-Ligo.....                              | 97  |
| 3.4.15. | Pormenor do entalhamento do retrato emoldurado de Zamenhof. Entalhamento de Leonel Cruz, retrato proveniente de Ĉina Esperanto-Ligo. .... | 97  |
| 3.4.16. | Emblemas esperantistas.....   | 97  |
| 3.4.17. | Emblema esperantista de A.S. Almeida, adquirido em 1947 e anel de Olga Marques adquirido em 1974.....                                     | 97  |
| 3.4.18. | Carimbo com hino «La Vekiĝo» e postal carimbado com hino e soneto de Luzo Bemaldo.....  | 98  |
| 3.4.19. | Carimbo «La Lingvo» [A Língua].....   | 98  |
| 3.4.20. | Círculos em cortiça com fonética do Esperanto.....  | 98  |
| 3.4.21. | Calendário de divulgação de sabonete “Esperanto”, distribuído por A. Ribeiro da Cruz, 1958.....   | 98  |
| 3.4.22. | Verso do calendário de divulgação de sabonete “Esperanto”, distribuído por A. Ribeiro da Cruz...  | 98  |
| 3.4.23. | Álbum de selos de Esperanto I (pormenor).....   | 99  |
| 3.4.24. | Álbum de selos de Esperanto II (pormenor).....  | 99  |
| 3.4.25. | Caderneta de selos de Esperanto, edição «Nova Sento».....   | 99  |
| 3.4.26. | Folha de selos “O Esperanto serve a todos”.....   | 99  |
| 3.4.27. | Documento do «La Ĉekbanko Esperantista» [Banco Esperantista], com assinatura de Saldanha Carreira.....                                    | 99  |
| 3.4.28. | Manuscrito [Tabela de prefixos fundamentais] de Adolfo Nunes.....   | 100 |
| 3.4.29. | Poemas traduzidos, por Adolfo Nunes.....  | 100 |
| 3.4.30. | Cassete com o registo de uma sessão esperantista, c.1950: “Karaj vochoj de karaj samideanoj”....  | 100 |
| 3.4.31. | Bandeira esperantista (I), <i>sem data</i> .....  | 100 |
| 3.4.32. | Bandeira esperantista (II), <i>sem data</i> .....   | 100 |



## 1. INTRODUÇÃO

O objecto de estudo da dissertação que aqui se apresenta definiu-se a partir do Esperanto, concebido em 1887 para ser uma língua auxiliar e universal. O primeiro questionamento surgiu nos seguintes termos: sabendo-se que o uso desta língua se constitui como um fenómeno internacional, como se configura a sua utilização no caso português? Este estudo tratou assim da utilização do Esperanto em Portugal, mais concretamente, do esperantismo - termo pelo qual os utilizadores do Esperanto definem o uso e vivência desta língua, designando-se a si mesmos de esperantistas. Revelando-se mais do que apenas a utilização de uma língua, o esperantismo consubstancia usualmente uma forma de ver e viver o mundo.

O facto de não haver quaisquer trabalhos académicos em Portugal dedicados ao Esperanto, colocou-nos perante uma situação paradoxal: se por um lado se abria um campo quase ilimitado de perspectivação do objecto, simultaneamente, o seu total desconhecimento por via da ausência de produção académica revelava uma limitação restritiva na sua abordagem, que reclamava de imediato um retrato, uma narrativa inicial para se perceber do que se tratava. Assim o próprio objecto impôs a perspectiva principal: deveria ser histórica.

O planeamento da investigação deparou-se precocemente com uma questão incontornável: a da própria língua. A confrontação com a documentação redigida em Esperanto que, não sendo analisada por desconhecimento da língua, comprometeria os objectivos da investigação, colocou desde logo a necessidade de aprendizagem da língua. Foi esta uma segunda imposição do objecto.

Esta dissertação é enquadrada pela museologia, área que alberga contribuições da história, da antropologia, da sociologia, da gestão e, não directamente dependentes das ciências sociais, também as artes visuais, operadas no desenho, arquitectura e novas tecnologias. Ora o esperantismo é um tema passível de múltiplas abordagens disciplinares, nomeadamente a sociolinguística, para um estudo comparativo do uso do Esperanto e de outras línguas; a antropológica, se se perspectivar os esperantistas enquanto comunidade; ou a sociológica, abordando o esperantismo como movimento social. Mas, pelo facto de se tratar de um tema inédito e de se equacionar a criação de um projecto museológico, optou-se pela perspectiva histórica para melhor responder à intenção de caracterização das origens e do percurso do esperantismo em Portugal, e à conversão daqueles resultados em conteúdos passíveis de serem apresentados expositivamente.

A estrutura desta dissertação resulta do decurso da investigação. Inicia-se com uma problematização do Esperanto, *i.e.*, a discussão das questões implicadas no recurso a uma língua universal, que nos leva às razões e ao contexto do aparecimento e expansão da língua Esperanto. Segue-se a discussão das abordagens encontradas na revisão de literatura, que permitem aferir o alcance das investigações já concretizadas sobre o esperantismo. Tendo-se decidido por uma perspectiva de reconstituição histórica, o enquadramento teórico não foi construído no sentido de uma

grelha de teorias e respectivos conceitos que presidissem à pesquisa; antes se tentou, através da análise feita à literatura disponível, elaborar um conjunto de vectores de caracterização do esperantismo enquanto movimento internacional, para aferir em que medida se verificam no caso português. Tentando cumprir este objectivo, a pesquisa apoiada nos métodos da análise documental e da entrevista contemplou, também, uma dimensão de recenseamento de materiais iconográficos passíveis de constituir o fundamento material de um projecto expositivo sobre o esperantismo português das origens até 1972, as vésperas da implantação da democracia.

Por fim, a circunscrição temporal. Desejável seria cobrir as origens até à actualidade. Todavia, sendo o âmbito deste trabalho o de uma dissertação de mestrado, supõe-se que seja realizada num ano lectivo, o que é um período curto. Por essa razão não seria exequível estudar o esperantismo na totalidade da sua existência, o que se traduziria em mais de um século - 120 anos mais especificamente. A decisão de fazer um corte em 1972 deve-se ao próprio percurso do esperantismo em Portugal, sendo esta data um marco fundamental num caminho que atravessa o complexo século XX, sede de convulsões e revoluções, guerras, e vários regimes políticos, entre os quais o Estado Novo, o mais longo e aquele que traria enfim muitas adversidades à prática esperantista.

## 2. ESPERANTO, ESPERANTISMO E SEUS CONTEXTOS

O sonho de uma língua perfeita ou universal sempre se afirmou precisamente como resposta ao drama das divisões religiosas e políticas, ou ainda à simples dificuldade das relações económicas (Eco, 1996:33).

### 2.1. A questão da língua internacional

A questão da comunicação entre grupos humanos que não partilham a mesma língua tem sido recorrentemente pensada ao longo dos séculos, particularmente na Europa. A tentativa de superação do multilinguismo inerente à diversidade cultural, habitualmente designada pela expressão bíblica Babel, pautou-se por uma panóplia de projectos de carácter mais ou menos académico, quer de recuperação ou reconstrução de línguas - consideradas originárias, mágicas ou misticamente perfeitas - , quer de construção artificial de línguas. Estas últimas compreendem, de acordo com a categorização dos linguistas, as línguas *a priori*, circunscritas aos projectos filosóficos desenvolvidos nos séculos XVII e XVIII que buscavam a expressão perfeita das ideias e a descoberta de novas conexões entre aspectos da realidade na senda da perfeição lógica, ou as línguas *a posteriori*, criadas a partir de processos de simplificação de línguas naturais existentes, com o intuito de serem universalmente acessíveis e de fácil aprendizagem, como os projectos de línguas internacionais surgidos no século XIX e XX<sup>1</sup>. As línguas artificiais não compreendem, no âmago da sua concepção, o objectivo de se constituírem como substitutos dos idiomas naturais, mas como auxiliares na comunicação: uma língua a aprender para além da língua materna.

Independentemente destes projectos, elaborados de acordo com propósitos mais ou menos utópicos, as línguas francas ou veiculares<sup>2</sup> existiram sempre e existem: línguas naturais que pelas circunstâncias históricas se impuseram, de modo informal ou oficial, como instrumentos de comunicação nas esferas económicas, técnicas e científicas, políticas, e culturais. Na antiguidade são exemplo o Grego e o Latim, tendo este último sobrevivido na Idade Média enquanto língua política e académica, e na esfera eclesiástica até à actualidade; o Francês enquanto língua diplomática no século XVII até a actualidade e língua veicular da cultura de elite que se expande no século XVIII; o Inglês, hegemónico nas esferas políticas e comerciais mundiais a partir do período posterior à 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial<sup>3</sup>. O Inglês é actualmente uma língua internacional: nas relações internacionais e económicas, nas comunicações e nas indústrias culturais, e também no mundo académico, sendo considerado “o

---

<sup>1</sup> Cf. Eco, 1996:17-8; Etzioni, 2008:114.

<sup>2</sup> As línguas veiculares - que podem ser naturais ou gírias mais ou menos restritas - substituem as línguas naturais em áreas multilingues (Eco, *op. cit.*:18).

<sup>3</sup> Eco, *op. cit.*:309; Stefano, 2010; Archibugui, 2005.

novo latim”<sup>4</sup>. Como resume Umberto Eco: “O sucesso actual do inglês nasce da conjunção da expansão colonial e mercantil do Império Britânico com a hegemonia do modelo tecnológico dos Estados Unidos”<sup>5</sup>. Já em 1931 E. Sapir<sup>6</sup> se questiona sobre as possibilidades de adopção de uma língua artificial face às línguas nacionais então mais utilizadas, dizendo que o Inglês ocupa já esse lugar, e continuará provavelmente a ocupar por enquanto. Fora da Europa, o Swahili na África é referido por Eco<sup>7</sup> como exemplo de uma língua natural de uma região africana que, mediante factores de índole colonial e comercial, sofreu gradualmente um processo de simplificação e padronização num quadro de sincretismo linguístico e cultural árabe e latino, e assumiu papel de língua veicular na zona oriental do continente africano. Archibugi<sup>8</sup> refere outros idiomas que se tornaram línguas francas em várias regiões do mundo, como o Mandarin e o Hindi. Santiago<sup>9</sup> refere também, aludindo a vários períodos históricos, o Assírio, Persa, Turco, Árabe, Alemão e Holandês. O próprio Português, actualmente adoptado como língua oficial na maioria dos países anteriormente integrantes do império colonial, foi e ainda é língua veicular no seio de inúmeros dialectos e línguas autóctenes. A mesma situação se replica para outros países europeus que detiveram colónias no passado.

A adopção de uma língua oficial num contexto multilingue pode ainda resultar de uma política linguística, mais ou menos autoritária, num contexto de soberania política. Assim se verificou a imposição do Russo no império czarista e consequente repressão dos restantes idiomas - uma política de “russificação”<sup>10</sup> -, ou a oficialização de um idioma em detrimento de outros tornados minoritários, verificado no processo de constituição de inúmeros estados-nação europeus nos séculos XIX e XX. São exemplos o Espanhol por relação ao Basco, Catalão ou Asturiano, o Francês por relação ao Bretão e Occitano, ou o Inglês relativamente ao Gaélico<sup>11</sup>.

Fora das “comunidades políticas” existem organizações supranacionais em que a diversidade linguística pode constituir-se como elemento de tensão, de que são exemplo a Liga das Nações, embrião da Organização das Nações Unidas (ONU), e a União Europeia (UE). A UE adoptou a via da oficialização de todas as línguas nacionais dos estados-membros, ainda que o Inglês e o Francês sejam as línguas de trabalho a que na prática se recorre. A adopção de uma “língua internacional auxiliar” artificial (LIA)<sup>12</sup> nos organismos supranacionais traria a possibilidade de, sendo supostamente neutra,

---

<sup>4</sup> Etzioni, 2008:119.

<sup>5</sup> Eco, *op.cit.*:307.

<sup>6</sup> Cf. Sapir,1931:99.

<sup>7</sup> Eco, *idem*; vd. também González-Quevedo, 1997:226-7.

<sup>8</sup> Archibugi, 2005:545.

<sup>9</sup> Santiago, 1986:16.

<sup>10</sup> Cf. Forster, 1982:197.

<sup>11</sup> Cf. Archibugi, *op.cit.*; González-Quevedo, *op.cit.* ; Eco, *op.cit.*

<sup>12</sup> Terminologicamente, encontram-se várias opções sinónimas para a designação de uma língua “global” como aqui se discute: quanto à sua origem, pode dizer-se língua auxiliar, planeada, artificial, a posteriori. Quanto à

permitir ultrapassar as disputas travadas pela competição entre línguas a que subjazem relações desiguais de hegemonia e subalternização política, e que se reflecte na posição relativa dos seus respectivos idiomas. Neste sentido, diz E. Sapir<sup>13</sup> que o Francês não permaneceu como língua diplomática hegemónica, nem o Latim como língua internacional da ciência, uma vez que nenhuma logrou libertar-se por completo das implicações, respectivamente nacionais e religiosas, que lhes estavam adstritas.

Recentes transformações históricas como os novos nacionalismos europeus, a afirmação das línguas minoritárias em várias zonas do mundo, bem como as novas vagas de emigração<sup>14</sup> que ocorrem intra e intercontinentalmente, contribuem para que a questão linguística se mantenha muito actual, especialmente se vista à luz dos direitos individuais e civis<sup>15</sup>.

A história da criação de línguas planeadas tem subjacentes dois móbeis fundamentais, pelo que se distinguem analiticamente, e quase sem excepção, dois tipos de projecto.

Um mais ligado às questões da universalidade da educação e da necessidade de transmissão alargada do conhecimento humano, que implica também preocupações de funcionalidade intercomunicativa nos meios científicos a bem do progresso global, e que têm subjacentes o conceito da universalidade da razão e conseqüente formulação de sistemas de classificação universais. Esta preocupação recobra visibilidade no século XVII, quando o humanista John Amos Comenius na obra *Via Lucis* de 1641 sustenta a inadequação do Latim por ser elitista e linguisticamente complexo<sup>16</sup>; Descartes tinha discutido em 1629 as características necessárias a um tal projecto, referindo a necessidade de uma gramática simplificada e racionalizada e sublinhando que “l’invention de cette langue dépend de la vraie philosophie”<sup>17</sup>. John Wilkins concebe uma “linguagem filosófica” em 1668, e Leibniz, ainda no mesmo século, atém-se inicialmente a uma linguagem lógica inspirada nas línguas

---

dimensão da sua aplicabilidade, surgem os termos veicular, franca, internacional, universal, terra lingua e interlíngua.

<sup>13</sup> Sapir, *op. cit.*: 102.

<sup>14</sup> Cf. Archibugi, *op.cit.*

<sup>15</sup> Neste campo, vários debates (vd. Archibugi, 2005; Ives, 2010; Etzioni, 2008) convocam a questão da participação política quer dos cidadãos de países multilingues, quer dos cidadãos “do mundo”, enquadrados na actual ordem de globalização: discutem-se fundamentalmente posições cosmopolitas e multiculturalistas relativamente às políticas linguísticas. Assim, em que medida os idiomas devem ter o mesmo estatuto, e em que medida a adopção de uma língua franca deverá ser artificial - “The universal language is the key to cosmopolitan citizenship” (Archibugi, *op. cit.*: 545) -, ou natural, surgindo o Inglês como melhor posicionado. Discutem-se igualmente as relações entre nações e etnias: “the EU not only seeks to help promote the 23 primary, particularistic languages of its members (which is in line with the recognition of the constitutive community building role of primary languages) but also calls for multi-language capacity development” (Etzioni, *op. cit.*:116); trata-se aqui de uma política multiculturalista que visa tolerância perante a diversidade cultural.

<sup>16</sup> Etzioni, *op. cit.*:114.

<sup>17</sup> Cit. por Janton, 1973:8.

ideográficas chinesa e egípcia, e mais tarde, reconsidera a simplificação do Latim<sup>18</sup>. Depois no século XIX com a concretização do progresso social possibilitado pela ciência e pela técnica, a questão de uma língua internacional continua premente: “Au XIXe siècle le développement de la linguistique allié à celui du commerce, de l’industrie et des doctrines sociales explique la continuité de la tradition”<sup>19</sup>. Em 1900, no contexto designado por Anderson<sup>20</sup> de pré-globalização dos transportes e comunicações, permitida com o telégrafo e telefone - já em 1876 tinha sido fundada a Universal Postal Union -, barco a vapor e caminhos de ferro, complexificam-se as relações entre as nações coloniais, não só na dimensão económica, mas também científica. É assim que entidades supranacionais como o Bureau des Poids et des Mesures ou a Associação Geodésica Internacional integram, respectivamente, 16 e 18 estados. Também neste contexto é fundada a Associação Internacional das Academias Científicas, para que coordene a produção científica, “sous peine de revenir à la tour da Babel”<sup>21</sup>. Como corolário deste processo é criada em 1901 em Paris a Délégation pour l’Adoption d’Une Langue Auxiliaire Internationale, com o objectivo de promoção de uma instância de decisão internacional por delegação nas Academias Científicas mundiais<sup>22</sup>.

O segundo móbil inscreve-se no universo das relações entre as nações imperiais europeias, das questões da paz entre as nações no auge dos nacionalismos e das suas disputas no território europeu, e das ideologias socialistas que mobilizaram o mundo operário - também estas ancoradas nas ideologias positivistas. Neste caso, e como recorda Archibugi<sup>23</sup>, Karl Marx escreveu o discurso inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores em Alemão e em Inglês; nos primeiros quatro congressos da Internacional Comunista uma longa cadeia de traduções criou distorções nas posições emitidas pelos delegados; quanto à Internacional Socialista, o Alemão era o idioma dominante, com o conseqüente descontentamento dos membros francófonos<sup>24</sup>.

Em qualquer das duas situações referidas, a conceptualização da perfeição da língua está presente, pois persegue-se a realização de um instrumento linguístico que seja universal: lógico como a matemática e a filosofia, ou, acessível e fácil de aprender pelos diversos grupos humanos, tendo a capacidade de traduzir todas as dimensões da comunicação humana. No primeiro caso, temos os projectos *a priori*, muito filosóficos e presos à perfeição lógica; no segundo caso, as línguas *a posteriori*, ou pseudolínguas<sup>25</sup> enquanto derivações simplificadas dos idiomas naturais. Existem

---

<sup>18</sup> Forster, *op. cit.*:43-4.

<sup>19</sup> Janton, *op.cit.*:11.

<sup>20</sup> Anderson, 2005:3.

<sup>21</sup> Eco, *op. cit.*: 295.

<sup>22</sup> Eco, *op. cit.*:296; Forster, *op. cit.*: Capítulo 4.

<sup>23</sup> Archibugi, *op. cit.*:541-2.

<sup>24</sup> Nos congressos pela paz realizados no século XIX a maioria dos discursos foi realizada em Francês, com recurso a tradutores (Archibugui, *op.cit.*:542).

<sup>25</sup> Janton, *op. cit.*: 12.

também, segundo esta categorização linguística, as línguas mistas, que recorrem a ambos os universos conceptuais, e que são coevas das línguas *a posteriori*<sup>26</sup>. Qualquer dos dois é também, a seu modo, epifenómeno do processo positivista que “contaminou” todo o pensamento social e político com a sua fé no progresso provinda da ciência, que têm a montante o universo iluminista da ciência racionalista e do seu papel na transformação da sociedade e na vida dos indivíduos. Como recorda Gellner<sup>27</sup>, o universalismo foi um elemento matricial do Iluminismo.

Finalmente, ver-se-á que a questão de uma língua internacional se torna mais inteligível quando reportada ao enquadramento histórico mundial do início do século XX: referimo-nos às tendências em tensão, por um lado para a mundialização, por outro, para a questão dos nacionalismos, no âmago dos quais a língua nacional foi um elemento tão fundamental de propaganda política e instrumento na criação de uma narrativa ideológica de povo, raça, história, tradição e cultura. Assim, E. Sapir diz, no início da década de 1930: “Le monde moderne se heurte à la difficulté de concilier l’internationalisme qui le caractérise avec des survivances ou des résurgences de nationalisme”<sup>28</sup>.

A ideia de uma língua universal, na forma como surge nos século XIX, é um fenómeno enquadrado no contexto político, científico, económico e ideológico, razão pela qual nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século que se seguiu foi uma questão largamente discutida, e pelo que tantos projectos de línguas foram desenhados: Universal Sprache (1868), Universalglot (1868), Volapük (1878) mais tarde, em 1902, designado Idiom Neutral, Pasiligua (1885), Língua (1888), Mondolingue (1888), Spelin (1888), Anglo-Franca (1889), Nov Latin (1890), Latino sine Flexione (1903), mais tarde designado Interlingua, Ido (1907), que é uma versão simplificada do Esperanto<sup>29</sup>. O Esperanto é criado em 1887. Várias destas tentativas seguem uma tendência de latinização: “La plupart des interlangues depuis 1887, an I de l’espéranto, non seulement appartient au type indo-européen mais encore à la famille latine”<sup>30</sup>.

O Esperanto é o único projecto que de facto sobreviveu, e tornou-se uma língua viva, falada e escrita por uma comunidade internacional. Diferentemente, o Volapük, sistema misto criado em 1878 pelo padre católico alemão Johann Martin Schleyer, com preocupações filantrópicas, não passou de uma fase experimental: ainda que com publicações e “falantes” sobretudo de origem alemã, associações, e alguns congressos, não logrou vencer a competição com o Esperanto<sup>31</sup>. O léxico do

---

<sup>26</sup> As línguas *a priori* ficaram historicamente circunscritas ao século XVII e XVIII, tendo reaparecido recentemente na forma de linguagens cibernéticas (Janton, *op.cit.*:14).

<sup>27</sup> Gellner, 1994:27.

<sup>28</sup> Sapir, *op. cit.*: 102.

<sup>29</sup> Eco, *op. cit.*:299-300; Etzioni, *op. cit.*:115; Janton, *op. cit.*; Forster, *op. cit.*

<sup>30</sup> Janton, *op. cit.*: 22-3.

<sup>31</sup> Cf. Forster, *op. cit.*:45-8; Janton, *op. cit.* A American Philosophical Society tinha formado um comité para a discussão da adequação do Volapük como língua internacional, que foi rejeitado em virtude de o seu vocabulário ter sido considerado não familiar, apesar de criado a partir das línguas “arianas”. A Academia

Esperanto é fundamentalmente de raiz latina, como atestam 60% dos seus radicais; os restantes, seguindo um critério distributivo, são primordialmente gregos, depois germânicos e eslavos<sup>32</sup>.

## 2.2. O movimento esperantista

O autor do Esperanto é o médico judeu e polaco Ludwig Lazar Zamenhof. A Polónia estava sob domínio russo e a experiência de juventude de Zamenhof foi vivida num território interétnico em que conflituavam judeus, russos, polacos e alemães. A vivência da conflitualidade pontuada pelas diferenças linguísticas foi decisiva para a sua determinação de criar uma língua que pudesse ser partilhada mundialmente e aproximasse as pessoas de todas as origens culturais. Zamenhof conhecia projectos anteriores de línguas planeadas, considerando-as insatisfatórias. A primeira publicação do Esperanto em 1887 surgiu em Russo, Polaco, Alemão e Francês. Os primeiros apoiantes foram maioritariamente russos - intelectuais judeus e simpatizantes de Tolstoi - e alemães inicialmente próximos do Volapük e que aderiram ao Esperanto<sup>33</sup>. A adesão de cidadãos destes países é confirmada pelo facto de as primeiras traduções literárias para Esperanto serem de obras de Pushkin e de Goethe.

A primeira publicação periódica esperantista *La Esperantisto* teve início em Nuremberga em 1889, com a colaboração de Zamenhof: “The journal [was] particularly significant as a source of authority for Zamenhof, and in 1890 it was transferred to his personal supervision”<sup>34</sup>. Contudo, a opinião favorável expressa publicamente por Tolstoi, pessoa suspeita pelo regime czarista em virtude das suas posições cristãs anarco-pacifistas - cujas obras foram interditas por tidas como danosas para a Igreja e o Estado - teve como consequência a suspensão da publicação do *La Esperantisto* na Rússia em 1895<sup>35</sup>. Assim, e em virtude da sua dimensão, o clube esperantista de Uppsala na Suécia iniciou ainda nesse ano a publicação do jornal *Lingvo Internacia*. A partir de 1902 passou a ser editado na Hungria, mudando para Paris em 1904, onde existia uma organização esperantista desde 1898. Esta deslocação para Paris ditará doravante a base geográfica e ideológica do movimento internacional nas duas a três décadas seguintes, país onde em 1905 se realizará o primeiro congresso universal de Esperanto em Boulogne-sur-Mer. Este evento não cessou mais de ocorrer anualmente, com excepção dos períodos em que decorreram as duas guerras mundiais. Em França, o Esperanto cedo se tornou foco de interesse de intelectuais, universitários e cientistas, meio onde os adeptos das ideias

---

voltou a sua atenção para o Esperanto, intentando a realização de um congresso internacional em 1888, que não se realizou (Forster, *op.cit.*:55-6). Zamenhof, no discurso que proferiu no primeiro congresso esperantista universal em 1905 fez referência à contribuição de Schleyer para a concepção de uma língua universal (Zamenhof, 1905:109).

<sup>32</sup> Santiago, *op.cit.* 1986:62; Eco, *op. cit.*:304.

<sup>33</sup> Forster, *op. cit.*:54-7.

<sup>34</sup> Forster, *idem*.

<sup>35</sup> Só viriam a ser novamente permitidas publicações esperantistas após a revolução de 1905 (Forster, *op. cit.*:65).



positivistas encararam as virtualidades do Esperanto como contributo para a evolução e racionalização da sociedade<sup>36</sup>.

A visão mais instrumental francesa diferia bastante da de Zamenhof e dos seus seguidores a Leste. Se os apoiantes russos tinham razões para manterem com as entidades governamentais uma relação de suspeição e reserva, em França, a estratégia foi a da procura de reconhecimento e apoio oficial, especialmente na pessoa de Louis de Beaufront, figura inicial na promoção do Esperanto junto das organizações científicas e no recrutamento de personalidades influentes. O primeiro momento de confronto ideológico ocorreu no primeiro congresso, em 1905, quando Zamenhof proferiu o seu discurso inaugural: “And now for the first time the dream of thousands of years begins to be realised. In this small French seaside town have met men from the most varied countries and nations, and they met each other (...) as members of one nation (...); in our meeting (...) we all stand on a neutral basis”<sup>37</sup>. Mas no final do seu discurso faz um apelo místico: “I feel that at this moment I do not belong to any national or partisan religion, but I am only a man. And at this moment only that high moral force stands before the eyes of my soul, and to this unknown force I turn with my prayer”<sup>38</sup>. Muitos presentes aplaudiram entusiasticamente, mas os líderes franceses discordaram desta inclinação idealista de pendor religioso. De qualquer modo, o mais importante resultado do congresso foi a Declaração de Bolonha, afirmando que o movimento tinha como fundamento unicamente um móbil linguístico:

Esperantism is an endeavour to disseminate in the whole world the use of a neutrally human language which (...) would give men of different nations the possibility of understanding between one another, which could serve as a peace-keeping language of public institutions in those countries where nations fight one another on account of language, and in which could be published those works which have equal interest for all peoples. Every other idea or hope which any Esperantist links with Esperantism is his purely private affair, for which Esperantism is not responsible<sup>39</sup>.

---

<sup>36</sup> Entre os primeiros esperantistas destacados do movimento francês encontram-se Emile Boirac, filósofo (cuja tese versava Leibniz), e reitor da Universidade de Grenoble; Carlo Bourlet, matemático, fundador da revista literária *La Revuo*, que conseguiu o apoio da editora Hachette, importante na edição em Esperanto; Théophile Cart, linguista e vice-presidente da Société Linguistique de Paris, professor de Francês na Universidade de Uppsala; Louis Couturat, filósofo e matemático, discípulo de Leibniz, autor de *Histoire de la Langue Universal*; Emile Javal, médico, deputado liberal social-democrata, com ligação pessoal próxima a Zamenhof; Alfred Michaux, advogado originalmente interessado no Latim reformado; Hippolyte Sébert, general do exército francês e membro da Academia Francesa de Ciências; o empresário René Lemaire; Léopold Leau, matemático e colaborador de Couturat; e Louis de Beaufront, ele próprio autor de um projecto linguístico, o *Adjuvanto*, que terá abandonado quando conheceu o Esperanto. Beaufront editou o primeiro livro de Esperanto em França e fundou em 1898 a revista *L'Espérantiste*.

<sup>37</sup> Cit. por Forster, *op.cit.*:83

<sup>38</sup> Cit. por Forster, *op. cit.*:84.

<sup>39</sup> Cit. por Forster, *op. cit.*: 89-91.

Outro resultado fundamental foi a criação do Lingvo Komitato, um comité específico para as questões linguísticas, que na prática dependia da última palavra de Zamenhof. A constituição de uma liga de esperantistas sugerida por Zamenhof não ficou decidida, mas constituiu-se em 1906 em Paris uma sede, ou escritórios centrais - Centra Oficejo - marcando assim a hegemonia francesa nesta fase do movimento.

No segundo congresso que decorreu no ano seguinte em Genebra, Zamenhof declara que o esperantismo encerra uma “ideia intrínseca” (*interna ideo*) - a fraternidade, a paz e a justiça entre os povos - que é opcional e valorativa, e que se distingue de uma opção de relação normativa com o Esperanto, válida mas apenas racional, isto é, presente nos que vêm no Esperanto apenas uma língua<sup>40</sup>. No início deste congresso - e em virtude de Zamenhof ter logo no seu discurso de abertura referido a opressão política da sua Polónia natal - H. Sébert logrou a aprovação de uma declaração de neutralidade nos congressos de Esperanto, inviabilizando qualquer discussão de questões políticas e religiosas<sup>41</sup>. A aceção de neutralidade dos representantes franceses diferia da de Zamenhof, para quem seria uma ideologia emergente, tendo como motor o Esperanto: “He [Zamenhof] referred to “neutralisation”, a new common international value system, providing a rhetoric of interaction in an international milieu”<sup>42</sup>.

Mas uma verdadeira cisão estava para acontecer, em 1907. L. Couturat e L. Leau tinham em 1900 constituído a Délégation pour l’Adoption d’Une Langue Auxiliaire Internationale tendo, depois de extensiva investigação, apresentado em 1907 à International Association of Academies reunida em Viena uma proposta de adopção de uma língua internacional: tratava-se do Esperanto, por ser de entre os projectos existentes o mais flexível, e pelo facto adjuvante de ter já um uso prático disseminado. Todavia, algumas modificações linguísticas estavam apontadas - algumas inspiradas na sua herança leibniziana -, nomeadamente relativas à ortografia, ao emprego obrigatório do acusativo, a certas

---

<sup>40</sup> Zamenhof prosseguia, primeiro anonimamente (através de uma publicação em 1906) e depois assumidamente, em 1913, na sua visão idealista do Esperanto enquanto elemento de um ideal maior, desenvolvendo o Homaranismo, uma religião neutral da humanidade. Quando resigna da liderança do movimento em 1912, é com a intenção de se dedicar totalmente a este projecto. Mas em 1914 teve início a 1.ª Guerra Mundial, e em 1917 Zamenhof faleceu por doença. Já em 1907, no congresso universal em Cambridge, o autor do Esperanto tinha forjado a ideia desta língua poder ser como uma segunda nacionalidade para os esperantistas: “the idea of Esperanto-land with the Congress as its capital. (...) the Congress came to be seen as a microcosm of a utopian vision of a future world society” (Forster, *op. cit.*:105).

<sup>41</sup> Deste modo, paralelamente à programação dos congressos, todas as questões poderiam ser discutidas privadamente, em reuniões de especialistas. É um princípio que se manteve, pelo que os congressos universais contemplam em simultâneo reuniões de grupos esperantistas com interesses particulares. Registos de 1979, a título de exemplo, mostram a existência de associações de budistas, Baha’i, cristãos protestantes, Quakers, jornalistas, matemáticos, médicos, filólogos, nudistas, rádio-amadores, Rotários, Escuteiros, ferroviários, entre outros (Forster, *op.cit.*:37-8).

<sup>42</sup> Forster, *op.cit.*:105.

raízes vocabulares, ou ao sistema de derivação de palavras. Aquela Associação declarou-se incompetente para se pronunciar sobre o assunto, pelo que a Delegação constituiu ela mesma um comité para o efeito, para a qual Zamenhof também nomeou um delegado. A Delegação decide aceitar o Esperanto mas com modificações, o que teve como consequência uma divisão dentro do movimento: os elementos mais conservadores, quer em questões linguísticas quer nas questões ideológicas e afectivas relativamente à língua, mantiveram-se leais à versão criada por Zamenhof, e muitos adeptos do reformismo aderiram ao projecto aprovado pela Delegação, o Ido. Ido significa “descendente”, e era de facto um projecto anónimo que comungava dos princípios apontados por Couturat e Leau, razão por que teve apoio da Delegação; no decurso das negociações entre a Delegação e os esperantistas, a sua autoria foi assumida por L. de Beaufront, o delegado nomeado por Zamenhof. O Ido não teve uma história de longevidade consistente como a do Esperanto, mas sobreviveu muitas décadas. Este acontecimento é conhecido pela cisão do Ido, e pôs em confronto duas visões do Esperanto, uma tecno-científica, protagonizada pelos reformistas, e outra de pendor valorativo associado, próxima do autor da língua<sup>43</sup>.

No mesmo ano da cisão, é criada a Associação Universal de Esperanto: Universala Esperanto-Asocio (UEA). O suíço Hector Hodler foi o mentor da criação desta entidade, tendo advogado a necessidade de uma organização formal de esperantistas, sublinhando que os conflitos recentes se explicavam pelo tipo de autoridade legítima vigente no movimento, *i.e.*, a figura matricial de Zamenhof. No congresso universal de 1908 em Dresden os fundamentos da UEA foram aprovados, com satisfação de Zamenhof. Assim:

it was a supernational Association of individuals. This system bypassed nation-states and was thus in accord with the nonpolitical internationalism associated with the *inner idea*. It provided an alternative and potentially conflicting tendency to ideas already proposed for a federation of national Esperanto Associations<sup>44</sup>.

No período entre 1908 e 1914 discutiu-se muito nos congressos a organização oficial do movimento, e a UEA - que em 1910 já tinha 8000 membros e 850 delegados - ganhava estatuto como entidade. O início da guerra veio suspender as actividades do movimento esperantista, decorrendo contudo, que a localização geográfica da UEA na Suíça lhe permitiu desenvolver um serviço, publicitado na imprensa, de ajuda no reenvio de correspondência particular entre países em conflito: a

---

<sup>43</sup> L. Couturat escreveu em 1912: “voilà des «combattants pacifiques» qui se flattent de renverser «les murailles millénaires qui séparent les peuples» ...; et ils n’ont rien de plus pressé que de constituer un «peuple» nouveau, une «nation» à parte et de s’entourer d’une muraille de Chine, pour préserver leur «chère langue» de toute atteinte de la part des «étrangers»! On ne saurait imaginer une contradiction plus ridicule!” (em *L’Echec de L’Espéranto devant la Délégation*, 1912, Paris, Chaix, p. 43, cit. por Forster, *op.cit.*:132-3).

<sup>44</sup> Forster, *op. cit.*:156. Alguns dos princípios da UEA aprovados em 1908 são: “The goal of the Association is the facilitation of relations of all kinds between speakers of different languages and the creation of a strong link of solidarity between the members”; e “UEA is neutral in relation to religion, politics and nationality (cf. Forster, *op. cit.*:155).

correspondência era enviada para a UEA em Genebra e seria então enviada para o seu destino, se necessário, depois de traduzida. Cerca de 200 000 cartas foram encaminhadas desta forma durante o conflito mundial<sup>45</sup>.

Depois da guerra foi possível retomar a discussão da organização formal do movimento, e no congresso universal de Helsínquia em 1922 as duas tendências estavam em discussão: a internacional, com base no Centra Oficejo de Paris, representada pelas associações nacionais, e particularmente importante na divulgação da língua, e, a supranacional ou cosmopolita, representada pela UEA, com base na Suíça<sup>46</sup>. O contrato então celebrado em Helsínquia logrou por algum tempo a coexistência das duas tendências, uma vez que os organismos existentes foram todos integrados, mantendo os seus traços intrínsecos<sup>47</sup>. Tratou-se de um importante passo na organização formal do movimento - ou processo de burocratização característico do percurso dos movimentos sociais, de acordo com o enquadramento teórico de Peter Forster - em que ocorre uma translação da autoridade da personalidade carismática de Zamenhof para os organismos formais emergentes.

O reconhecimento do papel da UEA durante a 1.ª Guerra valeu-lhe que a Liga das Nações considerasse que o espírito de solidariedade internacional daquela entidade esperantista estava de acordo com os seus próprios princípios; entre 1920 e 1924 a UEA manteve negociações com a recém-fundada Liga das Nações, tendo proposto a discussão do reconhecimento de uma língua internacional. Vários países de pequena dimensão e outros fora da Europa deram apoio ao Esperanto, contudo, uma forte pressão francesa fez fracassar o curso da discussão<sup>48</sup>. A França estava num processo de perda de hegemonia no universo diplomático - como verificado durante o Tratado de Versailles - e, perante a discussão do ensino do Esperanto nas escolas enquanto segunda língua, apresentou em 1923 uma resolução de recomendação do estudo das línguas modernas e das literaturas estrangeiras, em detrimento de uma língua artificial. O governo nacionalista de Poincaré via o Esperanto como uma ameaça: “the Minister of Education in the Poincaré government forbade the teaching of Esperanto in

---

<sup>45</sup> Pode ler-se em A. Auld (1992:66): “Pero el servicio no se limitaba a la simple recepción y reenvío de cartas. Llegaban preguntas de todo tipo, búsqueda de personas desaparecidas, envíos de dinero, de paquetes, ayuda a los prisioneros civiles, y también peticiones de información sobre los soldados (...) durante diciembre de 1914 la entrada diaria de correspondencia se cifraba entre 250 e 300 cartas y paquetes”.

<sup>46</sup> Forster, *op.cit.*:165.

<sup>47</sup> A organização do movimento contará quatro instituições designadas de oficiais, segundo o contrato de Helsínquia: o já existente Comité Linguístico (e a sua Academia, criada em 1908), a UEA, os representantes permanentes das associações nacionais, e, o Centra Oficejo, agora designado Comité Central Internacional (Forster, *op.cit.*:162-5).

<sup>48</sup> O apoio da representação dinamarquesa foi para o Ido (Forster, *op. cit.*:179).

French schools. He argued that French would always be the language of civilisation and that Esperanto would have to be opposed, since its aim was to prevent national culture from existing”<sup>49</sup>.

O Reino Unido, também um país com poder negocial na Liga das Nações, assistia a uma utilização internacional da sua língua em progressivo crescimento, pelo que não seria do seu interesse o apoio ao ensino do Esperanto<sup>50</sup>.

Dentro do universo esperantista nasceu também no princípio do século uma associação internacional de trabalhadores, que cedo se tornou independente daquele movimento. Compartilhando noções matriciais de internacionalismo e positivismo, o Esperanto foi aqui orientado para as necessidades de educação e também da comunicação entre os trabalhadores, designadamente nos encontros internacionais<sup>51</sup>. O seu mentor foi o francês Eugene Adams, denominado nos círculos esperantistas de esquerda, em virtude da sua reputação de heterodoxia, pelo “nome de guerra” Lanti, derivação em Esperanto de L’anti. As influências anarquistas que sofreu antes da 1.ª Guerra - período durante o qual aprendeu Esperanto -, juntamente com o marxismo e o positivismo são o fundamento ideológico da sua acção<sup>52</sup>. Lanti era admirador de Zamenhof e da filosofia da UEA, à qual apenas criticava a neutralidade política. Assim, a sua visão do Esperanto era a de um instrumento na educação

---

<sup>49</sup> Forster, *op. cit.*:183. Veja-se em Ernest Gellner (1994) e em José Neves (2008) o papel da apologia da cultura dentro dos sistemas ideológicos nacionalistas.

<sup>50</sup> Contudo, o Esperanto já tinha alguma visibilidade noutras dimensões, e a UEA logrou a realização de vários congressos para a discussão da sua aplicação em áreas diversas. Em 1923 em Veneza realizou-se a “International Conference for a Common Commercial Language”: 23 países representaram câmaras de comércio, feiras, organizações industriais, de transportes e de turismo, tendo apresentando relatórios positivos sobre o uso do Esperanto e resoluções também favoráveis ao seu uso no comércio e ao seu ensino em escolas comerciais. Em 1924 realizou-se a “Preparatory Conference for an International Radio-Telephony Agreement” em Genebra. Em 1925, em Paris, ocorreram três conferências: os esperantistas estiveram representados em Paris num congresso de clubes de rádio, em que também estiveram falantes de ido dedicados a esta actividade; a Câmara de Comércio de Paris patrocinou uma conferência sobre o uso do Esperanto no comércio e na indústria; e, de acordo com uma resolução da Academia Francesa de Ciências de 1921 favorável ao uso do Esperanto enquanto adjuvante no universo científico internacional, a UEA organizou com a Associação Esperantista de Ciência uma conferência sobre o uso do Esperanto na ciência e na tecnologia (cf. Forster, *op.cit.*: capítulo 6).

<sup>51</sup> Logo após o primeiro congresso universal em 1905 L. Couturat disserta, no jornal socialista francês *L’Humanité*, acerca do valor do Esperanto para os trabalhadores, que não têm ao seu alcance o luxo da aprendizagem de línguas estrangeiras. Também em 1910 Zamenhof escreve ao recém-criado periódico alemão de trabalhadores esperantistas *Der Arbeiter Esperantist*, dizendo: “Perhaps for nobody in the world does our democratic language have such importance as for the workers, and I hope that sooner or later the working class will be the strongest support for our cause” (cf. Forster, *op. cit.*:189).

<sup>52</sup> Forster, *op. cit.*:190-1.

não-nacionalista: uma chave para a emancipação do proletariado, uma vez que a unidade linguística no interior do estado-nação criava uma solidariedade entre a burguesia e o proletariado<sup>53</sup>.

Em 1921 é fundada a Sennacieca Asocio Tutmonda (SAT) - que significa associação dos sem nacionalidade -, cuja primeira reunião ocorreu como encontro de especialistas no congresso universal de Praga, organizando a partir daí os seus próprios congressos independentemente do movimento “neutral”. Era uma associação internacional de trabalhadores, que congregava todo o espectro de posições socialistas, nomeadamente, comunistas, social-democratas e anarquistas, mas independente de partidos políticos. Este eclectismo revelou-se um factor de tensão e conflito na primeira década de existência da SAT, impedindo a concretização de um programa comum, e discutido recorrentemente em todos os congressos anuais. Por um lado, os esperantistas soviéticos pressionaram desde o início o movimento internacional dos trabalhadores esperantistas para uma assumpção dos princípios estritos da Terceira Internacional. Logo em 1921 Lanti replicou-lhes do seguinte modo:

Our association must not be a political organisation, in the narrow sense of the word. Let it be educational, instructive, helpful and effective; in such a manner it will be more revolutionary than the political parties, which especially aim at making *partisans*, not conscious revolutionaries, *i.e.*, men in whose minds old-fashioned ideas have disappeared and into whom have entered qualities enabling a new social system<sup>54</sup>.

A extrema pressão soviética teve em 1924 como consequência o afastamento de facções anarquistas, por considerarem que o posicionamento comunista estava sobre-representado relativamente aos restantes posicionamentos que se reclamavam do socialismo. Em 1931 no congresso de Londres os comunistas soviéticos, não tendo conseguido que a SAT se tornasse unicamente comunista, cumpriram a ameaça que tinha lançado em 1928 de abandonar a associação. Os trabalhadores esperantistas alemães decidiram igualmente abandonar a SAT, facto que, conjuntamente com o abandono soviético, significaria a quase falência financeira da organização pela queda abrupta de um grande contingente de subscritores. Finalmente, também os sociais-democratas da Áustria se retiram, pois com a saída dos comunistas a SAT perdera a representatividade de todos os componentes do espectro socialista<sup>55</sup>. Ocorriam na SAT as mesmas divergências que tendencialmente cindiam o

---

<sup>53</sup> Forster, *op. cit.*:196.

<sup>54</sup> Cit. por Forster, *op. cit.*:192-3.

<sup>55</sup> Depois das cisões com a SAT os dissidentes tenderam a constituir novos grupos, com longevidades diversas, mas quase todos com o fim ditado pela repressão política. Assim, os esperantistas soviéticos integraram a Internacio de Proletaraj Esperantistoj, estritamente soviética, abruptamente transferida de Moscovo para Londres em 1937. Em 1933 os austríacos formaram a Internacio de Socialistaj Esperantistoj que não sobreviveu ao fascismo, do mesmo modo que os esperantistas alemães foram silenciados pouco depois da cisão. Os anarquistas que em 1924 abandonaram a associação constituíram a Tutmonda Ligo de Esperantiataj Senŝtatanoj, (*i.e.*, liga mundial de esperantistas sem Estado), que publicou um jornal entre 1925 e 1931 (cf. Forster, *op. cit.*: capítulo 7).

movimento operário em geral<sup>56</sup>. Na União Soviética o Esperanto foi inicialmente entevisto pelo regime de Stalin como um instrumento de propagação da causa soviética além-fronteiras, no entanto, tornou-se indesejado por implicar um reverso desestabilizador: por ser uma forma não controlada de contacto com o exterior permitia por um lado a entrada de ideias potencialmente perigosas, bem como, circulação de visões críticas do regime para o exterior. Aparentemente milhares de esperantistas foram executados ou longamente aprisionados, pelo menos na segunda metade da década de 1930<sup>57</sup>.

Em 1933 em virtude da situação política, a sede da SAT foi transferida de Leipzig para Paris, ano em que Lanti resignou da sua posição de liderança<sup>58</sup>. A SAT sobreviveu em Paris à 2.ª Guerra Mundial, tendo mantido a sua separação relativamente ao foco do movimento protagonizado no pós-guerra pela UEA, cuja organização baseada na representação nacional – inicialmente aquando da sua formação e depois apenas parcialmente -, constituía um princípio incompatível com a SAT. O símbolo desta organização é também distinto do resto do movimento: ostenta igualmente a estrela verde, todavia circundada a vermelho.

A União Soviética não era o único país com aspectos repressivos. Depois de um período pacífico e pacifista que se seguiu à 1.ª Guerra Mundial, ressurgem na Europa os nacionalismos autoritários. Este contexto traria aos esperantistas um amargo período, quer interna quer externamente ao movimento. Desde logo, a emergência de um contexto de nacionalismo estrito é, em teoria, potencialmente conflitual com a ideologia internacionalista e cosmopolita do esperantismo; mas no interior do próprio movimento diferentes atitudes face à situação política emergente criarão novas cisões. A UEA, supranacional e orientada valorativamente para a solidária “interna ideo” colide com as associações nacionais por considerar que são tolerantes relativamente aos Estados em que o fascismo eclodiu; na sua tentativa de procura de reconhecimento oficial e de salvaguarda da própria sobrevivência, as associações nacionais temiam entrar em conflito directo com as instâncias de poder político, como se terá verificado em França e na Alemanha.

Em França a associação nacional demarcou-se ostensivamente da SAT, organização que dava a entender o Esperanto como um instrumento de subversão. Diz Forster: “Tensions of this kind were present in all national Esperanto associations representing large and powerful nation-states. This was

---

<sup>56</sup> Cf. Forster, *op.cit.*:199.

<sup>57</sup> Cf. Forster, *op.cit.*:203.

<sup>58</sup> Lanti resigna, tal como Zamenhof, por razões de ideologia pessoal. Se Zamenhof intentava a disseminação do seu ideal homaranista que ia além do esperantismo, Lanti desenvolvia também ele uma doutrina que ia além da acção desenvolvida na SAT: uma ideologia de radicalização dos princípios não-nacionalistas, o *sennaciismo*. Lanti rejeitava todos os atributos característicos de uma nação, como as línguas e culturas nacionais, costumes e tradições, considerando-os obstáculos à unificação do proletariado. Racionalista, esperava os benefícios da aplicação da razão e do progresso à sociedade, como por exemplo, uma administração mundial e racional da energia e dos recursos em benefício de todos (cf. Forster, *op.cit.*: 195-6). Lanti inicia nesta altura uma viagem pelo mundo, com passagem por Portugal em 1936.

true of the French movement especially during the Poincaré government, but it was nowhere more evident than in Germany, where a conscious attempt was made to avoid offending the Nazi party”<sup>59</sup>.

Sublinhe-se particularmente os acontecimentos ocorridos sob o regime nazi. Logo em 1933 verificaram-se algumas concessões iniciais ao regime, nomeadamente no congresso esperantista decorrido em Colónia: “The mayor of Cologne had spoken at the 1933 Cologne World Congress and had remarked that «The National-Socialist Revolution had to come in Germany to guard the world against Bolshevism». This remark had been greeted with applause”<sup>60</sup>. Em 1935 deu-se a expulsão dos judeus da associação esperantista nacional, que tinha adoptado o slogan “Through Esperanto for Germany”. Segue-se a fundação de uma nova associação, designada Neue Deutsche Esperanto-Bewegung.

Para além da posição de desaprovação da UEA relativamente à conduta de várias associações nacionais neste período, a sua situação financeira estava por esta altura dificultada: a dupla mobilização dos esperantistas, para as associações nacionais e para a UEA, significava para os membros um esforço financeiro duplo que muitas vezes resolviam em prejuízo da segunda. O Contrato de Helsínquia, celebrado em 1922, termina em Paris uma década depois: a proposta francesa de uma federação nacional de associações que estava em negociação, com o desacordo da UEA, acabou por vingar, sendo os delegados da UEA agora designados pelas associações nacionais. O processo eleitoral em 1934 para o comité da nova organização - que mantinha a designação de UEA - tem como resultado uma direcção orientada por princípios muito distantes dos que tinham presidido à fundação daquela organização, agravado pela deslocação da sede de Genebra para Londres<sup>61</sup>. As pressões nacionalistas do contexto político europeu parecem igualmente ter penetrado e contaminado a direcção do movimento esperantista.

Os anteriores dirigentes da UEA saem desiludidos, fundando a Internacia Esperanto-Ligo (IEL) - que todavia apela à mobilização das associações e delegados, conseguindo em 1937 um

---

<sup>59</sup> Forster, *op. cit.*:213.

<sup>60</sup> Cit. por Forster, *op. cit.*: 218.

<sup>61</sup> Assim, diz Forster: “a shift in ideology away from the supernational tendency had occurred. The value- and norm-oriented division became clear; value-oriented Esperantists reproached the norm-oriented camp for «not having the inner idea», and in turn were rebuked by norm-oriented camp for being «mystics»” (Forster, *op. cit.*:217). Presidiu à nova estrutura o general francês Louis Bastien, e o vice-presidente Anton Vogt, membro do partido Nazi. O primeiro número de 1935 da publicação oficial da UEA, *Esperanto*, trazia na abertura “A new goal - a new spirit”; no número anterior o artigo “The German viewpoint on the racial problem” argumentava que “the Nazis were merely saying that he races were different and that confusion of racial divisions was dangerous. It pointed out that German legislation on the subject of race was not aimed at judging the different races” (Forster, *op. cit.*:218). Mas no final do ano de 1936 é estabelecido um novo comité para a organização, e os artigos na *Esperanto* retomam os ideais de Zamenhof (cf. Forster, *op.cit.*:220).



número de membros a rondar os 13 500, contra os 1300 da UEA. Durante a guerra actuam paralelamente, a UEA na Suíça e a IEL no Reino Unido que, apesar de beligerante, não sofreu invasões; prosseguiram as suas actividades sem confrontos, de tal modo que actuam em concertação de forma a tentar salvar a família Zamenhof da perseguição política. Deste modo a unificação é facilmente conseguida após a guerra, bem como retorno à antiga designação - UEA - em 1946<sup>62</sup>.

A condição dos esperantistas foi dramática na 2.<sup>a</sup> Guerra. Os esperantistas socialistas alemães tinham logo em 1933, não obstante as concessões iniciais referidas, sido forçados ao desaparecimento<sup>63</sup>. Em 1935 o ministro da educação alemão alegando que o Esperanto enfraquecia valores essenciais do carácter nacional, proibiu o seu ensino, e em 1936 foi declarado ilegal. Nos países controlados pelo regime nazi o Esperanto foi ilegalizado em 1938 na Áustria, em 1939 na Polónia - tendo a família Zamenhof sido presa e deportada -, em 1940 na Checoslováquia, em 1941 na Holanda, Bélgica e Jugoslávia. Na Dinamarca, Noruega e em França não chegou a ser proibido. Também na Itália, Japão e Bulgária a actividade esperantista cessou durante o conflito bélico. No período da guerra civil de Espanha, que decorreu imediatamente antes da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, entre 1936 e 1939, também os esperantistas espanhóis sofreram graves perseguições: “Durante a guerra de Espanha todos os membros da Associação de Córdoba foram fuzilados”<sup>64</sup>.

Face às perseguições de que foram vítimas, a assunção de neutralidade perante os regimes políticos seria difícil de manter integralmente pelos esperantistas. Esta questão foi debatida no congresso realizado em 1947 em Berna: Ivo Lapenna - esperantista jugoslavo, e futuro presidente da UEA - apresentou uma proposta de condenação do fascismo, apoiada pelas associações da Bulgária, Jugoslávia, Roménia, Áustria, Checoslováquia, Hungria, Palestina e Polónia. Houve divisões, alegando-se a neutralidade intrínseca do movimento, e a proposta acabou por não obter aprovação. Contudo, a constituição da UEA em 1947 continuando embora a declara-se política e religiosamente neutra, acrescentou como corolário o respeito pelos direitos humanos como condição essencial para o seu trabalho: “the tradition of the movement contributed a preference for a more positive commitment

---

<sup>62</sup> Divergências anteriores quanto ao critério de mobilização dos membros e quanto à localização geográfica da sede resolveram-se, pela dupla mobilização - associações nacionais e membros individuais - e pela divisão funcional da sede, em Londres e em Genebra.

<sup>63</sup> Já em 1922 Hitler tinha declarado no *Mein Kampf* que o Esperanto fazia parte da parafernália conspirativa para a dominação judaica.

<sup>64</sup> Santiago, 1986:53. Mas, onde era possível, os esperantistas cumpriam um valioso papel de auxílio aos perseguidos europeus, esperantistas ou não: “Apesar de tudo, durante a Segunda Guerra os esperantistas prestaram serviços, principalmente socorrendo exilados espanhóis e refugiados judeus. É desse tempo que o cronista Affonso R. de Sant’Ana nos fala de seu pai, esperantista mineiro, mandando café e pneus de bicicleta para europeus que só conhecia por carta” (Santiago, *op. cit.*:54).

to human rights, rather than a negative commitment against Fascism, when it came to the wording of the constitution“<sup>65</sup>.

É mais tarde Ivo Lapenna quem junto da UNESCO consegue em 1954 a aprovação de uma resolução que reconhece os créditos do Esperanto nas relações internacionais de carácter intelectual e na aproximação dos povos, pois correspondem aos objectivos e ideais da própria UNESCO. Nesta resolução são também firmadas relações consultivas oficiais entre ambas as entidades. Este reconhecimento é produto de um trabalho deliberado de uma política de prestígio junto de organizações intergovernamentais protagonizada por Lapenna, sublinhando o valor intelectual e cultural do Esperanto. A promoção do Esperanto seria uma tarefa a desenvolver por todas as associações e membros de acordo com os “Princípios de Frostavallen”<sup>66</sup>. Esta centralização do movimento foi protagonizada por Lapenna, que seria criticado por alguns esperantistas por ser autoritário, designadamente por tentar impor uma conduta de apresentação em público relativa ao vestuário e comportamento. Lapenna foi responsável também pela criação de um centro de documentação e investigação, que edita a publicação académica *Language Problems and Language Planning*.

Quanto ao esperantismo em Portugal, é abordado por dois autores apenas, e dentro de algumas limitações temporais. A obra de Peter Forster fornece alguns dados estatísticos relativos a subscrições da primeira publicação *La Esperantisto* por portugueses, e ao número de membros em dois organismos internacionais: na UEA, entre 1954 e 1979, e na SAT, entre 1923 e 1964<sup>67</sup>. O outro autor é João Freire, que na obra dedicada ao universo anarquista do operariado português no período que compreende as primeiras quatro décadas do século XX, refere a actividade esperantista enquadrada nas práticas culturais e educativas libertárias e operárias, peças constitutivas de uma cosmovisão tendencialmente universalista<sup>68</sup>. Qualquer dos dois autores menciona a proibição das organizações esperantistas pelo regime de Salazar, Freire especificando que foram interditas durante o período da

---

<sup>65</sup> Forster, *op.cit.*:227.

<sup>66</sup> “Fundamental principles of information about the international language: (...) Chief errors: (a) Calling the language artificial, auxiliary, green, etc.; (b) Unnecessarily mentioning various projects for a common language; (c) Not distinguishing clearly between Esperanto as a living language and those projects, if circumstances necessitate speaking about them; (d) Using Esperanto expressions in texts in national languages, e.g. samideano, Majstro, verdstelanoj [followers of the green star], etc.; (...) (f) Calling information about Esperanto “propaganda”; (g) Giving the Esperanto movement a sectarian character (too many stars and flags, singing the Hymn and other songs at unsuitable times and places, eccentricities in dress during congresses and other public meetings, etc.). (...) (h) In order to raise quality it is necessary to accept everything which shows the cultural and practical value of the language: literature, scientific work, the International Summer University, Fine Art Competitions, the Network of Delegates, especially help in travelling and in professional work” (Forster, *op.cit.*:241).

<sup>67</sup> Forster, *op.cit.*:21, 30 e 39.

<sup>68</sup> Freire, 1988:249-50.

guerra de Espanha, em virtude de se terem constituído redutos anti-fascistas<sup>69</sup>, e Forster dizendo que “In Portugal, where Esperanto organisations were virtually illegal until Spínola’s *coup d’état*, membership has been very low”<sup>70</sup>.

Para além dos dois autores mencionados, não se encontram na literatura mais que referências pontuais à actividade esperantista, como o caso de José Neves<sup>71</sup>, a propósito do activismo cultural comunista em Vila Franca de Xira.

Apenas em 1972 seria novamente permitida em Portugal a refundação de associações esperantistas, data em que é criada a Associação Portuguesa de Esperanto, aprovados os seus estatutos pelo Ministério da Educação Nacional.

### **2.3. Questões metodológicas e dimensões de análise**

Esta dissertação, de que este capítulo constitui o ponto de partida teórico e metodológico, tem como objectivo constituir-se como um primeiro contributo para o estudo do esperantismo em Portugal, verificada a ausência de trabalhos realizados sobre o tema no universo académico. Da revisão de literatura efectuada foi possível identificar as primeiras pistas para um mapeamento do surgimento do movimento português, designadamente ligações ao meio operário. Por outro lado, uma primeira pesquisa no Arquivo Histórico-Social da Biblioteca Nacional (AHS da BN) permitiu identificar várias publicações que não estão aparentemente vinculadas em exclusivo ao operariado, parecendo indicar outras vertentes do esperantismo. Finalmente, os contactos efectuados com a Associação Portuguesa de Esperanto (APE) permitiram apurar a existência de um Arquivo com documentação que data da primeira década do século XX até à actualidade.

Dada a grande faixa temporal a tratar numa investigação sobre o esperantismo em Portugal - relativa a três séculos, desde a década final do século XIX até à actualidade -, e considerando que nenhuma investigação de natureza académica existe ainda, decidiu-se localizar a pesquisa no início do fenómeno e tentar acompanhá-lo até 1972, ano em que a Associação Portuguesa de Esperanto consegue ver aprovados legalmente os seus estatutos. Esta delimitação temporal sobrepõe-se, sem oscilações relevantes, àquela que foi coberta pela revisão da literatura, pelo que tem suficiente sustentação teórica. Assim, o enquadramento teórico realizado permitiu a delimitação de três vectores analíticos a observar no trabalho de recolha de dados:

- (1) Identificar o percurso e as condições de afirmação do esperantismo português, seus avanços e retrocessos, esclarecendo as condições do processo de repressão política do movimento;

---

<sup>69</sup> Freire, *op.cit.*:250 e 367, nota 78.

<sup>70</sup> Forster, *op.cit.*:29.

<sup>71</sup> Neves, 2008.

- (2) verificar em que medida as tensões identificadas no movimento internacional entre neutralidade e comprometimento político do Esperanto estarão presentes no movimento português;
- (3) verificar em que medida as tensões identificadas entre uma visão mais instrumental e outra mais próxima da “interna ideo” têm ecos no esperantismo português.

A metodologia seguida compreendeu duas dimensões, consecutivas temporalmente: análise documental e entrevistas<sup>72</sup>.

A análise documental implica tanto a documentação escrita como iconográfica, pelo que se intentou explorar nessas vertentes os três arquivos consultados: o Arquivo da Associação Portuguesa de Esperanto (APE), o Arquivo Histórico-Social da Biblioteca Nacional (BN) e Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais (ICS).

O Arquivo da APE proporcionou grande parte da informação relevante para a recolha factual relativa à constituição do movimento, pois dispõe de documentação epistolar arquivada desde a década de 1950, documentação variada sobre o movimento e recortes de imprensa que cobrem o período temporal entre 1907 e a actualidade, sendo que parte da documentação está redigida em Português e a restante em Esperanto. Ao longo do texto colocou-se por diversas vezes a necessidade de traduzir, do Esperanto para o Português, alguns excertos das fontes; por outro lado, optou-se por manter a ortografia anterior à reforma ortográfica de 1911 aquando das transcrições dos documentos originais. Neste arquivo da APE foi também realizada a parte mais significativa da recolha iconográfica, em virtude da diversidade de objectos, fotografias, postais e cartões<sup>73</sup>. A restante pesquisa iconográfica realizou-se no Arquivo Histórico-Social da BN, na respectiva secção iconográfica. O Arquivo do ICS não dispõe de material iconográfico relativo ao esperantismo, de acordo com a informação dos responsáveis.

A maior parte das publicações esperantistas periódicas e não periódicas, provenientes do Arquivo Histórico-Social, encontram-se depositadas na BN, e as restantes constam do Arquivo de História Social do ICS e do Arquivo da APE. A análise das publicações periódicas - publicações

---

<sup>72</sup> Considera-se que a análise de textos se insere nas técnicas de pesquisa documentais, e que as entrevistas são técnicas não documentais, mais especificamente, de observação não participante (cf. João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto, 1990:94).

<sup>73</sup> Seguiu-se a definição encontrada no Arquivo Histórico-Social que, categorizando os materiais em publicações (unitárias e periódicas), iconografia, manuscritos e registos orais, considera iconográficos elementos como os cartazes, gravuras, fotografias, panfletos e objectos (cf. Catálogo I do Arquivo Histórico-Social, AHS/CEL, 1983: 9).

bilingues, em Português e Esperanto -, tentou ser exaustiva<sup>74</sup>, pois não só recorremos ao fundo da Biblioteca Nacional como aos outros dois referidos Arquivos.

As publicações não periódicas constituem essencialmente manuais de Esperanto e, não tendo sido realizada uma análise de conteúdo exaustiva, foi permitido averiguar dados relativos a autores e editores, bem como informação importante constante das introduções e prefácios.

As entrevistas foram realizadas após a conclusão da análise documental, pois seria necessário reconstituir, na medida do possível, um mapeamento histórico do esperantismo, que pudesse sustentar então a recolha de depoimentos na primeira pessoa. Esses depoimentos foram recolhidos junto dos membros do movimento que testemunharam os acontecimentos anteriores a 1972, e constituíram um grupo de cinco indivíduos, todos da região da grande Lisboa, cujas datas de nascimento se encontram entre 1925 e 1930, portanto, com idades compreendidas entre os 87 e 82 anos de idade. As entrevistas realizaram-se entre 8 de Junho e 7 de Julho, em Lisboa e no Barreiro. No Anexo A apresenta-se um quadro de perfis que traduz uma breve caracterização sociográfica dos entrevistados, bem como informação elementar acerca da aprendizagem do Esperanto. Refira-se que três destes indivíduos são actualmente professores de Esperanto, dois deles numa universidade da terceira idade, e o outro, numa academia também vocacionada para actividades para aquela faixa etária. Outro dos entrevistados é autor de dicionários bilingues, em Português e Esperanto.

As entrevistas realizadas pretenderam constituir-se não só como fonte de informação factual sobre o movimento, mas também como testemunho do universo cultural dos esperantistas, transmitido na primeira pessoa. As dimensões específicas sobre as quais incidiram as questões estruturaram-se em quatro itens: (I) Relação pessoal com o Esperanto; (II) Noções sobre o movimento; (III) Conhecimento da existência de objectos esperantistas; e (IV) Perspectiva global sobre o esperantismo<sup>75</sup>.

A realização das entrevistas seguiu um guião construído de forma semidirectiva. A entrevista semidirectiva ou semidirigida comporta um conjunto de questões relativamente abertas que servem de guia para a condução dos temas a abordar. Este método distingue-se das entrevistas de tipo não-directivo e directivo. No primeiro, colocando-se simplesmente o tema ao entrevistado, permite-se-lhe que o interprete a partir do seu próprio quadro de referência cognitivo e afectivo; este método serve numa investigação os propósitos de exploração ou aprofundamento. O segundo, muito próximo de um questionário, socorre-se de um quadro de referência definido que o entrevistado deve seguir, e serve maioritariamente os propósitos do controlo ou da verificação da informação já obtida por outros métodos. A semidirectividade situa-se num terreno intermédio, ainda que não isento de sobreposições com os outros dois. Adequa-se mais especificamente à verificação e ao aprofundamento dos temas e

---

<sup>74</sup> No decurso da pesquisa surgiram novos títulos de publicações periódicas entretanto doados à Associação Portuguesa de Esperanto, que foi possível ainda incluir na análise documental. Pudemos também verificar que no Arquivo desta Associação existem alguns dos títulos constantes do Arquivo Histórico-Social da BN.

<sup>75</sup> No Anexo B encontra-se o guião construído para a realização das entrevistas.

factos já identificados, permitindo também obter nova informação e captar o discurso do entrevistado nos seus próprios termos.<sup>76</sup>

Como ficou dito, foi realizado um recenseamento de objectos paralelamente à prossecução da investigação. Dada a estrutura do capítulo que se segue, resultante de uma opção de partição em quatro períodos temporais, apresentam-se no final de cada sub-capítulo as imagens mais significativas daquele recenseamento. Não se tratou de efectuar uma análise iconográfica, mas tão-só referenciar um conjunto de objectos que representam os factos ocorridos e seus actores. Estes objectos pertencem - com excepção de um objecto do Arquivo do ICS - à APE. Esta Associação não tem museu nem qualquer inventário que possa corresponder a um coleccionismo esperantista assumido no sentido de o expor. Assim, o que apresentamos é uma selecção de objectos por nós efectuada e que consideramos reveladora do percurso do esperantismo português.

Os objectos encontrados possuem uma dimensão iconográfica inerente, todavia, são eles próprios fontes históricas: artefactos que contêm a marca do tempo e do espaço em que viveram, tendo por isso também uma dimensão biográfica intrínseca. São assim simultaneamente documento e objecto no sentido museográfico. A serem elementos constituintes de uma exposição, têm numa perspectiva semiótica, a capacidade de ser a um tempo signo e símbolo: são signos porque, embora retirados do seu contexto temporal e espacial originais, são os objectos reais que estiveram naquele contexto; são símbolos porque, uma vez re-contextualizados num espaço expositivo, são re-interpretados, acrescentando-lhe outro significado, e passando a ter com o contexto original uma relação metafórica<sup>77</sup>. Os objectos em exposição exercem pois, relativamente ao observador, um papel de mediação entre o passado e o presente, ou entre o visível e o invisível, segundo Nuno Porto<sup>78</sup>.

Os objectos ou documentos que não foi possível registar fotograficamente recaem em duas situações: são elementos do AHS da BN cuja reprodução é interdita, em virtude das normas de acesso e consulta<sup>79</sup>, ou objectos que sabemos existirem mas não vimos na realidade, como o caso de

---

<sup>76</sup> Cf. Ghiglione e Matalon, 1992:81-9.

<sup>77</sup> Vd. o capítulo 2 do livro de Susan Pearce, 1992.

<sup>78</sup> Vd. Porto, 2008:209-10.

<sup>79</sup> Uma fotografia datada de cerca de 1935 do grupo esperantista «Nova Vojo» na Costa de Caparica com uma bandeira (que foi exposta em 1987 na exposição intitulada “100 anos de anarquismo em Portugal. 1887-1987” realizada na BN, que tem a referência AHS, N61, Mnl.12); fotografias dos edifícios das sociedades recreativas do Barreiro Os Penicheiros e Os Franceses (respectivamente AHS, Núcleo Iconográfico e Museológico, Caixa 117, objectos JF022 e JF0020) e fotografias da Travessa da Água da Flor em Lisboa, onde se situavam as sedes dos jornais *Laboro* e *La Vero*, bem como do grupo «Lisbona Verda Stelo» (cf. AHS, Núcleo Iconográfico e Museológico, Caixa 117, objectos JF0034, JF0031, JF0033). Ainda os documentos seguintes: uma convocatória para o 14.º Congresso Internacional da SAT, a realizar em Valência, em Espanha no ano de 1934, e um texto dactilografado da autoria de Lanti, datado de Outubro de 1934, e distribuído pela SAT, com sede em Paris (cf. AHS, Núcleos de organização e Acção, Núcleo Educação e Cultura, Caixa 87, pasta com documentos sobre Esperanto).

fotografias do arquivo privado do entrevistado L.D<sup>80</sup>. Há ainda objectos recorrentemente referenciados nas fontes escritas, e cuja sobrevivência deverá ser averiguada<sup>81</sup>.

No final da dissertação apresenta-se ainda, como último produto da pesquisa, uma cronologia do esperantismo português para o período aqui estudado.

---

<sup>80</sup> Fotografias relativas ao esperantista do Barreiro Manuel Firmo que documentam a sua estada em Angola na década de 1950.

<sup>81</sup> Como discos em Esperanto utilizados em várias festas e encontros; bandeiras dos vários grupos esperantistas; o registo sonoro de emissões esperantistas de rádio na Emissora Nacional na década de 1930; e, um duplicador em *stencil* utilizado na década de 1950 para a produção da revista *Nia Stelo*.





### 3. PERCURSOS EM PORTUGAL

#### 3.1. Os primeiros esperantistas (de 1892 à 1.ª Guerra Mundial)

Noticiámos há dias que os esperantistas portugueses, tendo recebido ultimamente grande numero de pedidos de informações ácerca dos acontecimentos ocorridos em Lisboa, deliberaram enviar para a redacção do jornal Esperanto, órgão dos esperantistas de todo o globo, um artigo descrevendo imparcialmente as causas e efeitos da Revolução e acentuando em especial o estado de normalidade que o país retomára (...) Não é, por certo, um fim de simples política o que em especial preocupa os esperantistas portugueses, como se pode deduzir, já pelos seus actos na obra de propaganda a favor da lingua internacional, já pelo character de absoluta neutralidade que os seus ideaes representam e que elles se empenham em observar; todavia comprehende-se que, gozando de alguma influencia nos centros esperantistas estrangeiros, procurem contribuir, pelos meios ao seu alcance, para tornar-lhes conhecida a verdadeira situação do país (...) Além de partidarios do Esperanto e do cosmopolitismo são, primeiro que tudo, portugueses, e, como tais, devem esforçar-se, na qualidade de sinceros patriotas, por restabelecer o credito da sua patria e a dignidade do seu character de cidadãos livres e honestos. Assim o entenderam os esperantistas de Lisboa, como prova a circular enviada pelos representantes da U.E.A. e da qual publicamos a tradução (...), em “Para a Historia. A lingua Esperanto e os acontecimentos”, *Mundo* de 26 de Outubro de 1910.

Nos primeiros quinze anos que decorreram entre 1892 e 1907, o esperantismo em Portugal aparenta ser um pequeno arquipélago de pessoas e factos isolados. Decorridos cinco anos após a publicação primeva do Esperanto pelo seu autor, o ano de 1892 regista o primeiro subscritor conhecido de *La Esperantisto*<sup>82</sup>, e também a primeira publicação identificada em território nacional, uma tradução do método de Zamenhof feita por Jayme Heinlein Ferreira<sup>83</sup>. Em 1894 o número de subscritores de *La Esperantisto* tinha crescido para 13<sup>84</sup>.

Em 1896 é levada a cabo uma nova publicação do método de Zamenhof, em Gouveia, da autoria do médico Costa e Almeida<sup>85</sup>, o único português que esteve em 1905 presente no 1.º Congresso Universal de Esperanto em Boulogne-sur-Mer<sup>86</sup>. Foi delegado da UEA em Resende, em

---

<sup>82</sup> Forster, 1982:21.

<sup>83</sup> *A língua universal esperanto: methodo completo comprehendendo dois vocabularios: [diccionario esperanto-portuguez, portuguez-esperanto]* / Luiz Zamenhof; trad. e coord. Jayme Heinlein Ferreira, Nuremberg: Ofic. Typ. e artistica W. Tümmel, [1892].

<sup>84</sup> Forster, *idem*.

<sup>85</sup> *A lingua universal esperanto: methodo completo comprehendendo dois vocabularios* / trad. e coord. por Manuel Ribeiro da Costa e Almeida 1896, Gouveia: Typ. do Herminio, 1896. Este manual tem, para além do curso, a tradução feita por Costa e Almeida do poema «La feuille» de Arnault, e que se julga ser a primeira peça literária apresentada por um esperantista português (Virgílio Portela, *República*, 18 de Novembro de 1970).

<sup>86</sup> Cf. Moura, Alves de (1969:13) e *Vida Mundial* de 9 de Janeiro de 1970.

1913 integrou a redacção da publicação *Portugala Revuo* e em 1914 presidiu ao comité linguístico nacional, integrado por outros esperantistas destacados em Portugal.

Exceptuando a origem de Costa e Almeida, de Rezende, não se conhecem as coordenadas geográficas dos subscritores da *La Esperantisto*.

Em 1907 lecciona-se o 1º curso de Esperanto na União Cristã da Mocidade (UCM), em Lisboa, na Rua das Gaivotas. Será este o primeiro curso em Lisboa - e eventualmente no país -, e a UCM a primeira entidade em Lisboa a ter uma secção esperantista. O primeiro professor e responsável foi o suíço Rodolph Horner, secretário-geral da União<sup>87</sup>. No ano seguinte este grupo esperantista formaliza-se, denominando-se «Lisabona Esperantista Grupo»<sup>88</sup>, estando nos corpos gerentes, entre outros, Rodolf Horner e Bernardino Martins de Almeida<sup>89</sup>; Eduardo António dos Santos, antigo aluno na UCM, é doravante professor.

Passaram a realizar-se cursos, conferências e sessões regulares de encontro na sede da UCM, que incluem em Dezembro a celebração do aniversário de nascimento de Zamenhof. Aqueles eventos são sempre anunciados na imprensa sob o título “Língua Esperanto” em vários jornais numa mesma data, e referidos ou relatados nos dias posteriores à sua realização, invariavelmente no *Diário de Notícias*, quase sempre em *O Século*, *A Época* e *Vanguarda*, e também regularmente em *Notícias de Lisboa*, *Diário Ilustrado*, *Jornal de Notícias*, *O Mundo*, *Republica*, *A Lucta* e *O Paiz*. Aparentemente

---

<sup>87</sup> Leia-se no *Diário de Notícias*, 15 Dezembro 1909: “o sr. Rodolpho Horner (...) em Lisboa foi o primeiro leccionador de esperanto”. Vd. também *Tiro&Sport*, 15 de Março de 1911, artigo de B. Martins d’Almeida. Neste mesmo artigo o autor fala do 1º curso: “Em 8 de janeiro de 1907, no salão da União Christã da Mocidade, inaugurou-se solemnemente a abertura do referido curso, com a assistencia do digno consul geral dos Estados Unidos da America, o sr. Louis Aymé, que instituiu um premio de 10\$000 de réis para o alumno mais applicado, contribuindo d’esta forma para incitar o amor pelo estudo da lingua internacional auxiliar”. Louis Aymé está ligado a um jornal nova-iorquino, segundo informação constante no cartão-convite para a sessão de entrega (pelo cônsul geral dos EUA, Louis H. Aymé) na União Christã da Mocidade em Lisboa, a 31 de Maio de 1907, dos cartões de membro da Liga Universal dos Esperantistas organizada pelo jornal *The North American Review* de Nova Iorque. Em *A Epoca*, de 27 de Janeiro de 1909, Bernardino Martins d’Almeida faz referência à «Societo Esperanta de Nova-Yorko» que é organizada pelo jornal norte-americano *The Review*.

<sup>88</sup> No *Relatório da União Cristã da Mocidade de Lisboa* (de 1 de Abril de 1911 a 3 março de 1912) lê-se “Este Grupo [Lisabona Esperantista Grupo] organizado em 1908, entre socios da nossa União”. Em *União Cristã* (nº único de 19 Maio de 1909) lê-se: “Formou-se o grupo «Lisabona Esperantista Grupo» que se reúne às quartas feiras e aos sábados das 9 ás 10 horas da noite”.

<sup>89</sup> Bernardino Martins d’Almeida adoptará futuramente o pseudónimo de Luzo Bemaldo, que por vezes também se encontra escrito Luso Bemaldo (cf. em *Portugala Revuo*, n.º1, Janeiro de 1913:1 que tem na lista de nomes da redacção Bemaldo, e entre parênteses o nome B. Martins de Almeida. Veja-se também notícia de *Diário de Notícias*, de 27 Outubro de 1914: aqui é o pseudónimo que surge entre parênteses após o nome).

o jornal *O Seculo* fez uma reportagem em Barcelona no 5.º Congresso Universal, em 1909, pois publicou várias notícias de acompanhamento do evento, uma delas intitulada “O Seculo no estrangeiro. Hespanha. Congresso Esperantista”.

Começam também a surgir alguns artigos de opinião sobre a língua internacional<sup>90</sup> assinados por esperantistas e, em *A Epoca* de Dezembro de 1908 e Janeiro de 1909, publicam-se os primeiros dois artigos encontrados de Bernardino Martins d’Almeida. Em Setembro de 1909 escreve este esperantista sobre o congresso universal que decorreu em Dresden:

Aquelle [congresso], sem fóros de diplomacia burocratica, distingue-se, muito principalmente [dos congressos vulgares sujeitos à tutela oficial], pela convivencia alegre fraternal de todos, unidos por um mesmo idioma, que amam como idioma seu que é, devido á neutralidade que caracteriza o Esperanto, dado que elle constitue, por assim dizer, uma maçonaria universal em que todos os seus adeptos commungam. Nem os sentimentos patrióticos, nem as susceptibilidades de raça e classes são ali feridas pelo convencionalismo de uma língua official, como feridas também não são as crenças políticas ou religiosas de cada um, pela acceitação do ideal professado<sup>91</sup>.

A imprensa é eco de divergentes tomadas de posição sobre o Esperanto. Um artigo céptico na *Vanguarda* de 28 Janeiro de 1909 transmite:

Nós não acreditamos na utopia de que ainda se venha a fallar em todo o mundo uma única lingua, incolor, convencional, em que o genio das raças se não revela. Impropria para todas as manifestações da arte, incompatível com litteraturas originaes e fortes, pallida e anthi-esthetica como a linguagem mathematica. E mesmo que um dia se chegasse a unificar as linguas, pelo esperanto ou por outro systema de convenção, dentro d'um seculo novas variações appareceriam. É a lei fatal da evolução linguística.

Sob o título “Progressos da lingua internacional Esperanto”, pode ler-se no *Diario de Noticias* de 30 de Dezembro de 1909 num artigo assinado por J. Bettencourt Ferreira: “A instituição de uma lingua auxiliar universal é um phenomeno sociologico de uma importancia que não é licito deixar de comprehender e que, no nosso modo de vêr, interessa não só os homens de sciencia, mas todos os que partilham do moderno progresso”.

Nestes primeiros anos de vida do «Lisabona Esperantista Grupo» registam-se também visitas de esperantistas estrangeiros: em Maio de 1909 o norte-americano C. H. Matchett, fundador do grupo de Esperanto em Boston (que representou o «Lisabona Esperantista Grupo» em Barcelona no Congresso Universal desse ano) e S. Kúppers, de Hamburgo, e em Agosto do mesmo ano, H. B. Mudie, presidente da Universala Esperanto Asocio (UEA).

A atmosfera das sessões esperantistas em conferências, inaugurações de cursos ou recepção de visitantes, recobre-se de um cariz tendencialmente burguês, pois apelidando-se recorrentemente de

---

<sup>90</sup> O mais antigo encontrado data de 25 de Novembro de 1908, no *Notícias de Lisboa*. Intitula-se “A lingua universal” e o autor assina-se “Esperantista”. Faz uma pequena resenha histórica dos primeiros projectos de língua universal, contextualiza o surgimento do Esperanto e caracteriza brevemente o movimento aludindo a estatísticas de associações e associados no mundo.

<sup>91</sup> *Diario de Noticias* de 19 Setembro de 1909.

“sessões solenes” têm música esperantista acompanhada ao piano, declamações de poesia, leitura de trechos de obras esperantistas, fechando sempre com o hino esperantista; em que medida não serão estes eventos vividos um pouco à imagem dos congressos universais, onde há sempre exposições de arte, peças de teatro e música, e bailes? Veja-se a referência ao programa do Congresso em Washington: “festas prodigiosas, excursões bellissimas, bailes, além de diversas solemnidades e respectivas sessões ordinárias”<sup>92</sup>.

A disponibilização de novas publicações vem nesta altura adjuvar o ensino do Esperanto: em 1908 Gomes Pereira traduziu com a aprovação do autor, Théophile Cart, as *Primeiras Lições de Esperanto*. No ano seguinte o jornal *A Vida* publica na sua segunda série o “Curso de Esperanto”, nos números 1 a 25<sup>93</sup>.

Os primeiros indícios de esperantismo em Lisboa são coevos dos do Porto. Em *A Epoca* de 13 de Outubro de 1908 lê-se que em Portugal já há dois grupos esperantistas: no Porto o «Porto Grupo Esperantista», e em Lisboa o «Lisabona Esperantista Grupo» cujo curso é regido por Eduardo António dos Santos. Com efeito, no ano de 1908 José Augusto Proença publica no Porto um dicionário com gramática, e em Março de 1909 o Grupo de Lisboa recebe o primeiro número da *Portugala Revuo - Orgão dos Esperantistas Portuguezes*, fundado por aquele esperantista do Porto. Esta publicação teve oito números<sup>94</sup>, e terá uma segunda aparição em 1913 onde se diz, no n.º 1 da 2ª Série, que o facto de a primeira série ter sofrido interrupção deveu-se à escassez de subscritores.

Os esperantistas de ambas as cidades não estão isolados uns dos outros, pelo contrário. Não apenas chega a Lisboa a *Portugala Revuo*, mas no mesmo mês é endereçado a Bernardino Martins d’Almeida um convite para assistir à conferência de José Augusto Proença sobre a língua internacional, na União Cristã Central da Mocidade Portuguesa, no Porto. Reciprocamente em 27 de Outubro de 1910 José Augusto de Proença profere na sede do Grupo de Lisboa uma conferência. O facto de ambos os grupos - o de Lisboa seguramente, o do Porto muito provavelmente - pertencerem à União Cristã da Mocidade não será, de todo, uma coincidência<sup>95</sup>. Assim, também em *O Mensageiro*

---

<sup>92</sup> “Lingua Esperanto. 6º congresso internacional” em *Diario de Noticias* de 14 de Agosto de 1910.

<sup>93</sup> Freire, 1988:366 (notas 72 e 73).

<sup>94</sup> Cf. Freire, 1988:366 (nota 72).

<sup>95</sup> O denominado movimento acemista chega inicialmente ao Porto em 1894, e a Lisboa em 1898. Em Coimbra a sede da Associação Cristã de Estudantes é inaugurada em 1918, de acordo com a *Ilustração Portuguesa* de 1 de Julho de 1918, onde se lê: “A Associação faz parte de uma Federação Mundial Académica que, inspirada nos puros princípios evangélicos, tem por fim estreitar os laços que prendem a juventude dos diferentes países”. A notícia está ilustrada com uma fotografia da inauguração do edifício, e a legenda refere que entre os presentes estão, entre outros, o governador civil de Coimbra, e José da Silva Graça, sub-director do *Seculo*. Vd. <http://estadoeigreja.wordpress.com/2011/04/12/imagens-de-protestantes-na-republica-portuguesa/>. Em Lisboa, a União Cristã da Mocidade teve também a denominação de Triângulo Vermelho Portuguez. Em artigo intitulado “O Esperanto e as Uniões” (nº único de Maio de 1909 da *União Cristã*), pode ler-se o seguinte: “Os povos saudam todos os meios que facilitam as communicações internacionaes,

(n.º único de Janeiro de 1911) se faz referência à base confessional e ideológica destas Uniões: “Os delegados da «Universala Esperanto Asocio», os srs. Bernardino d'Almeida e Duarte Rodrigues, teem publicado, desde outubro findo, nos grandes diarios, noticias interessantes sobre esta lingua auxiliar internacional, cujo maior incremento em Lisboa foi dado pelos protestantes”.

Em Junho de 1910 o «Lisabona Esperantista Grupo» tem como professores Eduardo António dos Santos, Rodolph Horner e Bernardino Martins d'Almeida, e informa no *Diario de Noticias*<sup>96</sup> a resolução de realizar mensalmente uma conferência de propaganda em Esperanto dedicada aos sócios e suas famílias.

Relativamente a outras zonas do país, encontrou-se em 1909 uma referência ao «Madeira Esperantista Grupo» a propósito da visita à UCM de Lisboa, do secretário daquele Grupo, que estaria a organizar em Lisboa uma nova sociedade esperantista feminina, a «Verdstelaninaro» - não foram encontradas mais informações relativas a este grupo feminino<sup>97</sup>. Em Coimbra, “Fundou-se no dia 2 do corrente [Julho de 1910], n'esta cidade, uma União Esperantista [Esperantista Unio] (...) sendo professor o presidente d'esta União e delegado n'esta cidade da Universala Esperanto Asocio”<sup>98</sup>.

Em Lisboa, para além da sede da UCM, são leccionados cursos de Esperanto noutros locais. O primeiro registado foi na Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa em Setembro de 1908, sendo as aulas “regidas pelo fervoroso apóstolo desta língua, Dr. Costa Esteves”, como se anuncia do *Diário de Notícias* de 16 de Setembro. Também em Setembro de 1909 noticia-se no *Seculo* que a agremiação Tuna Comercial tem um curso para os seus associados, regido por Bernardino Martins d'Almeida.

Em 1912 os cursos multiplicam-se nas duas principais cidades. Em Lisboa são todos leccionados pelo tenente Accacio Lobo, na altura o presidente do «Lisabona Esperantista Grupo»: em Fevereiro abre um curso facultativo de Esperanto no Liceu Passos Manuel<sup>99</sup>; em Abril funciona um curso no governo civil, para a polícia da capital<sup>100</sup>; e em Junho um curso na Sociedade Propaganda de

---

compram-os e aproveitam-nos. Já não dispensam o caminho de ferro, o telegrapho, o telephone, e a navegação a vapor. Viaja-se muito, vê-se muito, aprende-se muito, mas ainda está fazendo grande falta o uso geral d'uma lingua auxiliar internacional (...) Nos nossos congressos [congresso internacional das uniões cristãs académicas] fallam-se oficialmente tres linguas: o allemão, o francez e o inglez. Mas com a entrada da Italia, Grecia, Russia, China, Japão, Hollanda, Suecia, Brasil e Portugal na vida e no progresso das Uniões, não virá breve o tempo em que se diga: «Porque não se falla tambem a nossa lingua ou porque não se usa a lingua internacional, o Esperanto?»”.

<sup>96</sup> Em notícia de 9 de Junho de 1910.

<sup>97</sup> Cf. *O Mensageiro*, n.º de Junho e Julho de 1909. Terá havido em Março de 1908 um curso de dois meses dirigido “a senhoras”, leccionado por Rudolph Horner na UCM (segundo um cartão de divulgação do curso “A ladies’s class in Esperanto”, localizado no Arquivo da APE).

<sup>98</sup> Em *Diario de Noticias* de 6 de Julho de 1910.

<sup>99</sup> *Diário de Notícias*, 17 de Fevereiro de 1912.

<sup>100</sup> Em *Diário de Notícias* de 10 de Abril de 1912.

Portugal<sup>101</sup>. Esclareça-se que a habilitação dos polícias pretendia proporcionar um serviço mais completo na recepção aos estrangeiros, para além do habitual domínio do Francês e do Inglês<sup>102</sup>. No Porto há oferta de cursos no «Esperantista Grupo do Porto», na União Cristã e na Sociedade Vegetariana<sup>103</sup>. No *Diário de Notícias* informa-se que o movimento esperantista começa a acentuar-se, havendo já grupos de propaganda em Lisboa, Porto e Coimbra, e “diversos propagandistas da nova língua em Braga, Evora, Portalegre, Gaia, Obidos, Famalicão, Resende e Meda”<sup>104</sup>.

Ainda em 1912 há dois acontecimentos significativos. A Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha mandou editar uma *Guia Esperanto da C.V.*, destinada a militares, profissionais de saúde e das igrejas, cuja justificação é a sua utilidade em cenários de guerra<sup>105</sup>. O segundo acontecimento a sublinhar, ocorrido em Outubro, é o primeiro artigo assinado por Saldanha Carreira, em *Boletim da Associação Empregados de Bancos e Câmbios*. Este é um nome fundamental do esperantismo português, figura presente desde esta data até ao final da década de 1960, altura do seu falecimento. Dele disse um dos entrevistados com quem travou conhecimento no início da década de 1950: “o Saldanha Carreira (...) era uma espécie de mentor do Esperanto em Portugal”<sup>106</sup>. Neste primeiro artigo exalta os valores humanísticos do Esperanto, aliados a um intrínseco cariz potenciador de progresso social, entendido tanto no plano material como no da igualdade social:

Os animaes despedaçam-se, segundo a sua especie, a sua força e o seu instinto; mas a especie dos homens é uma sómente, a sua força é a sua inteligencia, o seu instinto deveria ser de paz e amor. Não o é porque não está educado, porque a Tradição com os seus abstratos deuses, os seus ignorantes reis, os seus infalíveis papas, vae encontrando na ignorancia alimento para a sua alma de víbora (...) Sendo parecidissima [língua Esperanto] com o português, tem a graça do hespanhol, o terno do italiano, o simples do inglês. É caso notavel, que mostra bem a imparcialidade e independencia do seu autor: sendo este um polaco, o Esperanto tem mais de latino que de slavo ou germanico. É lindo o Esperanto! (...) Meus amigos! A nossa classe é inteligente e instruida, compete-nos a nós também lutar por esse grande meio de aproximação universal (...) E que simplicidade para as relações comerciaes! Alem de representar

---

<sup>101</sup> *Tiro&Sport*, 15 de Junho de 1912.

<sup>102</sup> Assim: “Noticiaram os jornais que, dentro em breves dias, os guardas da policia civica, habilitados com os cursos das linguas francesa e inglesa, aparecerão nas ruas principais da cidade, fazendo serviço com uma pequenas bandeiras d'aquelas nacionalidades pregadas nas mangas, a fim de serem reconhecidos pelos estrangeiros que lhes queiram pedir qualquer informe. Porque não aprenderão também o Esperanto os nossos policiaes, a exemplo do que se faz n'outras nações, a começar pela nossa vizinha Hespanha, onde muitos guardas se apresentam já com a respectiva estrela verde, distintivo dos adeptos d'esta utilissima língua auxiliar internacional? (...) Informa-nos o «Lisabona Esperantista Grupo» que nos seus cursos ensinará gratuitamente todos os guardas civicos que desejarem aprender o Esperanto”, em “A língua esperanto e a polícia”, *Diário de Notícias*, 17 de Fevereiro de 1917.

<sup>103</sup> *Portugala Revuo*, 2.<sup>a</sup> série, n.º1, Janeiro de 1913:3-4.

<sup>104</sup> *Diário de Notícias* de 14 de Julho de 1912.

<sup>105</sup> *Diário de Notícias*, 20 de Maio de 1912.

<sup>106</sup> Depoimento do entrevistado A.A., em 7 de Julho de 2012.

uma economia de tempo no estudo, é um meio de rapazes pobres, empregados pobres, poderem transacionar, poderem subir... Saber muitas linguas é bonito, mas nem todos as podem aprender. E se a nossa actividade pudesse prescindir dessa especie de estudo, éla teria bastante onde aplicar as suas faculdades para a marcha do progresso que todos ambicionamos seja o mais rapido, o mais firme e o mais possivel descingido de preconceitos sociaes”.

O ano de 1913 é também rico em acontecimentos. Três novos grupos são formados: em Évora o «Kardeka Esperantista Grupo», em Cerveira o «Cervejra Esperantista Grupo» e no Funchal o «Madeira Verda Stelo». Uma filial do grupo do Porto é criada noutra local da mesma cidade<sup>107</sup>. No Porto o «Grupo Esperantista do Porto» cria cursos de Esperanto no Collegio dos Orfãos e no Asilo-Escola municipal<sup>108</sup>. Os esperantistas desta cidade e os de Lisboa continuam a colaborar, pois Accacio Lobo lecciona um curso na Universidade Livre do Porto<sup>109</sup>, e, quando é iniciada a segunda série de *Portugala Revuo*, Bernardino Martins d’Almeida integra o comité da redacção (redakcia komitato), onde também está, naturalmente, José Augusto Proença, e entre outros, também o Dr. Costa e Almeida. Esta publicação declara a intenção de ser um órgão para todos os esperantistas, para além dos do Porto, e a questão da constituição de uma Associação Nacional começa a ser discutida nos vários números mensais. É assim que no final do ano é criada no Porto a Portugala Esperanto-Asocio, cuja comissão reúne B. Martins d’Almeida (de Lisboa), A. Gomes Pereira<sup>110</sup>, Costa e Almeida (de Resende), Eugénio Elyseu (de Coimbra), Morais Sarmiento (de Évora), sendo José Augusto Proença proposto e aceite para a presidência. Esta associação não sobreviveu à I Guerra, e a última referência que se encontra relativamente à sua existência é de Setembro de 1916<sup>111</sup>.

Apesar da constituição da Associação Nacional no Porto, em Março de 1914 é fundada em Lisboa a agremiação esperantista «Lisabona Esperantista Societo», para propaganda do Esperanto, tendo como presidente da assembleia geral Ladislau Piçarra, e sede provisória na Praça Luiz de Camões<sup>112</sup>. É constituído o Esperantista Komitato, para facilitar a iniciação de todos os indivíduos no estudo do Esperanto, e dirigir o curso por correspondência, então criado. A direcção é composta por B.

---

<sup>107</sup> Em *Portugala Revuo*, 2ª Série, n.º1, Janeiro de 1913: 3-4; *Portugala Revuo*, 2ª Série, n.º 2, Fevereiro de 1913:15; e *Portugala Revuo*, 2ª Série, Dezembro de 1913:151-2.

<sup>108</sup> Em *Primeiro de Janeiro* de 6 de Junho de 1913.

<sup>109</sup> Em *Mundo* de 18 de Junho de 1913.

<sup>110</sup> Tal como José Augusto Proença, Gomes Pereira é farmacêutico, e possivelmente também oriundo do Porto.

<sup>111</sup> Cf. *Diário de Notícias* de 1 de Setembro de 1916. Posteriormente dirá A. Nunes em *Portugal-Esperanto* (n.º 3, Ano 1, Março de 1926:37): “Em 1913 organizou-se em Portugal, com sede no Porto, a primeira associação nacional, que despendeu uma acção proveitosíssima, congregando os valores dispersos e revelando e impondo galhardamente ao conceito dos indiferentes e contrários uma corrente e mentalidade esperantistas. Mas a guerra surgiu, e nos campos verdes da flandres correu o sangue rubro de tanto sacrifício inútil. A tentativa faliu”.

<sup>112</sup> *Diário de Notícias*, 9 de Maio de 1914.

Martins d'Almeida, Eduardo António dos Santos, Carlos Andrade, Ernesto da Maia, e Etelvina Krug.<sup>113</sup> A direcção constituída no ano seguinte já integra Saldanha Carreira.

Inicia-se uma grande campanha de propaganda, e a par dos cursos, uma intensificação da actividade de conferências, e da divulgação na imprensa do curso por correspondência<sup>114</sup>. O número de associados também cresce. Em 1915 e 1916 a Lisbona Societo empreende vários expedientes de divulgação: oficia a colaboração com empresas animatográficas na propaganda que quer fazer da língua internacional; coloca cartazes de um metro de comprimento em carros eléctricos de Lisboa; e ainda um grande anúncio no campo do Desporto Lisboa e Benfica<sup>115</sup>. Recorre também ao apoio de casas comerciais: oficia a criação de sabonetes de marca «Esperanto» com a fábrica de sabonetes e perfumarias Claus & Scheweder Sucessores do Porto; os Grandes Armazéns do Chiado propõem a denominação «Esperanto» a um dos seus artigos mais vendáveis; várias casas comerciais colocam no seu papel de carta e de ofício a frase “Estudem a língua auxiliar Esperanto”; a Papelaria Pereira, na Rua do Ouro, contribui com uma marca de papel «Esperanto», tendo cada caixa uma lição da língua internacional; também o Café Peninsular criou livros de mortalhas com lições; e finalmente, a publicação bilingue de lições e exercícios em páginas da imprensa por iniciativa de casas comerciais e industriais<sup>116</sup>.

Também neste período os cursos se estendem ao Ateneu Comercial de Lisboa, à Associação de Empregados de Escritório - ambos em Novembro de 1915, leccionados por Saldanha Carreira - e à Universidade Livre, em Outubro de 1916. Especificamente “para senhoras”, em Novembro de 1915 a anterior presidente da direcção da Lisbona Esperantista Societo dirigiu e regeu um curso de Esperanto<sup>117</sup>.

---

<sup>113</sup> Na Assembleia-geral desta sociedade em 1916 surgem duas mulheres, Elisa Carreira e Silva, e Leopoldina Xavier da Costa (1ª e 2ª secretárias), e Adelaide de Carvalho como presidente da direcção.

<sup>114</sup> “Querem travar relações com individuos de todos os paises? Querem tomar parte no mais generoso empreendimento em favor da civilização humana? Querem encontrar numerosos amigos nas terras estrangeiras que visitarem? Aprendam o ESPERANTO (...) [através do] curso por correspondência (...)”, Cartão de divulgação da Lisbona Esperantista Societo, no Arquivo da APE.

<sup>115</sup> Cf. respectivamente em: *Diário de Notícias* de 7 de Abril de 1915; *Diário de Notícias* de 17 de Março de 1916; e, *Diário de Notícias* de 20 de Abril de 1916

<sup>116</sup> Cf. respectivamente em: *Diário de Notícias* de 6 de Abril de 1915; *Diário de Notícias* de 23 de Fevereiro de 1916; *Diário de Notícias* de 30 de Novembro de 1915; *Diário de Notícias* de 2 de Fevereiro de 1916; *Diário de Notícias* de 23 de Fevereiro de 1916; e, *O Paíz* de 12 Abril de 1916.

<sup>117</sup> Um acontecimento curioso é a viagem que dois esperantistas decidem fazer pelo país, para divulgação do Esperanto. Num postal de Março de 1915 informam: “A. Magalhães e J. Pinho, membros da Portugala Esperanto Asocio e da Lisbona Esperantista Societo, tendo resolvido realizar uma viagem ao redor de Portugal, dedicada á Sociedade Geografia Portuguesa com o fim de fazerem propaganda da lingua internacional «Esperanto», oferecem a V. Ex.ª a sua fotografia como recordação, agradecendo qualquer



Ainda em 1916, surge em Janeiro em Lisboa a agremiação «Iuneco Lisbona Esperantista», protagonizada por Adolfo Nunes<sup>118</sup>, sendo nessa altura publicados alguns artigos de propaganda na imprensa. Dois meses depois, é aprovada em reunião da direcção da «Lisbona Esperantista Societo» que esta associação “entre como sócia na Iuneco Lisbona Esperantista, e se congratule pelo aparecimento de mais uma irmã”<sup>119</sup>. Não foram posteriormente encontradas mais referências àquela agremiação, que pode, possivelmente, ter integrado a «Lisbona Esperantista Societo».

Eram tempos de guerra. A grande campanha de divulgação da língua internacional levada a cabo pela Societo não descurou os círculos mais directamente envolvidos no conflito bélico. Em Março de 1916 a direcção da Associação dirige-se ao ministro da guerra, Norton de Matos, oferecendo divulgação do Esperanto nos meios militares e da Cruz Vermelha. Em Abril, fica decidido o ensino de Esperanto à Cruz Vermelha no espaço do Ateneu Comercial de Lisboa, cujo curso será aberto em Junho<sup>120</sup>. Neste contexto europeu - e mundial -, o valor humanista e pacifista do Esperanto é naturalmente sublinhado pelos esperantistas, nomeadamente enquanto tema recorrente das habituais apresentações públicas: sob o título “La morala valoro de Esperanto” Martins d’Almeida diz, em palestra na Lisbona Esperantista Societo:

O Mestre como que insuflou na sua obra, toda a grandesa do seu genio altruista e toda a magnanimidade do seu coração bondoso (...) O Esperanto, sob o seu aspecto vulgar, sob o ponto de vista méramente prático e científico, tem direito á nossa admiração, mas sob este aspecto [valor filantropico, de paz e solidariedade] particular e sob o ponto de vista moral tem jus á nossa veneração<sup>121</sup>.

Em Julho de 1915, desta vez no «Lisbona Esperantista Grupo», Martins d’Almeida deu uma conferência pública intitulada “O Esperanto como agente de pacificação”; e, a convite do Ateneu

---

donativo com que deseje contemplal-os para auxilio das despesas de viagem” (Postal depositado no Arquivo da APE, Março de 1915).

<sup>118</sup> Este esperantista já tinha em Outubro de 1914 sido professor na Lisbona Esperantista Societo (cf. *Diário de Notícias* de 25 de Outubro de 1914), e continuará sempre presente nas décadas seguintes no movimento. É, tal como Saldanha Carreira, funcionário bancário. Na notícia de divulgação da criação desta agremiação, publicada no *Diário de Notícias* de 13 de Janeiro de 1913, pode ler-se: “A Inueco Lisbona Esperantista pede a coadjuvação da imprensa de todo o pais para esta obra de verdadeira moralização e instrutiva cultura ao povo português. Solicita-se também o auxílio das sociedades recreativas e associações de classe, visto a Iuneco Lisbona se propôr promover conferencias de propaganda em Lisboa e nas provincias. Toda a correspondencia relativa deve ser dirigida para a séde provisoria, rua da Paz, 58, ao secretario, sr. Adolfo Nunes”.

<sup>119</sup> Cf. *Diário de Notícias* de 5 de Março de 1916.

<sup>120</sup> Cf. *Diários de Notícias* de 13 e de 16 de Março de 1916; *Diários de Notícias* de 11 de Abril de 1916, e *Diários de Notícias* de 10 de Junho de 1916.

<sup>121</sup> *Diário de Notícias*, 27 de Outubro de 1914.

Comercial de Lisboa, Saldanha Carreira deu em Outubro de 1915 a conferência “O Esperanto e a guerra”<sup>122</sup>.

Os esperantistas portugueses mantiveram neste período temporal o contacto com as entidades internacionais, recebendo os apelos e notícias em circulação no espaço europeu. Aos delegados portugueses chegou, vinda de Genebra, a informação da criação do serviço de correspondência para os países beligerantes<sup>123</sup>, bem como notícias regulares que países como a Alemanha, a França e a Itália fizeram circular oficialmente mediante a língua internacional<sup>124</sup>. O próprio Saldanha Carreira foi mobilizado para o cenário da guerra: “Em 1914 [Saldanha Carreira] foi mobilizado e partiu para França, o que não o impediu de, ali, mesmo, divulgar, conforme podia a língua internacional, chegando a ir dependurar no arame farpado das trincheiras, exemplares da «Chave do Esperanto», escritos uns em francês outros em alemão”<sup>125</sup>.

Novamente em Portugal, Saldanha Carreira terá oportunidade, ainda durante o período da guerra, de se bater pelo Esperanto, quando em Agosto de 1916 a censura postal restringiu as línguas permitidas na correspondência ao Francês, o Inglês, o Espanhol, o Italiano e o Português. A direcção da Lisbona Esperantista Societo dirige-se então ao Ministério das Colónias, entregando um ofício que

---

<sup>122</sup> Cf. respectivamente *Diário de Notícias* de 13 de Julho de 1915 e *Diário de Notícias* de 20 de Outubro de 1915.

<sup>123</sup> “Os delegados da «Universala Esperanto Asocio» acabam de receber uma circular, emanada do Bureau Central (Suissa), informando estar montado um serviço especial para os esperantistas que tenham parentes ou amigos nos países beligerantes e queiram enviar-lhes correspondencia. Esta deve ser em bilhetes postaes ou metida em sobrescritos abertos e não fazer referencia a factos politicos ou militares. Como alguns d'aqueles países só aceitam correspondencia na sua lingua nacional, o Bureau Central encarrega-se de fazer a tradução do Esperanto para a respectiva lingua. Nos países não em guerra a organização esperantista continua funcionando regularmente e para os outros países as relações fazem-se por intermedio do Bureau Central em Genève, que acaba de obter correspondentes especiaes para esse fim” (em “O Esperanto e a guerra”, *O Século*, 18 de Setembro de 1914).

<sup>124</sup> “Os delegados da «Universala Esperanto Asocio» acabam de receber, traduzidas em Esperanto e impressas em folhas soltas, as informações officiaes alemãs ácerca da guerra. Parece que foi constituído em Leipzig um *comité* presidido pelo dr. A. Steche, com o fim de informar os esperantistas sobre as operações militares alemãs e seus resultados. Para as pessoas a quem interessarem estes documentos escritos na lingua internacional esperanto e sobre um assunto que está prendendo a atenção geral, acham-se patentes na Lisbona Esperantista Societo, praça de Camões, 6, 2.º e Lisbona Esperantista Grupo, rua das Gaivotas, 6, ao Conde Barão” (em “Informações da guerra em Esperanto”, *A Republica*, 1 de Outubro de 1914). No *Diário de Notícias* de 3 de Maio de 1915, um artigo intitulado “O Esperanto e a guerra” informa que se constituiu um comité designado “Pour la France, par l’Esperanto”, para a publicação em Esperanto dos documentos officiais acerca da guerra europeia; fazem parte do referido comité o príncipe Roland de Bonaparte, o Dr. Boirac (reitor da Universidade de Dijon), outras personalidades académicas, senadores e deputados. No fim do ano de 1915 noticia-se uma decisão semelhante tomada em Itália, com a constituição do comité “Pró Itália por meio do Esperanto” (*O Paiz*, 12 de Novembro de 1915).

<sup>125</sup> Artigo de Virgílio Portela, *República*, 24 Maio de 1970.

solicita a inclusão do Esperanto nas línguas permitidas pelo decreto emanado da censura postal<sup>126</sup>. A segunda diligência tomada pelos esperantistas foi a de, tendo tido informação de que o capitão Acácio Lobo, ex-presidente do Lisabona Esperantista Grupo, fazia parte da comissão de censura postal, oficial junto do ministro da guerra a sua intervenção, para que a correspondência em Esperanto pudesse ser submetida à censura por aquele capitão<sup>127</sup>. Em auxílio da Lisbona Societo também os esperantistas do Porto - da Portugala Esperanta Asocio e do Grupo Esperantista do Porto - fizeram chegar o mesmo pedido junto do governo. Em Setembro, um novo decreto anula o primeiro, permitindo o uso de quaisquer línguas, sujeitas no entanto a demora a correspondência que não seja nas línguas já referidas. Depois de reiterarem o pedido junto do chefe da censura postal, Saldanha Carreira faz uma palestra no Ateneu Comercial de Lisboa, sob o título “O Esperanto como língua neutral”, convocando toda a imprensa lisboeta. A propósito desta conferência, o *Diário Nacional* pronuncia-se sobre a influência dissolvente e desnacionalizadora das línguas com pretensões a universais, fundamentadas em ideais maçónicos. Saldanha Carreira responde em *A Capital* que internacionalizar não é desnacionalizar, como provam as descobertas científicas cujos autores, adquirindo fama internacional, glorificam o seu próprio país. Continua Saldanha Carreira:

Todos se aproveitam da telegraphia, da telephonia e esses meios de intercommunição nada teem com o uso que os homens d'elles fazem para a lucta dos seus ideaes... O que tem o Esperanto que libertarios, monarchicos, religiosos, livres pensadores se sirvam d'esse meio excellente de intercommunição para melhor intensificarem a sua propaganda? (...) Se os maçons usam mais o Esperanto é porque são mais espertos que os catholicos, que não teem desculpa para a sua teimosia, visto o Papa Pio X ter predito o brilhante futuro que esperava o Esperanto, segundo elle, «a lingua commum é o caminho do coração e da paz» (...) os esperantistas não querem o Esperanto «super omnia», mas vê-lo ao lado da lingua de cada paiz, ao lado de cada dialecto, para as relações internacionaes. Os esperantistas querem, por meio do Esperanto, fazer propaganda nacional [pelo turismo e comercio] e não desnacionalista<sup>128</sup>.

No final do mês, o pedido dos esperantistas foi então atendido, providenciado a censura postal que toda a correspondência em Esperanto passasse pela secção onde se encontrava o capitão Acácio Lobo<sup>129</sup>.

Em finais de 1916, na sequência de uma proposta aprovada em Londres no Court of Common Council de Inglaterra, e em estudo no Ministério do Comércio inglês, sobre a adopção de uma língua única como idioma comercial internacional nas futuras relações comerciais entre a Inglaterra e as nações aliadas, o Centra Oficejo de Paris convida os esperantistas portugueses à constituição de um

---

<sup>126</sup> Cf. *Diário de Notícias* de 17 de Agosto de 1916 e *Diário de Notícias* de 19 de Agosto de 1916.

<sup>127</sup> Cf. *Diário de Notícias* de 31 de Agosto de 1916.

<sup>128</sup> *A Capital*, 6 de Outubro de 1916.

<sup>129</sup> O Jornal *Os Ridículos*, publicação de crítica em tom humorístico, comenta o desfecho desta situação: “Prompto! Já foi admitida á censura postal a lingua *esperanto*. Só falta a lingua de trapos!” (*Os Ridículos*, 7 de Outubro de 1916).

comité para o assunto. Assim, contando com Saldanha Carreira como representante do Centra Officejo de Paris, com Adelino de Carvalho como representante da «Lisbona Societo» e com Martins de Almeida pela Universala Esperanto Asocio (UEA) de Genebra<sup>130</sup>, o Komitato «Pró Esperanto no Comercio» é constituído, tendo uma secção oficial no *Jornal do Comércio e das Colónias* que publica a rubrica bilingue - em Português e em Esperanto - “O Esperanto como Lingua Comercial”<sup>131</sup>.

No princípio do ano de 1917 estão em funcionamento vários cursos de Esperanto: Martins d’Almeida lecciona no «Lisbona Esperantista Grupo», Adelino de Carvalho na «Lisbona Esperantista Societo» e na Academia de Estudos Livres, e Saldanha Carreira no Atheneu Comercial de Lisboa, na Associação dos Caixeiros e na Universidade Livre<sup>132</sup>.

O período aqui em análise, compreendido entre 1892 e final da 1.ª Guerra Mundial, em que se recensearam os primórdios do esperantismo, permite entrever o perfil dos pioneiros portugueses. Parecem provir de uma pequena burguesia culta e progressista, alguns com afinidades com as tendências republicanas; pelo menos Martins d’Almeida adere em 1915 ao Partido Evolucionista<sup>133</sup>. O ideal de propagação do Esperanto no país não é no entanto vivido ingenuamente, pois reconhece-se a dimensão do analfabetismo da população, tida com um verdadeiro obstáculo. Em 1913 Martins d’Almeida mostra a sua preocupação sobre esta questão, referindo que a propaganda do Esperanto está limitada aos grandes centros de Lisboa e Porto, onde uma classe intelectual média e outra classe intelectual superior contrastam com o resto do país, constituindo-se o analfabetismo quase como um inimigo<sup>134</sup>. A presença de mulheres entre estes primeiros esperantistas de Lisboa surge inicialmente pela criação deliberada de cursos para grupos femininos, sendo que alguns anos depois já partilham a direcção da agremiação criada em 1914.

---

<sup>130</sup> Em “A Inglaterra e os aliados. Uma medida de grande alcance”, *Diário de Noticias* de 23 de Novembro de 1916.

<sup>131</sup> O Arquivo da APE dispõe de artigos desta publicação para o período entre 2 de Dezembro de 1916 e 24 de Março de 1917.

<sup>132</sup> *Jornal do Comércio e das Colónias* de 24 de Janeiro de 1917.

<sup>133</sup> “Por intermédio da Junta Evolucionista da Encarnação deu a sua adesão ao partido Evolucionista o snr. B. Martins d’Almeida, professor ilustre. É uma adesão a todos os titulos valiosa. O nosso novo correligionario é o delegado do Comité Internacional da lingua esperanto em Lisboa. Cumprimentamos afectuosamente o ilustre correligionário”. Em *A Republica* de 26 de Fevereiro de 1915.

<sup>134</sup> “Ora, o Esperanto, manifestação de progresso, produto da civilização, exige condições favoráveis para se desenvolver, requer, pelo menos, uma cultura média capaz de adaptar-se à sua feição. Pode, pois, o Esperanto progredir largamente, na situação em que o país actualmente se encontra? Decerto, não. Que fazer, então? (...) A República acaba de destinar uma verba especial para êsse fim [derramamento da instrução em Portugal]; este facto é deveras animador, mas não basta: à iniciativa do Estado tem de juntar-se a iniciativa particular... Existem disseminadas pelo país fora associações, ligas, núcleos e sociedades fundadas exclusivamente para isso; coadjuvemo-las, pois, destinando um óbulo a essa cruzada de luz”, Bemaldo (*Portugala Revuo*, 2ª Série, n.º 9-10, Setembro-Outubro de 1913: 106-7).

O universo comercial foi o meio privilegiado de acção e disseminação iniciais do Esperanto: das associações de classe dos lojistas e de empregados dos bancos e câmbios, chega posteriormente ao Ateneu Comercial de Lisboa e à Associação dos Empregados de Escritório. Os meios de propaganda primaram também pela adjuvação de casas comerciais e industriais. Não surpreendentemente, em 1914 Martins d'Almeida e José Carvalhido (da Associação Comercial de Lojistas de Lisboa), ambos delegados da UEA, apresentam ao 1º Congresso Nacional das Associações Comerciais e Industriais Portuguesas duas teses sobre a língua Esperanto. Martins d'Almeida em “O esperanto no ensino comercial” propõe a introdução da língua internacional auxiliar Esperanto nos diversos ramos do ensino comercial, a par do ensino do francês, do inglês e do alemão, dando os exemplos dos países em que em inúmeras escolas oficiais é ministrado o ensino do Esperanto<sup>135</sup>.

A tese de José Carvalhido intitulada “A lingua Esperanto nas relações externas do comercio” defende que “Usando o Esperanto e utilizando os serviços da UEA facilmente se poderão tornar conhecidos lá fóra os produtos da nossa industria e os artigos do nosso comercio”, e propõe que as Associações Comerciais e Industrias de Portugal se filiem na Universala Esperanto Asocio como empresas esperantianas<sup>136</sup>.

A estreita relação dos primeiros esperantistas com o mundo comercial pode aferir-se por um facto eventualmente destituído de importância, como os locais de residência das sedes das suas associações: a 30 de Dezembro de 1915, no jornal em que habitualmente os esperantistas publicam as suas notícias, informa-se a mudança da sede da «Lisabona Esperantista Societo». Nesta data a sede deixa de estar sita na Praça Luiz de Camões, na sala que a Associação dos Lojistas lhes concedera para as suas reuniões, e passará a estar em sede provisória “numa sala obsequiosamente cedida pela importante Associação Industrial Portuguesa”, na Rua do Mundo. O Esperanto é concebido, naquele princípio de século, como meio privilegiado nas relações internacionais que modernamente se expandem e intensificam. Assim, para além do comércio, também o turismo é uma dimensão contemplada - e por isso a ligação à Sociedade Propaganda de Portugal, com um curso em 1912, naquela associação de promoção turística do país.

De um modo geral, em todos os domínios sociais, o Esperanto como que consubstancia uma pedra angular do progresso material e humano, *i.e.*, civilizacional, entendida a civilização como a união dos povos. Um exemplo que poderá parecer lateral, mas que se integra neste corpo ideológico, é o desporto entendido enquanto epifenómeno das alargadas e emergentes áreas de internacionalização,

---

<sup>135</sup> “O velho problema da lingua internacional está resolvido. (...) Nos meios oficiais da Alemanha, da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Brazil, o Esperanto tem recebido a protecção a que tem jus e são já muitas e várias as escolas oficiais onde é ministrado o seu ensino (...) em Dresden cêrca de 200 casas comerciais e industriais das mais importantes correspondem em Esperanto, possuindo já muitas delas catalogos naquela lingua e promovendo cursos para os seus empregados” (d’Almeida, 1914: sem número de página).

<sup>136</sup> Carvalhido, 1914.

e um elo mais na marcha evolutiva civilizacional no sentido também de união universal. Assim, em 1911, escrevia B. Martins d'Almeida:

O que (...) mais se tem evidenciado, pela sua acção progressiva, no moderno movimento sportivo é, sem dúvida, a organização dos campeonatos internacionaes. Elles encerram, de facto, um alto significado moral e material a bem das nações, quer pelo impulso e melhoramento que imprimem ao progresso, quer pela tendencia que manifestam, em virtude da sua potencia civilisadora, em fortificar o estreitamento das communicações internacionaes (...) Da adopção d'um codigo linguista universal, adviria para o *sport* uma utilidade de superior alcance que, bem aproveitada conseguiria fazel-o avançar mais um passo no caminho da sociabilidade (...) É debaixo d'este aspecto geral que podemos considerar o futuro do Esperanto, e é tambem já sob esta fórmula unitaria que contestamos o seu progresso actual em todos os campos do mundo culto<sup>137</sup>.

Como eco destas considerações, o autor daquelas linhas empreendeu, juntamente com outros delegados da UEA, uma proposta de criação, nesta associação esperantista internacional, de uma secção especial dedicada ao desporto, à imagem das já existentes para comércio e o turismo<sup>138</sup>.

Paralelamente, o humanitarismo e o ideal da fraternidade universal são o “reverso” desta acepção utilitária da língua: um todo que congrega o corpo – a vertente utilitária da língua - e a alma – a *interna ideo* zamenhofiana.

Durante o primeiro lapso temporal aqui em análise, a presença do operariado no movimento esperantista não é ainda evidente, para além do interesse incipiente na divulgação do Esperanto, objecto de discussão em dois congressos no ano de 1914, de que adiante se falará. Os operários são referidos, mas ainda como laterais ao movimento a que pertencem os pioneiros da capital. Assim, numa sessão inaugural de um curso na União Cristã da Mocidade em Julho de 1910, Martins d'Almeida ter-se-á exprimido do seguinte modo:

Em seguida falou em Esperanto o sr. Bernardino Martins d'Almeida, sendo interpretado pelo sr. Eduardo dos Santos. Começou por dizer que tendo o sr. Horner falado a respeito do movimento esperantista na America, lhe parece conveniente informar tambem o auditorio sobre o movimento operario na Europa, por ser onde elle se tem desenvolvido em mais larga escala<sup>139</sup>.

Terão nesta altura as associações e grupos existentes tentado alargar o Esperanto a outros grupos profissionais para além dos pertencentes, directa ou indirectamente, à esfera comercial e de

---

<sup>137</sup> *Tiro&Sport*, 31 de Outubro de 1909.

<sup>138</sup> Assim “reuniram-se os delegados em Lisboa da importante federação esperantiana [UEA] srs. Bernardino d'Almeida, Rudolph Horner, José Carvalhido e Duarte Rodrigues (...) A proposta [que elaboraram] pede que seja creada uma secção especial de desporto com uma organização semelhante ás secções de commercio, de turismo e outras” (cf. *Tiro&Sport*, 15 de Junho de 1911). Esta proposta foi preparada para ser discutida no congresso universal desse ano, na Bélgica; segundo *O Século*, de 28 de Dezembro de 1911: “O estatuto da nova secção já foi elaborado, faltando ser ouvidos os delegados que compõem a comissão da redacção definitiva, de que é presidente o sr. Kurt Kaul, delegado em Berlim e um dos propagandistas sportivos mais em evidencia na Alemanha”.

<sup>139</sup> *Diario de Noticias* de 3 de Julho de 1910.

turismo? Pelo menos em 1913 há notícia de que Martins d'Almeida organizou uma visita de esperantistas à fábrica de Sacavém, onde aproveitou a ocasião para distribuir material de divulgação da causa esperantista<sup>140</sup>. Em 1916, o Sindicato dos Caminhos-de-Ferro Portugueses é admitido como sócio da «Lisabona Esperantista Societo»<sup>141</sup>. Também em 1916 se regista o ensino do Esperanto em Lisboa na Universidade Livre<sup>142</sup>.

---

<sup>140</sup> Em *Portugala Revuo* (2ª Série, n.º2, Fevereiro de 1913:34) lê-se, em Esperanto: “La 13.an de Februaro, organizita de s-ro Bemaldo, efektiviĝis vizito de esperantistoj al la fabrikejo de argilaĝoj en Sacavem. Oni profitis tiun okazon por disdonado de propagandiloj en tiu loko (...)” que se traduz do seguinte modo: “A 13 de Fevereiro, organizada pelo Sr. Bemaldo, efectuou-se uma visita de esperantistas à fábrica de louça de Sacavém. Aproveitou-se a ocasião para distribuir material de propaganda naquele local”. A notícia da visita foi também publicada em o *Século* de 16 de Fevereiro: “promovida pela «Universala Esperanto Asocio» e com a amavel aquiescencia do sr. Gilman, conceituado proprietario da fabrica de louça de Sacavem, efectuou-se uma visita de esperantistas áquele importante estabelecimento industrial”.

<sup>141</sup> Em *Diário de Notícias* de 27 de Maio de 1916.

<sup>142</sup> *Diário de Notícias*, 21 de Outubro de 1916.

ANNO III LISBOA, JULHO DE 1907 SUPPLEMENTO AO N.º 25

# O Mensageiro

FOLHA INSTRUCTIVA E NOTICIOSA, DE REVIVIFICAÇÃO ESPIRITUAL

DIRECTOR-PROPRIETARIO — J. A. dos Santos e Silva  
 REDACTOR — Eduardo Moreira.  
 ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO — Travessa de Santo Antonio (das Janelas Verdes), 21, 2.º

Composição: Typ. de João Ferreira da Medeiros, Rua da Rosa, 9.  
 Impressão: Typ. de Frano. L. Gonçalves, T. do Nequero das Chagas, 16-A.

## Lingua «Esperanto»

Muitos leitores de *O Mensageiro* terão por certo ouvido falar da nova lingua «Esperanto», mas nem todos terão ainda podido fazer uma idéa clara d'este novo meio de comunicação, por falta talvez de livros ou de outros meios de explicação ao seu alcance. *O Mensageiro* tem prazer em offerecer aos seus amigos não sómente algumas explicações theoreticas mas tambem uma amostra d'esta nova lingua n'uma traducção do Psalmo 1 feita recentemente em Lisboa.

Antes de entrarmos na descripção da construcção da nova lingua «Esperanto», não sabirá fóra do proposito dizer que a idéa de uma lingua internacional é bastante antiga. No capitulo 1 do livro de Genesis lemos, no primeiro versiculo, «Ora na terra não havia senão uma linguagem e um mesmo modo de fallar.» E como «todas as coisas, taes quaes Deus as tinha feito, eram muito boas» (Genesis, 1, 31), nós temos o direito de admitir que uma só linguagem, um só modo de fallar, é um ideal historico e mesmo divino. Além d'isso percebemos claramente pelo relatório das Sagradas Escripturas (comp. Genesis, 1, 3 a 9) que a «confusão da linguagem» foi um resultado do peccado e um castigo mandado por Deus.

E meditando no quadro propheticico que nos dá o livro do Apocalypse (viii, 9 a 10), vendo a multidão que vem de todas as nações, tribus, povos e linguas para formar uma nação, uma tribu, um povo... seria muito erronea a inferencia de «uma lingua»? Penso que não, e por isso temos uma base logica no passado e no futuro do povo de Deus. A lingua não faz o povo, mas o povo faz a lingua, como a circuncisão não fez o judeu (Romanos, 11, 28 e 29), mas esta era um signal do judeu e ainda o é até ao dia de hoje!

Passando a tratar, n'esta altura, a

alemão, desejo sómente fallar aqui em algumas das manifestas obstrucções a esta maneira de solver o problema da lingua internacional, que ha já 400 annos se debate. A primeira obstrucção vem da complicação, da pronuncia e da irregularidade d'estas linguas: para conhecer o verbo francez (fallo aqui só do verbo) é preciso estudar 2:256 differentes fórmãs e terminações; na lingua «Esperanto» bastam 12 caracteristicos! No inglez reparamos, por exemplo, n'uma dificuldade de pronuncia caprichosa que revela um espirito individualissimo. No alemão encontramos um entrelaçamento interno mysteriosissimo.

mães, nem estes tão pouco o cederiam áquelles. Porém, a necessidade de uma lingua internacional torna-se cada vez mais evidente. Leio no relatório da ultima viagem do nosso amigo sr. Carlos Fermaud, que se tornou necessario imprimir em seis linguas o livro de hymnos usado no Congresso Universal das Uniões Christãs dos Estudantes.\* Estas seis linguas foram o japonex, o chinex, o coreano, o inglez, o francez e o alemão. E ainda não tinham o idioma do presidente do congresso, visto que o nosso amigo dr. Karl Fries é sueco.

Os jornaes de Lisboa deram já a noticia do III Congresso internacional da celebre lingua «Esperanto» que se ha de realizar em Cambridge (Inglaterra), de 12 a 17 de agosto proximo; calcula-se em 2:000 o numero dos esperantistas que se hão de encontrar ali.

O programma do congresso nacional dos professores das escolas publicas da Suissa, que teve logar na cidade de Schaffhausen, de 4 a 5 de julho de 1907, incluiu igualmente uma «sessão dos professores que fallam o «Esperanto» com conferencia dirigida pelo professor Kellhofer sobre «A importancia do «Esperanto» na Suissa.» Tudo isto mostra o progresso que esta lingua auxiliar está fazendo lá fóra. Que já temos um principio em Portugal, os nossos leitores o sabem pelos annuncios dos respectivos cursos na União Christã da Mocidade, e tambem pelos artigos publicados nos jornaes *O Seculo* e o *Diario de Noticias*, de Lisboa.

A gravura que damos na primeira pagina d'este supplemento representa os quatro melhores alumnos do 1.º curso de «Esperanto» e o seu director.

A classificacão no exame deu o seguinte resultado: — 1.º Eduardo Antonio dos Santos com 486 valores. — 2.º Delphim Cordeiro Perú com 476 valores. — 3.º Luciano José Pereira da Silva com 469 valores. — 4.º Antonio Rodrigues Moderno Junior com 448 valores.

Para o primeiro classificado no curso o sr. Louis H. Aymé, consul general dos Estados Unidos da America



DELPHIM C. PERÚ (2.º premio) LUCIANO P. DA SILVA (3.º premio)  
 EDUARDO A. DOS SANTOS (1.º premio) RODOLPHO HORNER Director ANTONIO R. MODERNO JR. (4.º premio)

Um grupo do primeiro curso de Esperanto LISBOA, 1907

Muito bem entendeu o principe dos philologos, o celebre Max Muller, da Universidade de Oxford, dever declarar: «A nova lingua internacional artificial póde facilmente ser muito mais regular, muito mais completa, muito mais facil de aprender do que qualquer lingua humana natural.» Eu explico este facto pela razão de que as linguas naturaes teem soffrido uma grande corrupção na corrupção geral. Ha uma ligacão ou relação intima entre o coração e a bocca!

3.1.1. Folha de rosto de *O Mensageiro*, Julho 1907 com fotografia de alunos do 1.º curso na UCM. (Arquivo APE, Pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969". Fotografia da autora, Outubro de 2012).





3.1.2. Cartão de divulgação de conferência sobre Esperanto na União Cristã da Mocidade, Lisboa, Janeiro de 1907. (Arquivo APE, Pasta “Eltondajoj 1907-1016”. Fotografia da autora, Outubro de 2012).



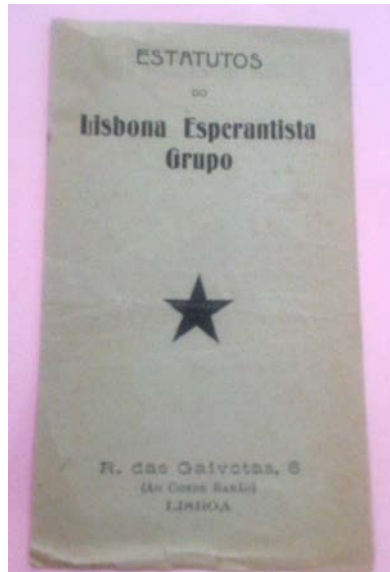
3.1.3. Cartão de divulgação de curso de Esperanto na União Cristã da Mocidade, Lisboa, Março de 1908. (Arquivo APE, Pasta “Eltondajoj 1907-1016”. Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.1.4. Bilhete de admissão de Martins d'Almeida a conferência sobre Esperanto na União Cristã Central da Mocidade, Porto, Março de 1909. (Arquivo APE, Pasta "Eltondajoj 1907-1016". Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.1.5. Cartão convite para sessão comemorativa do aniversário de Zamenhof no Lisabona Esperantista Grupo, Lisboa, Dezembro de 1909. (Arquivo APE, Pasta "Eltondajoj 1907-1016". Fotografia da autora, Outubro de 2012).



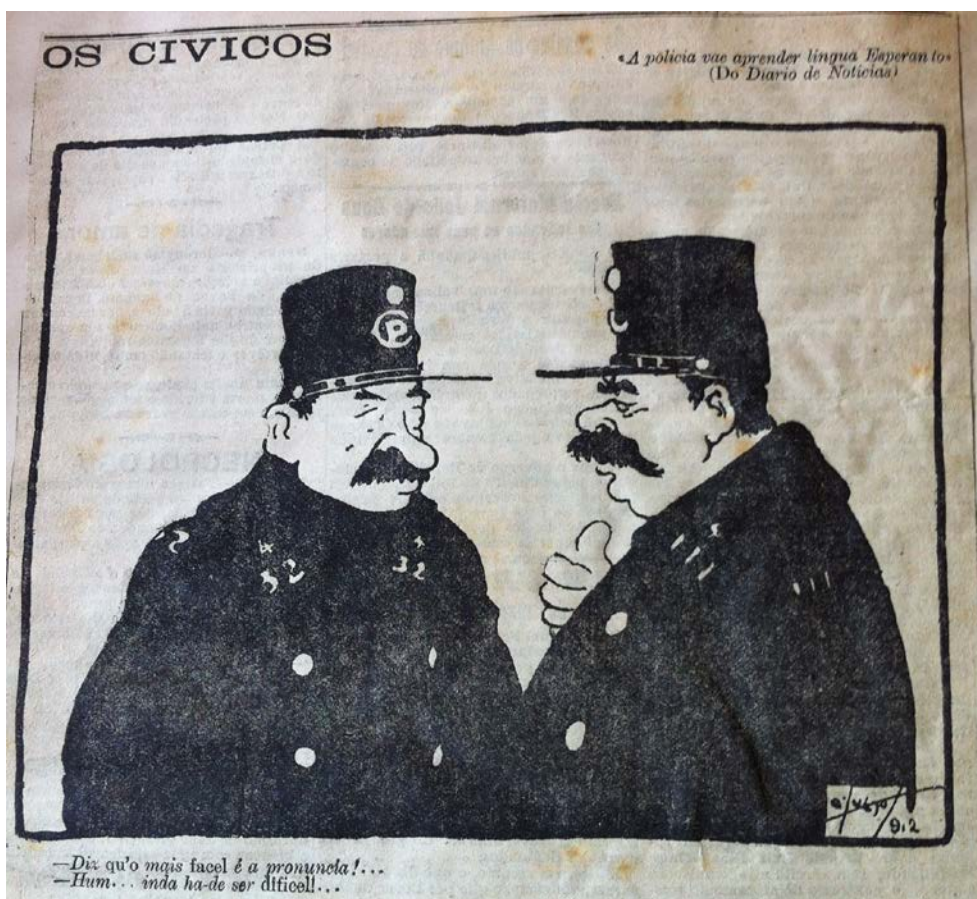
3.1.6. Estatutos do Lisbona Esperantista Grupo, 1908.  
(Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados.  
Fotografia da autora, Julho de 2012).



3.1.7. Bilhete-Convite para Curso Livre de Noções Comerciais na União Cristã da Mocidade, que inclui sessão sobre Esperanto, Lisboa, *sem data*.  
(Arquivo APE, Pasta "Eltondaĵoj 1907-1016". Fotografia da autora, Outubro de 2012).



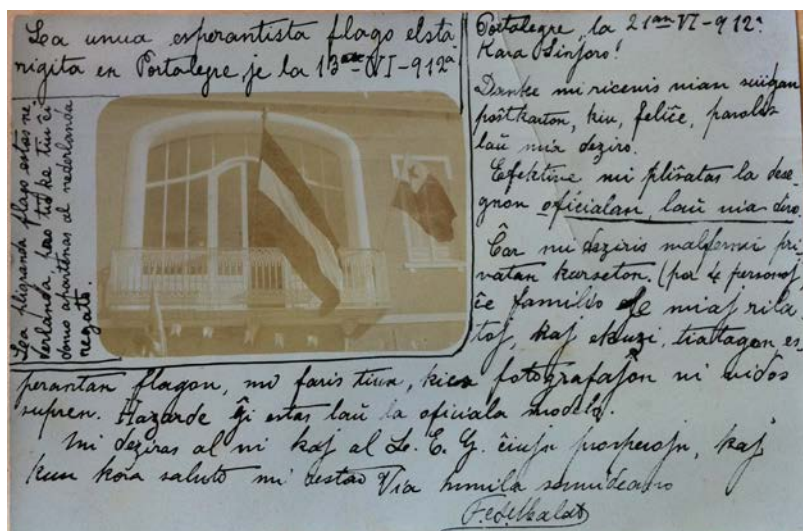
3.1.8. Bilhete-postal de 31 de Janeiro de 1911.  
(Arquivo APE, Pasta "Eltondaĵoj 1907-1016").



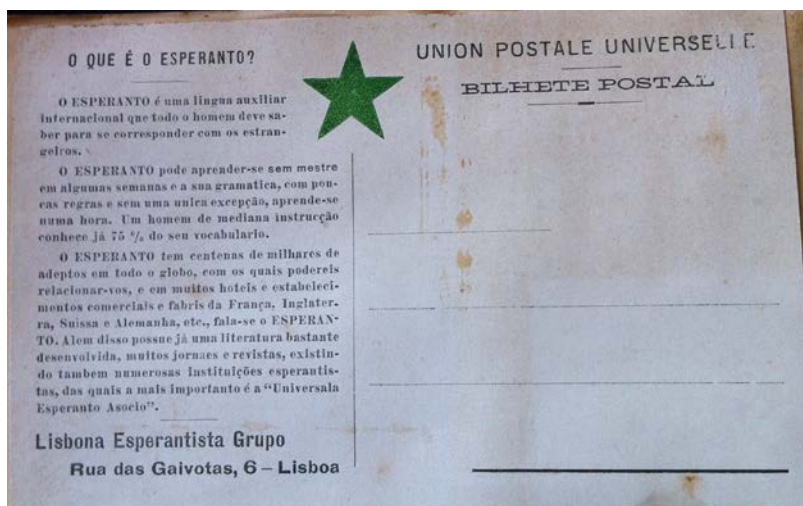
3.1.9. Desenho humorístico em *A Lucta*, Lisboa, Março de 1912.  
(Arquivo APE, Pasta "Eltondaĵoj 1907-1016". Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.1.10. Cartão de divulgação de conferência sobre Esperanto no Atheneu Commercial, Lisboa, Abril de 1912. (Arquivo APE, Pasta "Eltondajoj 1907-1016". Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.1.11. Postal enviado de remetente de Portalegre, Junho de 1912. (Arquivo APE, Pasta "Eltondajoj 1907-1016". Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.1.12. Bilhete-postal editado pelo Lisbona Esperantista Grupo, Lisboa, sem data. (Arquivo APE, Pasta "Eltondajoj 1907-1016". Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.1.13. Fotografia de grupo esperantista de Guifões, Matosinhos, Setembro de 1913. (Arquivo APE, Pasta "Eltondaĵoj 1907-1016").



3.1.14. Números de *Portugala Revuo*, Porto, 1913. (Arquivo APE, fotografia da autora, Agosto de 2012).



3.1.15. Recibo de cotizaço da Lisbona Esperantista Societo do membro n.º 1, Martins d' Almeida, Março de 1914. (Arquivo APE, Pasta "Eltondajoj 1907-1016". Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.1.16. Cartão de divulgação de viagem no país para divulgação da língua Esperanto, Março de 1915. (Arquivo APE, Pasta "Eltondajoj 1907-1016". Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.1.17. e 3.1.18. Postal do Grupo Esperantista de Luanda enviado do destinatário do Porto, Setembro de 1917. Verso do postal. (Arquivo APE, Pasta “Fotaro”).



3.1.19. Cartão de divulgação da língua Esperanto, editado pela Lisbona Esperantista Societo, Lisboa, *sem data*. (Arquivo APE, Pasta “Eltondajoj 1907-1016”). Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.1.20. Papel de embrulho de sabonete “Esperantista Saponeto” da Claus & Schweder, Porto. (Arquivo APE, Pasta “Eltondajoj 1907-1016”).



### 3.2. A ligação ao operariado (da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial a 1936)

Hoje, que uma nova era se está anunciando, que um futuro cheio de promessas se aproxima, estamos certos de que o Esperanto vencerá. E vencerá porque ele é a língua dos explorados, dos sem-pátria, dos que tudo produzindo nada têm (em Editorial de *Laboro* - Monata organo de «Portugala Laborista Esperanto-Federacio», n.º 1, 1.º Ano, Maio de 1920).

Na revista de tendência anarquista *Novos Horizontes* publicava-se, em Agosto de 1907, o artigo “Idioma internacional”, reflexão acerca da melhor opção na eleição de uma língua internacional: o Esperanto de Zamenhof ou o Universal de Molenaar<sup>143</sup>. Este é o ano em que se realiza em Amesterdão o Congresso Internacional Anarquista, onde precisamente se discute se o Esperanto será a melhor opção para a resolução do problema linguístico nos encontros internacionais<sup>144</sup>. De acordo com as preocupações reveladas tanto no referido artigo como no congresso internacional de 1907, é apresentada e aprovada no Congresso Nacional Operário que em 1914 ocorre em Tomar uma moção a favor do Esperanto:

Considerando que a internacionalização dos povos é a base imprescindível duma forte e inquebrantável solidariedade para a emancipação dos trabalhadores; o Congresso Nacional Operário reunido em Tomar resolve: 1º Apoiar toda a propaganda de que todos os trabalhadores internacionalmente se corresponderem com uma só língua; 2º Para que todos os organismos operários diligenciem a divulgação do Esperanto, língua internacionalista<sup>145</sup>.

Este interesse pelo Esperanto será demonstrado tanto pelo operariado como pelos anarquistas noutros congressos, nesta altura e novamente na década seguinte, como adiante se verá. Assim, também em 1914 são aprovadas teses sobre o Esperanto na conferência anarquista do sul<sup>146</sup>. Posteriormente, no Congresso Nacional Operário em Coimbra, é aprovada em 1919 a tese “O Esperanto e as relações internacionais”<sup>147</sup>.

Estes são os acontecimentos iniciais protagonizados por uma nova e distinta facção de esperantistas, responsável por um significativo crescimento do movimento nacional após a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Inicialmente estes esperantistas estão ainda em coordenadas distintas dos pioneiros.

Em Maio de 1920 surge *Laboro*, o primeiro número do também primeiro jornal operário, bilingue, dirigido por António P. da Costa Júnior, nome que doravante passará a estar muito presente entre os esperantistas. Trata-se do órgão mensal de uma federação esperantista de operários, pequeno

---

<sup>143</sup> Cf. Freire, 1988:249 e Fonseca, *sem data*:119.

<sup>144</sup> Cf. Stefano, 2010:101.

<sup>145</sup> Cit. por Freire, *op.cit.*:249.

<sup>146</sup> Freire, *op.cit.*:250 e 367(nota 75).

<sup>147</sup> Freire, *op.cit.*:250.

jornal de oito páginas. Da federação fazem parte a «Lisbona Verda Stelo»<sup>148</sup>, que dispõe de três cursos, e cujo endereço é o mesmo da redacção e administração da *Laboro*<sup>149</sup>; a recém criada «Fratiga Stelo», cujo curso é leccionado por Augusto Dias; a «Esperantista Flegisto» ao Campo de Sant’Ana, que tem dois cursos, um em exclusivo para mulheres<sup>150</sup>; e do Porto, também a recém criada «Idealo kaj Laboro».

A Federação, tal como o jornal, acompanham os movimentos sindicais e anarquistas, segundo se declara em *Laboro*. Por isso este jornal tem a secção *Nia Movado*, i.e., “Nosso Movimento”, e o *Sindikata Movado*, i.e., “Movimento Sindical”, noticiando as várias greves ocorridas em Fevereiro e Março, os confrontos com a guarda republicana, o encerramento das sedes da C.G.T. (Confederação Geral dos Trabalhadores) e da U.S.O. (União dos Sindicatos Operários) e a prisão de envolvidos, alguns pertencentes à *Portugala Laborista Esperanto-Federacio*<sup>151</sup>.

O autor do pequeno artigo intitulado “A apoteose do Esperanto”<sup>152</sup>, que assina com um pseudónimo esperantista, diz que em todos os países se encontram anarquistas, sindicalistas e socialistas que propagam a língua universal, e lembra o apoio do governo soviético aos esperantistas, concedendo-lhes em Moscovo a Casa do Esperanto. Aos operários compete dar vida ao “já erguido facho esperantista”, através da aprendizagem do Esperanto, que será a língua utilizada quando no mundo houver uma só família - já não estrangeiros mas sim homens livres. Aprender o Esperanto é assim também uma preparação para a sociedade futura. No contexto desta perspectiva do Esperanto, fazem sentido as exortantes palavras de ordem semeadas pelas páginas entre os artigos: “Não se concebe que um internacionalista não seja partidário da língua internacional «Esperanto»”, ou “Não há revolução verdadeiramente internacional sem uma língua internacional”<sup>153</sup>.

Nesse mesmo ano de 1920, em Setembro, inaugura-se a «Sociedade Esperantista Antaûen», no Sindicato dos Metalúrgicos - à Esperança, em Lisboa -, com curso dirigido por Guilherme de Castro<sup>154</sup>.

Depois de *Laboro*, outros dois jornais são criados: em Janeiro de 1921 o *Komunist-Esperantisto*, *Orgão mensal dos comunistas esperantistas portuguezes*, cujo editor é Francisco Gonçalves; e, em 1922 tem início a publicação *La Vero*, *Folha mensal para a divulgação do*

---

<sup>148</sup> Este grupo foi criado em 1917, segundo informação constante em carta de um membro da «Lisbona Verda Stelo» ao Sindicato Único das Classes Metalúrgicas de Lisboa, datada de 21 Outubro de 1920 (carta depositada em AHS, Núcleo Educação e Cultura, caixa 87).

<sup>149</sup> Travessa da Água da Flor.

<sup>150</sup> Neste caso para enfermeiras, pois «Esperantista Flegisto» significa enfermeiro esperantista.

<sup>151</sup> *Laboro*, nº1, Ano 1, Maio de 1920:8.

<sup>152</sup> *Laboro*, nº1, Ano 1, Maio de 1920:4.

<sup>153</sup> Prevê a Federação uma série de sessões de propaganda nas sedes das sociedades esperantistas que a integram, bem como em associações operárias. Também noticia a abertura para breve de novas sociedades em Sacavém, Oeiras, Almada, Palma e Charneca (*Laboro*, nº1, Ano 1, Maio de 1920:7).

<sup>154</sup> *Diário de Lisboa*, de 14 Julho de 1976.

*Esperanto entre o povo*, editada pelo Anarkia Grupo «La Vero»<sup>155</sup>. Da criação destas três publicações depreende-se uma nova perspectiva e utilização do Esperanto, politizada, com certeza não desligada do facto de em 1923 se encontrarem registados 24 esperantistas portugueses na jovem SAT<sup>156</sup>.

Na esteira das discussões ocorridas nos congressos de 1914 e 1919, acima indicados, a pertinência da adopção do Esperanto é novamente debatida em várias conferências anarquistas: em 1921 o grupo esperantista «La Vero» participa no Congresso Anarquista Internacional em Berlim, com a tese “O Esperanto no movimento anarquista”<sup>157</sup>, depois em 1923 na conferência nacional anarquista, e em 1925 na conferência anarquista de Lisboa, são aprovadas teses sobre Esperanto<sup>158</sup>.

Se a censura, perseguição e prisão integram uma trilogia bem característica da ditadura, como adiante se documentará, a regência republicana, num momento histórico tão conturbado, também não foi isenta daqueles expedientes. No dia que se seguiu ao da inauguração da «Sociedade Esperantista Antaûen», em Setembro de 1920, alunos e professor foram detidos, pelo motivo de reunião “à porta fechada”<sup>159</sup>. No mesmo ano, alguns meses antes, a publicação *Laboro* escreve sobre a censura aplicada aos jornais cujas principais vítimas são *A Batalha*, órgão da C.G.T., *O Combate*, do partido socialista, e *O Luso*. Dizem ironicamente: “Kaj tio ĉi estas demokrata respubliko!”, i.e., “E é isto a república democrática!”<sup>160</sup>.

A par destes acontecimentos, em 1925 alguns dos pioneiros trazem à luz a Associação Portuguesa de Esperanto: Luzo Bemaldo, Saldanha Carreira e Eduardo António dos Santos, respectivamente, director, secretário, e director da revista *Portugal-Esperanto* que será o órgão mensal da nova associação<sup>161</sup>. A associação nasce da herança de vários núcleos, como a «Lisabona

---

<sup>155</sup> Tal como a *Laboro*, esta publicação tem sede na Travessa da Água de Flor, mas em diferente número de porta. Infelizmente, estes dois títulos constando embora dos catálogos da BN e do ICS, respectivamente, não foram efectivamente localizados, pelo que não puderam ser consultados. Não se conhece o número de edições que tiveram.

<sup>156</sup> Valor disponibilizado por Forster, 1982:39.

<sup>157</sup> Freire, 1988:367 (nota 77).

<sup>158</sup> Freire, *op. cit.*:367 (nota 75).

<sup>159</sup> “A uma comissão da Portugala Laborista Esperanto-Federacio que diligenciou intervir, o chefe da Polícia respondeu que as detenções eram legais por estarem proibidas reuniões à porta fechada! Vivia-se então sob a legislação repressiva do coronel António Maria Baptista, presidente do Conselho de Ministros, que criou um tribunal especial que arbitrariamente podia exilar para Angola os suspeitos de revolucionários, bolchevistas, etc. O jovem esperantista Américo Vilar e Joaquim Gonçalves, membros da Lisboa Verda Stelo foram os primeiros samideanos presos e condenados. Decorridos alguns dias, a Polícia deteve mais esperantistas, resultando inúteis os protestos e pedidos a seu favor”(cf. “Quarenta anos perseguido (e proibido) o esperanto volta a Portugal” em *Diário de Lisboa* de 14 Julho 1976: artigo escrito a partir de várias entrevistas, entre elas, a Adolfo Nunes, de quem é o excerto transcrito).

<sup>160</sup> *Laboro*, n.º1, Ano1, 1920:7

<sup>161</sup> Da comissão organizadora fazem também parte, além dos acima citados, António Luís da Costa e Alberto Godinho, e da direcção da APE também Adolfo Nunes, e como vogais, Etelvina Silva e Adelaide de

Esperantista Societo» e outros, cuja existência não tinha sido aqui recenseada, como a «Rondo Amikeco», o «Zamenhofa Grupo» e a «Portugala Esperanto Polica Asocio»; assim, escreve a comissão organizadora no seu órgão de imprensa:

foi nas reuniões de quente entusiasmo da «Rondo Amikeco» que a ideia criou vulto e agrupou numa vontade decidida alguns dos esperantistas da velha guarda (...) A primeira reunião da A.P.E. efectuou-se no dia 14 de Agosto de 1924 nas salas do Núcleo de Instrução «Lux» e nela foi lido o seguinte relatório da respectiva comissão organizadora: (...) «Desde a nova «Portugala Esperanto Polica Asocio», com as suas características militares, até à querida velhota «Lisbona Esperantista Grupo», com sua directriz protestante, todas essas sociedades deram directa ou indirectamente seus elementos à associação nacional e, portanto, é bem uma associação nacional a que hoje inicia os seus trabalhos (...) A Comissão Organizadora trabalhou e conseguiu que a «Lisbona Societo», a «Ronda Amikeco» e o «Zamenhofa Grupo» nos trouxessem o crédito dos seus nomes e alguns haveres»<sup>162</sup>.

A linha directriz da Associação Portuguesa de Esperanto faz, como anteriormente, a apologia do papel do Esperanto nas relações internacionais, discutido agora no quadro claro do patriotismo e nacionalismo do pós-guerra - salvaguardando nos seus estatutos a neutralidade política e religiosa<sup>163</sup>. O patriotismo revela-se pelo respeito pela língua e cultura portuguesas, que enquadradas na internacionalização acelerada, não deverão constituir-se como um factor de isolamento do país. O Esperanto sendo neutro respeita as línguas nacionais, e sendo elo entre as nações, em todos os níveis das relações internacionais, permite o objectivo patriótico de levar o país na onda do progresso: “Mais do que um êrro, seria um crime o isolamento! (...) Não quebramos assim a nossa dignidade de nação livre, o nosso brio de independência; colaboramos na fraternização da grande família humana, dispensando a língua de outrem, porque temos ao nosso serviço a língua de todos”<sup>164</sup>.

---

Carvalho (*Portuga- Esperanto*, n.º 1, Ano 1, Janeiro de 1926:3). Quanto a Rudolph Horner, mantinha-se activo nas Associações Cristãs e igualmente na Cruz Vermelha, como atesta a notícia: “Mais uma vez, junto da reunião magna do Esperantismo [Congresso universal em Edimburgo] o nosso amigo Rudolf Horner (...) será o porta-voz da Comissão Central da Cruz Vermelha e da Comissão Universal das Associações Cristãs da Mocidade” (*Portugal-Esperanto*, n.º6, Ano 1, Junho 1926:70).

<sup>162</sup> *Portugal-Esperanto*, n.º1, ano 1, Janeiro de 1926:3. No mesmo texto se informa que o Núcleo de Instrução «Lux» permitiu o funcionamento de cursos de Esperanto até que a APE tivesse a sua sede independente, que veio a instalar-se na Rua da Graça.

<sup>163</sup> Artigo 4.º dos Estatutos da Associação Portuguesa de Esperanto (*Portugal-Esperanto*, n.º1, Ano 1, Janeiro de 1926).

<sup>164</sup> Em “Patriotismo e esperantismo”, Luzo Bemaldo, *Portugal-Esperanto*, n.º1, Ano 1, Janeiro de 1926:1-2. No número de Fevereiro reitera-se o âmbito e enquadramento da acção esperantista: “A revista *Portugal-Esperanto* surge no momento próprio, coordenando e alimentando o movimento Esperantista português no concêrto da organização mundial e opondo à rajada desnacionalizadora que subverte a linguagem lusíada uma acção de inteligente patriotismo pela pureza da língua pátria” (*Portugal-Esperanto*, n.º2, Ano 1, Fevereiro de 1926:15). Os redactores desta publicação referem frequentemente a hegemonia da língua francesa, nomeadamente no ensino e na apropriação de termos pelo vocabulário nacional.

A língua e cultura nacionais são continuamente celebradas na publicação mensal *Portugal-Esperanto* - como de resto, de um modo geral em todas as publicações esperantistas: o próprio *Laboro*, de tão pequena dimensão, traz a tradução para Esperanto de um poema de Antero de Quental. Ao longo dos seis números publicados em 1926, encontram-se traduções de João de Deus, Eça de Queirós, António Feijó, Alexandre Herculano, Padre António Vieira, e Luís de Camões. A maioria das traduções é de Bemaldo, as restantes são de Saldanha Carreira e de Costa e Almeida. Saldanha Carreira prima recorrentemente por textos da sua autoria, pequenos contos, que se encontram disseminados em várias publicações esperantistas até à década de 1950. Neste ano de 1926 publicou ainda no número de Maio da revista *De Teatro* uma comédia em Esperanto “En tiu tempo”<sup>165</sup>.

Os editores não descuram o espaço de que dispõem, e distribuem em capítulos um curso de iniciação esperantista: “Curso racional de Esperanto por Luzo Bemaldo”. Mas, talvez a opção editorial mais significativa tenha sido a colectânea de depoimentos sobre o Esperanto, recolhidos dos vários quadrantes intelectuais, de acordo com as áreas privilegiadas que são as suas: comércio, diplomacia, propagação da ciência, cultura e educação. Relativamente à área comercial e respectivo ensino, apresentam-se artigos de Francisco António Correia, professor e director do Instituto Superior do Comércio de Lisboa, e, de Adrião Castanheira, Director da Escola Industrial Fonseca Benevides<sup>166</sup>. Para as questões diplomáticas, depõe Boavida Portugal:

Só uma língua neutra [na Sociedade das Nações] será a solução. Não satisfará a vaidade de todos, mas poderá, sem desprestígio, ser aceita por todos (...) Só o *Esperanto* merece esta consagração, já que a sua vida é o triunfo maravilhoso da filologia sobre a etnogeografia (...) faço ardentes votos, que o *Esperanto* deixará um dia de ser considerado língua auxiliar e que todas as outras línguas o auxiliarão a ser o ideal instrumento de cultura e comunhão espiritual de todo o mundo<sup>167</sup>.

No quadro das já antigas ligações às forças policiais - como acima se mostrou a propósito do primeiro curso para a polícia de Acácio Lobo em 1912, e posteriormente, o referido grupo esperantista «Portugala Esperanto Polica Asocio» - pronuncia-se Ferreira do Amaral, Tenente-coronel e comissário geral da Polícia: “Eis o que diz o natural instinto de um comandante de Polícia [sobre o uso do Esperanto no debate internacional de ideias], que não tem aversão à marcha social das ideias, mas a quem repugna o emprêgo dos meios violentos, sempre desordenados, para a sua imposição. Pelo «Esperanto», tudo! Pela fôrça, nada!”<sup>168</sup>.

Do universo académico, ouvem-se duas personalidades: o filólogo Cândido de Figueiredo, numa entrevista anteriormente concedida a *A Republica*, e transcrita para a revista esperantista, e, Albino Forjaz de Sampaio, da Academia das Ciências, que diz “Mas ainda que êsse sonho [da humanidade de todos falarem a mesma língua] não logre nunca ser atingido, nem por isso o Esperanto

---

<sup>165</sup> Cf. última página (não numerada) do n.º 6 de *Portugal-Esperanto*, Junho de 1926.

<sup>166</sup> Cf. respectivamente *Portugal-Esperanto*, n.º3 de Março e n.º 1 de Janeiro de 1926.

<sup>167</sup> “O Esperanto – Língua diplomática”, *Portugal-Esperanto*, n.º 2, Ano 1, 1926:16.

<sup>168</sup> *Portugal-Esperanto*, n.º1, Ano 1, Janeiro de 1926.

deixa de ser a sua primeira *étape*”<sup>169</sup>. Finalmente as opiniões do poeta e dramaturgo Bento Faria<sup>170</sup>, e do professor e pedagogo Adolfo Lima, que escreve que a Escola deve “fornecer às gerações que passam por ela, como parte de cultura geral, êsse meio pelo qual o ser humano se torna apto para entender-se com tôda a humanidade”<sup>171</sup>.

A divulgação - ou propaganda, segundo o termo usado pelos esperantistas - do Esperanto pretendeu nesta fase chegar aos meios intelectuais, mais além do universo tendencialmente utilitário que inicialmente se visou na década anterior. Prova é que a revista foi enviada - segundo escreve Saldanha Carreira - a todas as faculdades de Coimbra e do Porto, mas, desanimadoramente, nem dez por cento de resposta foi obtida<sup>172</sup>. Saldanha Carreira e Adolfo Nunes lamentam o posicionamento perante a causa esperantista, incompreensível indiferença ou hostilidade da parte dos académicos e responsáveis políticos. Adolfo Nunes escreve:

que a propaganda esperantista não pode atrair grandemente as classes operárias, que são, por via de condições e regra, as menos ilustradas e conhecedoras, é intuitivo. Muito pelo contrário, que as classes intelectuais, que os homens de inteligência e de saber dêste país (...) deixem esterilizar-se à míngua de auxílio, cooperação, ou de carinhoso incitamento, um factor poderosíssimo de educação e cultura, é que nos parece estranho, ou, para melhor dizer, condenável (...). O Esperanto (...) é bem a língua auxiliar da humanidade (...) ligando interêsses morais e pulverizando antiquados preconceitos de supostos antagonismos rácicos (...) E connosco deviam estar todos os homens de ciência e todos os organismos promotores da instrução popular<sup>173</sup>.

Neste período desde o final da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial dois grupos de esperantistas parecem existir em coordenadas paralelas, embora com algumas aproximações entre si: o *Laboro* tem um pequeno conto em Esperanto escrito por Saldanha Carreira, e publica também uma carta em que Adolfo Nunes se dirige aos *samideanoj*, solidário com os desfavorecidos e com a sua empresa de propagação do Esperanto<sup>174</sup>. Também em *Portugal-Esperanto* se encontram as primeiras referências e aproximações

---

<sup>169</sup> Cf. *Portugal-Esperanto*, n.º 3, Ano 1, Março de 1926:27 e *A República* de 6 de Dezembro de 1916.

<sup>170</sup> *Portugal-Esperanto*, n.º 2, Ano 1, Fevereiro de 1926.

<sup>171</sup> *Portugal-Esperanto*, n.º 1, Ano 1, Janeiro de 1926:4-5.

<sup>172</sup> Cf. n.º 6, Ano 1, Junho de 1926:61. É no primeiro número de *Portugal-Esperanto* que surgem os primeiros depoimentos intitulados “O que dizem os intelectuais”. Para além dos já referidos e citados, outros estavam indicados - segundo se lê nesse primeiro número -, mas estariam provavelmente previstos para outros números que não foram editados, pois a série termina no n.º 6. Eram os seguintes: Álvaro de Andrade; Álvaro Coelho; Dr. João de Deus Ramos; Dr. Joaquim Manso e Dr. Ruy Telles Palhinha.

<sup>173</sup> *Portugal-Esperanto*, n.º 6, Ano 1, Junho de 1926:62-3. Na esteira desta concepção, diz Bemaldo citando um esperantista internacional: “Faliu a língua internacional da Idade Média, mas está firme e progride o Esperanto que, no justo dizer do dr. Edmond Privat, *estas la latino de la Demokratio* - é o latim da Democracia!” (*Portugal-Esperanto*, n.º 5, Ano 1, Maio de 1926:49).

<sup>174</sup> “Al la laboro, ĉiulandaj kamaradoj, al la laboro por la premigatoj, por la mizeruloj, por ĉiaj viktimoj de la maljusta regformo nuntempa!” que se traduz em: “Ao trabalho, camaradas de todo o mundo, ao trabalho

aos operários: noticiava-se o curso de Esperanto na «Nova Vojo» - sociedade operária cuja primeira referência é aqui encontrada<sup>175</sup> - e a conferência que Saldanha Carreira deu na Sociedade A Voz do Operário em Fevereiro, e na sequência da qual se organizou, na mesma associação, um curso de Esperanto<sup>176</sup>. Assim neste período verificou-se o ensino do Esperanto nos diversos núcleos e associações operárias emergentes, bem como, na continuidade da linha inicial dos pioneiros, vários cursos, em 1926: na própria APE dado por Adolfo Nunes; por Saldanha Carreira na Portugala Esperanto Polica Asocio e na Escola Comercial Ferreira Borges; e, também por Adolfo Nunes no Instituto Comercial de Lisboa.

Também em 1926 na imprensa nacional, o jornal *A Batalha* tem, sob a direcção de Costa Júnior, a rubrica “Esperanta Ângulo”, e, no Porto *A Comuna* publica um curso<sup>177</sup>. Contudo, este é o ano em que o regime republicano é interrompido pelo golpe militar de 28 de Maio, e as consequências da mudança de regime político são desde logo claras, designadamente pela instauração da censura na imprensa que visou logo em Junho o n.º 6 de *Portugal-Esperanto*. Este foi o último número editado nesta série, e não foi retomada a edição. O enciclopédico livro de Ivo Lapenna publicado em 1974 sobre o Esperanto no mundo dá a ler que a Associação Portuguesa de Esperanto cessou a sua actividade em virtude de as suas instalações, sitas numa sede maçónica, terem sido invadidas por militares<sup>178</sup>. Não deverá referir-se à interdição das associações maçónicas decretada em Abril de 1935<sup>179</sup>, pois que em 1932 a APE estava já em vias de reorganização, segundo informa a edição de 1934 da *Chave do Esperanto*.

---

pelos oprimidos, pelos miseráveis, por todas as vítimas do injusto regime actual!” (*Laboro*, n.º1, Ano 1, Maio de 1920:3).

<sup>175</sup> Não foi encontrado o registo da data da criação da «Nova Vojo». Em 1936, a propósito de uma sessão esperantista na Liga dos Esperantistas Ocidentais em que se reuniram várias sociedades e núcleos, refere-se que esta é a mais antiga sociedade de Lisboa - das restantes ali presentes a mais antiga é de 1920. Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º 4, Ano 1, Abril de 1936:26.

<sup>176</sup> A notícia intitula-se “Nova Kurso en grava Asocio”, que significa “Novo curso em importante Associação”( *Portugal-Esperanto*, n.º2, Ano 1, 1926:24). Não foram encontrados dados que confirmem a efectivação deste curso. Posteriormente, foi feita uma alusão a um projecto de criação de um curso que não teve êxito, mas não se pode concluir que se trata da mesma tentativa: “Na Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário, que dá instrução a mais de 4:000 crianças, foi há tempos apresentada, pela sub-comissão de Cultura e Arte, uma proposta para a abertura dum curso de Esperanto na sede, que, infelizmente, por razões contrárias à nossa vontade, não foi possível pôr em prática” (Professor Simões Raposo, “O Esperanto devia ser ensinado na escola primária”, Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º 5, Ano 1, Maio de 1936: 33 e 36).

<sup>177</sup> *Portugal-Esperanto*, n.º6-Ano 1, Junho 1926:72.

<sup>178</sup> Lapenna, 1974:497.

<sup>179</sup> Lei n.º 1:901 de 21 de Maio de 1935 do Ministério da Justiça proibindo as associações secretas (cf. Diário da República de 21 de Maio de 1935).

Entretanto os filiados na SAT vão crescendo entre os esperantistas portugueses: em 1927 seriam 13, e em 1928 o número ascendia aos 20, oriundos nesta data de Lisboa, Porto e Évora - também nesta data o português comunista Pires Barreira era membro do conselho internacional desta organização internacional de trabalhadores. Três anos depois, 26 portugueses eram membros<sup>180</sup>.

Em 1930 dá-se a primeira situação de perseguição política no quadro do regime ditatorial: quatro membros da Laborista Esperantista Asocieto «Antaŭen» são presos, quando conversam na Praça da Armada, em Alcântara. Eram portadores da revista *Sennaciulo*, editada pela SAT. São eles José dos Santos Ferreira, um dos fundadores da «Antaŭen», Irmundo Barros e os irmãos Mário e Fernando Raposo<sup>181</sup>.

Em Março de 1931 funda-se em Lisboa a L.E.O.- Ligo de L'Okcidentaj Esperantistoj (Liga dos Esperantistas Ocidentais)<sup>182</sup>. Esta organização publica em Dezembro o jornal bilingue *La Okcidentulo*, o órgão oficial da Liga, dirigido por Irmundo Barros. Exibe no cabeçalho a frase “Esperanto je la servo de l'tutmonda proletaro” que significa “O Esperanto ao serviço do proletariado de todo o mundo”. Este jornal surge num momento em que não havia nenhuma publicação esperantista - verifica-se aliás que sempre o aparecimento de uma nova publicação acontece porque nenhuma outra é editada. As publicações periódicas esperantistas têm pouca longevidade, como aconteceu com as duas publicações iniciadas em 1920 e em 1926: “O desaparecimento destes dois jornais [*Laboro e Portugal-Esperanto*], na opinião dos que viveram êsse período do nosso desenvolvimento, é atribuído à falta de esperantistas (...) [i.e.] quem pudesse colaborar nesses jornais e de quem os pudesse manter - dois factores que decidem da existência e futuro dum jornal”<sup>183</sup>.

Escreve-se no editorial que em virtude do elevado número de *samideanoj* em Portugal, não fazia sentido, e era até mesmo era motivo de vergonha, “que êles não tivessem sequer, ao serviço da sua nobre cruzada, uma modesta *folhinha* escrita na lingua de Zamenhof”. Segue-se um agradecimento especial pela valiosa colaboração da Sociedade Promotora de Educação Popular. É um pequeno jornal, em que é de sublinhar a reparição de vários dos depoimentos que tinham sido publicados no *Portugal-Esperanto*, cinco anos antes, designadamente, Adrião Castanheira, Adolfo Lima, Cândido de Figueiredo, e Albino Forjaz de Sampaio; encontram-se igualmente depoimentos de esperantistas estrangeiros, certamente transcritos de publicações internacionais.

---

<sup>180</sup> Para as datas mencionadas, ver respectivamente Forster (1982:39), (Freire, 1988:367, nota 78) e Forster (*idem*).

<sup>181</sup> “Quarenta anos perseguido (e proibido) o esperanto volta a Portugal” em *Diário de Lisboa*, 14 de Julho de 1976. No depoimento de José dos Santos Ferreira, em entrevista ao autor deste artigo, diz: “Conduzidos à esquadra próxima (...) as nossas casas foram, entretanto, devassadas, o que causou natural desassossego às famílias”.

<sup>182</sup> *Portugala Esperantisto*, nº4, Abril de 1936:26.

<sup>183</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º1, Ano 1, Janeiro de 1936:1.



Um artigo de maior dimensão intitulado “Não há consciência do valor do Esperanto entre o operariado”, cujo autor assina com pseudónimo esperantista, diz que o Esperanto está destinado a ser a língua para as relações entre o operariado de várias nações, e exorta os operários a levarem os cursos de Esperanto até ao seu termo, consciencializando-se do valor de “tal arma de luta”, nomeadamente, para facilitar a comunicação nos congressos internacionais e prescindir assim de tradutores - dispendiosos e pouco fidedignos -, e também como forma de evitar uma dependência das “notícias que nos impinge a grande imprensa, [e] cuja autenticidade nós, sem o Esperanto, somos incapazes de averiguar”<sup>184</sup>.

Mais uma vez, a longevidade deste jornal não terá ido além dos dois anos<sup>185</sup>, ainda que a Liga dos Esperantistas Ocidentais se tenha mantido activa por mais alguns anos. Este início de década marca efectivamente uma pronunciada aceleração do movimento: “Certo é que, dessa data em diante [1931] as sociedades, secções e cursos de Esperanto se multiplicaram duma maneira assombrosa, não só na capital como na província, num ritmo com tendência a acelerar-se. Só em Lisboa, o número de esperantistas filiados nas organizações cidadinas duplicou”<sup>186</sup>.

Fora de Lisboa, o esperantismo nasce e renasce: na margem esquerda do Tejo, e em Coimbra, respectivamente. Entre 1932 e 1937 em Coimbra, ocorrem cursos de Esperanto na Universidade Livre - mais tarde local do Museu Etnográfico -, organizados pelo «Coimbra Esperantista Grupo». Este grupo teve sede na Associação Cristã dos Estudantes. Os professores de Esperanto foram J.X.M. do Couto, Albertino dos Santos Matias, Marciano Costa, e, Álvaro Viana de Lemos, pedagogo da denominada escola nova. O Professor Tomás da Fonseca, homem de letras, pertencente ao Movimento de Unidade Democrática, era também simpatizante do Esperanto nesta cidade. Mais tarde, foi realizada uma exposição: “Em 1959, ano em que se comemorou o 100º aniversário do nascimento de L.L.Zamenhof, o Prof. Álvaro Viana de Lemos, embora com ambiente desfavorável, organizou uma exposição bibliográfica de Esperanto, que esteve patente na Biblioteca Municipal de Coimbra”<sup>187</sup>.

Mais a sul, na margem esquerda do Tejo, registam-se também acontecimentos significativos. Em 1933 o escritor Alves Redol e o companheiro Dias Lourenço, ambos militantes comunistas,

---

<sup>184</sup> *La Okcidentulo*, n.º1, Ano 1, Dezembro de 1931.

<sup>185</sup> Encontrámos unicamente o n.º 1, mas há indicação que terá durado até 1932: Freire (1992) apresenta nas fontes da sua tese as publicações esperantistas em série, das quais consta *La Okcidentulo*, Lisboa, 1931-1932. Em *Revista Portuguesa de Esperanto* (Ano III, n.º15, Junho de 1975: na contracapa) é citado um excerto do número de Janeiro de 1932: “Para todos, novos e velhos esperantistas, o nosso jornal deve ser um instrumento de propaganda. Mostrai-o na oficina, na fábrica, no escritório, em toda a parte, àquele vosso camarada que pergunta: Que vem a ser isso de Esperanto?”.

<sup>186</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º1, Ano 1, Janeiro de 1936:1.

<sup>187</sup> Em *República* de 2 Dezembro de 1970.

organizam cursos de alfabetização e aulas de Esperanto no Sindicato da Construção Civil e Oficinas Correlativas - que abrangia também os metalúrgicos -, e mais tarde, no Sport Lisboa e Vila Franca<sup>188</sup>.

No Barreiro iniciava-se, a meio de um curso ali decorrido cerca de 1932, a criação do grupo «Progresemaĵ Amikoj» por iniciativa dos respectivos alunos<sup>189</sup>. A criação deste grupo e a primeira exposição realizada em 1932 na sociedade de recreio conhecida pelo nome de “Franceses” - Sociedade Democrática União Barreirense - terão marcado um momento importante num movimento impar no país, cujos ecos são actualmente ainda audíveis.

O «Progresemaĵ Amikoj» designado, no ano seguinte, por Laborista Esperantista Societo Progresemaĵ Amikoj (LESPA), realiza uma nova exposição de grande dimensão - noutra sociedade de recreio, “Penicheiros” (Sociedade Instrução e Recreio Barreirense) - que é documentada pelo primeiro número do jornal *LESPA*, edição da comissão editorial em organização. Escreveu a comissão de organização da exposição:

Queremos também publicamente provar quão vigoroso é o movimento esperantista no Barreiro, porquanto tudo o que se encontra exposto é o fruto da permuta epistolar com os esperantistas de todo o mundo (...) Barreirense! Se sois pacifista, filatelista, desportista, idealista, etc.; se sois republicano, democrata, anarquista, ou comunista; se sois enfim, amigo do progresso e da humanidade, iniciai-vos hoje mesmo no estudo da bela língua que vos abre todas as portas do mundo, que vos abre horizontes mais vastos e mais belos<sup>190</sup>.

Neste primeiro número há contribuições de Luzo Bemaldo e de Saldanha Carreira, este último dirigindo-se aos seus “bons amigos” e saudando as iniciativas barreirenses: “Parecerá um paradoxo o eu procurar entusiasmar o Barreiro! Mas é que sei, por mim próprio, o estímulo que para mim tem sido o vosso entusiasmo também”. Também se transcreve uma circular da recém-criada secção esperantista da Sociedade Propaganda de Portugal (Touring Club de Portugal) - sede de um novo curso de Esperanto a que está ligado o nome de Saldanha Carreira. O programa daquele evento é elucidativo da relação próxima com os esperantistas de Lisboa - são convidadas a «Antaŭen» e a «Nova Vojo», e

---

<sup>188</sup> Neves (2008:249) e António Dias Lourenço em Marinho e Redol (2005:148). Outro amigo de Redol, o médico Joaquim Seabra-Dinis, diz: “As minhas relações com Alves Redol, de entrada escassíssimas e tão-só epistolares, iniciaram-se não a propósito da sua obra literária, mas à volta de um amor comum, o Esperanto, de que ambos éramos ao tempo entusiastas prosélitos (...) Ambos sonhávamos então, no arroubo dos verdes anos, que todos os povos hão-de acabar por se amar quando se compreenderem pelo menos no campo linguístico” (Marinho e Redol, 2005:244).

<sup>189</sup> De acordo com o texto de J.V.J., o professor do referido curso (*LESPA*, 1933:1). Em 1936 no *Portugala Esperantisto* (n.º2, Ano 1, Fevereiro de 1936:11) é publicado um pequeno conto por José Vicente Júnior, cujas iniciais coincidem com as do primeiro texto; poderá tratar-se da mesma pessoa.

<sup>190</sup> *LESPA*, 1933:3.

Saldanha Carreira profere uma conferência - e também, da riqueza da vida cultural desta localidade, dinamizada pelas sociedades operárias<sup>191</sup>.

O ensino do Esperanto no Barreiro decorria nas organizações de trabalhadores do caminho-de-ferro: L.D., um dos esperantistas entrevistados, refere que “antes [de 1940] tinha havido o [grupo] “Progresemaj Amikoj” (...) era onde o meu pai aprendeu”<sup>192</sup>, e sublinha que “o Sindicato [dos ferroviários], foi onde o meu pai aprendeu e onde se aprendia o Esperanto”. Também no livro de Carmo e Carmo<sup>193</sup> se refere a “criação da escola para ensino nocturno [de Esperanto] no Instituto dos Ferroviários”.

Ao crescimento inicial do Esperanto no Barreiro estão associados os nomes de Manuel Firmo e de João Azevedo do Carmo. Manuel Firmo estava ligado ao grupo «Progresemaj Amikoj»<sup>194</sup> e segundo o mesmo entrevistado “foi um grande esperantista, ao nível nacional (...) - e que só tinha a instrução primária - mas era uma pessoa que falava um Esperanto já mesmo avançado (...) Nunca, nunca encontrei ninguém que soubesse tão bem o Esperanto como o Manuel Firmo”<sup>195</sup>. João Azevedo do Carmo foi um intenso activista cultural e social, com trabalho nas associações culturais e educativas: “Homem maduro, aprende Esperanto com Manuel Firmo, um dos seus queridíssimos amigos, para, pouco depois, e ao lado do mestre, iniciar os seus companheiros operários nessa técnica de comunicação que tão cara era, então aos que queriam construir a fraternidade entre os homens. Da S.E.O.B. (Sociedade Esperantista Operária Barreirense) foi o secretário correspondente”<sup>196</sup>.

João Azevedo do Carmo inicia, em Abril de 1936 no jornal *O Barreiro*, colaboração intitulada “Jes, mi Kunlaboros” (que significa “Sim, eu colaborarei”): “A partir deste número, prometo ora umas

---

<sup>191</sup> Programa do evento: Dia 1 - Chegada das individualidades e colectividades esperantistas de Lisboa (à estação Barreiro-Mar); Conferência no Cinema Teatro de Saldanha Carreira; Inauguração da exposição, com corte da fita por S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Saldanha Carreira/ Dia 2 - audição de discos esperantistas e outros/ Dia 3 - grande concerto pela banda dos Penicheiros/ Dia 4 - grandioso baile toda a noite dedicado pela comissão organizadora ao Orfeão dos Penicheiros, com participação de um melhores jazzs do Barreiro/ Dia 5 - Chegada à estação das sociedades esperantistas Antaûen, Nova Vojo, várias entidades esperantistas e samideanoj; grande *picnic* de confraternização com actuação da banda dos Penicheiros, Penicheiros Jazz e outros; e baile. Encerramento da exposição com o hino esperantista cantado pelo orfeão dos Penicheiros.

<sup>192</sup> Depoimento do entrevistado L.D.

<sup>193</sup> Carmo e Carmo, 2005:166.

<sup>194</sup> Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º4, Ano 1, Abril de 1936:26: Manuel Firmo acompanhou Manuel Boto (o secretário geral da «Progresemaj Amikoj») à festa do quinto aniversário da Liga dos Esperantistas Ocidentais em Lisboa, em Março de 1936.

<sup>195</sup> Depoimento do entrevistado L.D. Sobre o Esperanto, o próprio Manuel Firmo escreve: “A par da formação profissional não descurava a espiritual, estudando várias matérias. Aprendi, também, Esperanto e tive a intraduzível alegria de me corresponder com esperantistas de vários países. A genial e, aliás, tão mal compreendida criação do Dr. Zamenhof, dilatou a minha fé acerca do espírito fraterno que deveria unir a humanidade” (Firmo, 1975:24).

<sup>196</sup> Carmo e Carmo, *op. cit.*:38.

traduçõeszinhas, ora uns modestos originais”<sup>197</sup>. No mesmo ano, colabora em *Portugala Esperantisto*<sup>198</sup>, com a tradução de um conto de Alphonse Daudet, dedicada ao amigo Manuel Firmo, “kiu iniciis min en Esperanton”, *i.e.*, “que me iniciou no Esperanto”<sup>199</sup>. Manuel Firmo tinha dois meses antes publicado no mesmo jornal um texto literário.

Em Lisboa, em 1932, tinham lugar as sessões esperantistas na rádio: na estação radio-emissora CT 1AA, Saldanha Carreira dirige duas séries de palestras. Uma em onda curta, com 21 emissões, outra em onda média, com 23 emissões, em Janeiro e em Fevereiro, respectivamente<sup>200</sup>. Segundo um pequeno parágrafo da edição de 1934 da *Chave do Esperanto*, aquelas emissões constaram de um curso, e, radiodifusão para o estrangeiro com divulgação da literatura, folclore e turismo.

Em 1933, como já se referiu, foi criada a secção esperantista da Sociedade Propaganda de Portugal - Touring Club de Portugal no Chiado, cuja orientação foi solicitada para os cursos a funcionar nas Escolas Comerciais de Veiga Beirão, de Ferreira Borges e de Rodrigues Sampaio<sup>201</sup>.

Em 1935, no I Congresso Nacional de Turismo, Saldanha Carreira apresenta, pela Sociedade Propaganda de Portugal, a tese “A língua Esperanto no Turismo”. Defende, naturalmente, o papel da língua auxiliar na promoção turística do país, referindo como exemplos a secção de turismo da Associação Universal de Esperanto e a adopção da língua em serviços de transportes - caminhos de ferro e eléctricos - e pela polícia em vários países. Sobre Portugal acrescenta que:

Em Portugal, a secção de Turismo da Polícia tem três guardas esperantistas (...) [e] quando foi do 1.º Congresso de Radiofonia, realizado pelo jornal «O Século», a proposta apresentada pelos Esperantistas do Barreiro, para que o Esperanto fôsse reconhecido e aceite como língua oficial da Radiofonia, foi votada por aclamação, o que consta das resoluções do respectivo Congresso<sup>202</sup>.

Em notícia de 1934, *O Século* anunciava as provas finais de um curso de Esperanto para guardas da PSP, esclarecendo que, depois de requisitados pela Secção de Esperanto da Sociedade Propaganda de Portugal, serão postos ao serviço dos excursionistas estrangeiros. Acrescenta também: “Com os alunos

---

<sup>197</sup> Carmo e Carmo, *op.cit.*:172-3.

<sup>198</sup> Cf. n.º 7, Ano 1, Julho de 1936:55.

<sup>199</sup> “Firmo era anarquista, J.A.C. comunista...«Sempre com muito respeito» e sem se ofenderem, diziam os dois” (Carmo e Carmo, 2005:167). Sobre as convicções de João Azevedo do Carmo diz-se também no livro que foi “militante da facção unionista de José Domingues dos Santos, elemento activo da resistência anti-fascista, ora integrando a comissão concelhia de apoio à candidatura de Norton de Matos, ora ocupando o lugar de segundo nas estruturas locais do M.U.D” (*op.cit.*:36).

<sup>200</sup> Em *Republica* de 24 Maio de 1970.

<sup>201</sup> *LESPA*, 1933:4; *Chave do Esperanto*, 1934, Prefácio.

<sup>202</sup> Em *Portugala Esperantisto* existe um longo artigo sobre a rejeição desta tese no congresso. A dada altura relata-se que “Um congressista aristocrata declara que o Esperanto é bolchevista (...) [e] um congressista catedrático afirma que o Esperanto não pode ser falado, e perfilha o latim” (cf. n.º1, Ano 2, Fevereiro de 1936:12-4).

ontem aprovados, a PSP conta 15 guardas com o curso de esperanto<sup>203</sup>. Este curso foi leccionado por Saldanha Carreira, em regime oficial, mas não obrigatório<sup>204</sup>.

Em 1936 cria-se o jornal *Portugala Esperantisto* da iniciativa da Liga dos Esperantistas Ocidentais, da Sociedade «Nova Vojo» e da L.S. «Antaŭen», que pretende - mais uma vez - constituir-se como o órgão do movimento esperantista português<sup>205</sup>. Terá uma edição mensal de 8 números entre Janeiro e Agosto de 1936, sendo Manuel de Jesus Garcia o director e Joaquim Costa o editor<sup>206</sup>. O artigo de abertura diz:

o prodigioso avanço do movimento post 1931 atira-nos para diante, certos de que os esperantistas portugueses, que já se contam por milhares, saberão cerrar fileiras à nossa volta (...) De resto, contámos com o leal apoio de todos, ao recebermos das Comissões Administrativas da Nova Vojo, Antaŭen e Liga a incumbência de dar realização à ideia dum órgão de todo o movimento (...) Da *Progresemaĵ Amikoj*, do Barreiro, recebemos a certeza da venda mensal de 100 exemplares (...) Finalmente, o problema dum órgão do movimento esperantista está solucionado dentro das possibilidades que nos oferece o difícil momento que atravessamos<sup>207</sup>.

Os nomes já conhecidos do movimento estão presentes entre os colaboradores: Saldanha Carreira, Luzo Bemaldo, Costa Júnior. Surgem nomes novos: José Antunes (que mais tarde virá a presidir à Associação A Voz do Operário)<sup>208</sup>, Alsácia Fontes Machado; e, colaboraram pontualmente Alves Redol (assinando-se como António Redol), e como acima referido, João Azevedo do Carmo e Manuel Firmo. Parecem aqui reunir-se todos os esperantistas dos vários quadrantes ideológicos e geográficos, embora não se trate de uma associação, mas apenas um órgão de informação. Estão presentes os pioneiros, não só mas também, muito ligados às questões da internacionalização do comércio e do turismo, mas, decididamente, a presença do operariado é hegemónica. Assim, a questão da unificação entre os esperantistas nesta altura diz respeito ao entendimento entre as sociedades operárias, e é nesses termos que se discutem as relações entre elas - mas, a par da discussão das relações não exactamente isentas de desentendimento, evoca-se sempre o da conjuntura, *i.e.*, “os dias que

---

<sup>203</sup> Notícia de 8 de Julho de 1934 em *O Século*, citada no mesmo jornal de 13 de Abril de 1973 no artigo intitulado “No 56.º aniversário da morte de Zamenhof. Esperanto: Uma língua para reconstruir a Torre de Babel”.

<sup>204</sup> *Chave do Esperanto*, 1934; “O Esperanto através do Mundo”, *República*, 24 de Maio de 1970.

<sup>205</sup> “Estas lacunas [falta de unificação coordenação dos esforços de todos, incluindo os isolados na província, sujeitos a grande dispersão do noticiário e dos preços proibitivos dos jornais estrangeiros] não são de hoje, nem surgiram tampouco depois de 1931. Já muito antes foram notadas pelos nossos velhos esperantistas, que tentaram fazê-las desaparecer criando o Federação e o seu órgão «laboro», ou apresentando ao público o «Portugal-Esperanto»” (*Portugala Esperantisto*, n.º1, Ano 1, Janeiro de 1936:1).

<sup>206</sup> Ao n.º 2, a «L.S. Antaŭen» já não consta dos proprietários, e a partir do n.º 4, só a «Nova Vojo» permanece, mas director e editor mantêm-se os mesmos desde o início.

<sup>207</sup> “Breves palavras”, *Portugala Esperantisto*, n.º1, Ano 1, Janeiro de 1936:1 e 7.

<sup>208</sup> Cf. *Nia Stelo*, n.º 16, Julho de 1957:6.

atravessamos”<sup>209</sup>. É neste horizonte duplo que a discussão decorre. No n.º 2 editado em Fevereiro, Mário Pedroso de Lima sugere a criação de uma comissão de inter-relação dos vários grupos, que poderia denominar-se *Interrilata Komitato* (I.K.):

As sociedades esperantistas portuguesas, quási todas operárias, ou compostas, na sua maioria, por operários, ressentem-se de uma heterogeneidade de acção espantosa, raras sendo as manifestações esperantas combinadas entre duas ou três sociedades (...) Eu não quero, de maneira alguma, sugerir - nem a tal me abalço, nem sei se nos dias que atravessamos isso seria viável ou mesmo aconselhável - a constituição de um organismo de carácter associativo ou federativo (...) lembro, simplesmente, a criação de uma comissão que interrelacione os grupos <sup>210</sup>.

No número seguinte reitera na sua proposta que o *Komitato* não seria uma alienação da soberania das colectividades, senão um princípio de representação corporativa ou proporcional, numa comissão que pudesse aplicar-se às questões da unificação e aperfeiçoamento dos métodos de ensino, da centralização dos serviços de propaganda, relacionamento das sociedades nacionais entre si e os esperantistas isolados, constituir uma representação - nacional ou apenas de Lisboa - junto dos organismos centrais estrangeiros, e, promover actividades comuns como organização de excursões, visitas de estudo, palestras e concursos literários<sup>211</sup>. Em Maio escreve-se:

Vai alta a maré do entusiasmo à volta da questão velha e revelha da unificação, ou melhor, da união dos grupos esperantistas. Bastou um simple sôpro para que as ondas se encapelassem. Evitemos um naufrágio enquanto é tempo (...) Posta a questão, não da Federação, não da Associação, *mas de uma simples comissão de ligação entre os grupos* algumas e importantes adesões [chegaram até nós]. Assim, da Liga dos Esperantistas Ocidentais, recebemos uma carta de aplauso, manifestando-se «inteiramente de acôrdo», e «disposta a entrar em negociações com as restantes Sociedades Operárias» (...) Também a «Nova Vojo» nos enviou um ofício, declarando-se «de pleno acôrdo»<sup>212</sup>.

Outra ocasião de crítica por acção desconcertada surgiu a propósito da criação de um álbum de selos de Esperanto pelo grupo «Nova Sento». Apesar de louvável, o autor do pequeno artigo - que se

---

<sup>209</sup> No n.º6 (Junho de 1936:48) lê-se que “La portugala esperantistaro bezonas superan direktilon (...) kaj ne fogesu - adaptita al la nunaj cirkonstancoj” que significa “os esperantistas portugueses necessitam de uma direcção superior (...) mas não nos esqueçamos - adaptada às circunstâncias actuais”.

<sup>210</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º2, Ano 1, Fevereiro de 1936:9.

<sup>211</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º3, Ano 1, Março de 1936:21-2. Mais ambiciosa, a redacção do jornal escreve em “Vojo al Laboro”, *i.e.*, “Caminho para o trabalho” que poderá este órgão ser inicialmente uma comissão central da organização a criar, coordenando as propostas e contributos que cheguem das sociedades e dos esperantistas isolados. Conclui dizendo que “ĝi [centra komisiono] povos fariĝi en pli aŭ malpli proksima tempo la «Portugala Asocio» aŭ «Portugala Federacio», *i.e.*, “ a [comissão central] poderá tornar-se, mais ou menos proximamente, na «Associação Portuguesa» ou «Federação Portuguesa»” (*Portugala Esperantisto*, n.º2, Ano 1, Fevereiro de 1936:16).

<sup>212</sup> “Devagar e nada de confusões...”, *Portugala Esperantisto*, n.º 5, Ano 1, Maio de 1936: 34.

assina R.V. - considera ser limitada aquela propaganda, e subordinada apenas a um grupo, por terem todos os selos o nome daquela sociedade<sup>213</sup>.

Mas, de qualquer modo, a vida esperantista é muito participada, com festas, comemorações, passeios e provas desportivas e literárias. Como a “grandiosa festa” de homenagem a Zamenhof, no C.T.I.A.N. «Radio Sonora» de Lisboa, cedida pelo seu proprietário Lacombe Neves. A programação compreendeu interpretações musicais por orfeão, piano, violino e grupo de jazz, declamações, uma lição e considerações sobre o movimento esperantista<sup>214</sup>.

As sedes das sociedades eram locais de encontros e programas vários. Por exemplo, torneios de xadrez na «Nova Vojo» e Ping-Pong disputados entre esta sociedade e a «Antaŭen», em ambas as sedes<sup>215</sup>. Em Março e Abril de 1936 ocorreram as homenagens a Zamenhof pelo 19.º aniversário do seu desaparecimento, e todas as sociedades de Lisboa realizaram sessões - «Nova Vojo», «Lumo kaj Progreso», «Fratiga Stelo» e «Antaŭen»- e exceptuando a da «Nova Vojo», em todas as festas as restantes sociedades foram convidadas a comparecer; na da «Lumo kaj Progreso» o convite foi estendido aos jornais *Portugala Esperantisto* e *Vida Social*. A programação era similar, constando de palestras, declamações, e interpretação de música esperantista, incluindo naturalmente, o hino esperantista. Em duas destas sessões foram inaugurados um busto e uma pintura do retrato de Zamenhof.

A comemoração do 5.º aniversário da Liga dos Esperantistas Ocidentais realizou-se igualmente nesta altura, e compareceram as sociedades lisboetas e a barreirense «Progresemaj Amikoj»: “O samideano Aguiar, secretário geral da «Antaŭen», manifestou grande regosijo de, com a sua presença naquela festa, ficar quebrada duma vez para sempre a animosidade que de há muito separava aquelas sociedades [«Antaŭen» e «Progresemaj Amikoj»].” Em Junho celebrou-se nova festa, presidida pelos delegados da «Antaŭen», «Progresemaj Amikoj» e «Fratiga Stelo», com inauguração de nova bandeira e, entre outras comunicações, deu-se a dos estudantes da Faculdade de Ciências<sup>216</sup>.

A realização de passeios é outra actividade a mencionar. A organização conjunta de dois grandes passeios pela «Nova Vojo» e «Antaŭen» foi louvada no *Portugala Esperantisto*:

---

<sup>213</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º6, Ano 1, Junho de 1936:46.

<sup>214</sup> Os responsáveis e participantes foram, entre outros, Adolfo Trémouille, Irmundo Barros e Manuel de Jesus Garcia, – respectivamente da Nova Vojo, Antaŭen e direcção do *Portugala Esperantisto*. A sessão ocorreu a 19 de Março de 1936. Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º3, Ano 1, Março de 1936: 22.

<sup>215</sup> Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º6, Ano 1, Junho de 1936: 42 e 46. Pode também ler-se: “vai em breve ser posta em jôgo uma taça de prata, para ser disputada entre equipes [de Ping-Pong] das sociedades esperantistas”. No âmbito de iniciativas mais eruditas, o *Portugala Esperantisto* organizou concursos literários que consistiram na tradução de textos de Padre António Vieira e de Raul Brandão, e publicou em Esperanto textos de divulgação científica e tecnológica.

<sup>216</sup> Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º4, Ano 1, Abril de 1936: 26-7 e n.º5, Ano 1, Julho de 1936: 54.

Quando as sociedades esperantistas abandonarem o estreito e acanhado âmbito das suas realizações bairristas e enveredarem pelo trabalho em conjunto, está a propaganda do nosso belo idioma no seu bom caminho, naquele bom caminho curto e sem obstáculos que nos há-de conduzir à almejada vitória. Assim o compreenderam as sociedades «Nova Vojo» e «Antaŭen», que, numa justa visão das nossas necessidades e numa estreita comunhão de pontos de vista, levaram a efeito em 31 de Maio uma grandiosa excursão a Palmela, Setúbal e Arrábida. Desta primeira experiência de trabalho em conjunto ressalta límpida e pura sem profunda análise a verdade que nestas colunas tanto temos debatido - que da criação da *Interrilata Komitato* podemos e devemos esperar uma coordenação de trabalho, uma propaganda eficiente e um lugar no movimento internacional que poria no seu devido pé os esforços sobrehumanos mas infelizmente dispersos que pelo país fora têm sido despendidos por tantos abnegados propagandistas do Esperanto<sup>217</sup>.

Em Julho, as secções excursionistas das mesmas sociedades organizaram uma visita a Queluz, que reuniu uma centena de esperantistas e pessoas das suas famílias: “Muitos esperantistas residentes naquela localidade aguardam-nos fóra da gare. Após a troca de inumeráveis apertos de mão e abraços de boas vindas, organiza-se o nosso cortejo, que, com a bandeira ao centro, percorre aquela risonha povoação em passeio de propaganda”. A quinta e mata da Escola Prática de Agricultura são o destino de um dia passado ao ar livre, com jogos, música e dança: “O nosso querido camarada Costa Júnior foi, mais uma vez, a alma da nossa excursão, contribuindo com o seu fino espírito para que a boa disposição reinasse, ininterruptamente, entre nós”<sup>218</sup>. Muito anunciado foi também o acampamento esperantista em Setembro no rio Dão, e exortados os esperantistas a tomarem parte, uma oportunidade de reunião de adeptos isolados e de afirmação do movimento<sup>219</sup>.

---

<sup>217</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º6, Ano 1, Junho de 1936:44. Uma crónica do passeio foi publicada neste jornal: “A saída de Lisboa fez-se pelo Terreiro do Paço às oito horas da manhã. Mais de cento e vinte pessoas constituíram o recheio de quatro grandes camionetas que largaram de Cacilhas para Palmela num ambiente de esfusante alegria e camaradagem. Muitas senhoras, algumas delas esperantistas, vieram com a sua presença dar vida e côr a esta manifestação e pena é que o seu número seja tam deminuto, precisamente o contrário do que acontece no estrangeiro, onde o Esperanto é por assim dizer uma conquista da mulher. As bandeiras esperantistas, presas às camionetas, tremulavam estrada fora e não raro ouvíamos uma saudação e um viva ao Esperanto, viva correspondido com calor por todos nós (...) Chegámos a Palmela (...) depois lá fomos de abalada até Setúbal, a bela rainha do Sado, onde nos aguardava uma surpresa. Um grupo de esperantistas ali residentes esperava-nos à entrada da cidade”(idem).

<sup>218</sup> Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º 7, Ano 1, Julho de 1936:51.

<sup>219</sup> “Demonstremos o que é o desenvolvimento do Esperanto em Portugal pelo número dos seus adeptos, acoorendo em massa ao «Primeiro Acampamento de Esperantistas Libertempejo» garantindo com a sua presença a continuidade da acção desenvolvida em prol da metamorfose de civilizações do nosso tempo e da nossa mentalidade moderna. Daremos assim ao mundo a prova eloquente de que o Esperanto marcha”. A Comissão Organizadora do 1.º P.E.L. estava localizada no Porto. Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º3, Ano 1, Março de 1936:19 e Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º8, Ano 1, Agosto de 1936: 59 e 61.



O *Portugala Esperantisto* tal como outras publicações esperantistas já referidas, procura divulgar opiniões de personalidades reconhecidas do meio intelectual. Desta vez, são duas pessoas que têm elas próprias uma ligação próxima ao Esperanto. A primeira é do Professor Simões Raposo, antigo professor da Casa Pia de Lisboa e “pedagogo distinto”, que está absolutamente de acordo com a língua internacional auxiliar, que seria vantajoso ensinar nas escolas, incluindo o ensino primário. Este professor refere contudo que discorda do modo como o Esperanto tem sido divulgado:

tenho tido a impressão de que o Esperanto é exclusivo dum grupo ou duma facção, que em determinados casos se serve dêle como instrumento de ataque. O Esperanto, no meu entender, deve ser de todos e para todos (...) Pelo menos não foi isso que demonstraram os esperantistas, alguns das nossas faculdades, que responderam aos comentários do Dr. Teixeira Gomes, publicados no *Diário de Lisboa* <sup>220</sup>.

A segunda opinião foi recolhida junto de Agostinho Fontes, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, elemento dos corpos gerentes da Biblioteca Operária Oeirense, onde funciona um curso elementar de Esperanto. De opinião que esta língua deveria ser parte integrante dos programas de ensino oficial, porém, apenas nos graus secundário e superior, uma vez que o primário já “é violentíssimo”, não devendo pois tornar-se ainda mais sobrecarregado. “É pena que às autoridades não interesse a divulgação do Esperanto, julgando-o exclusivo das ideias socialistas, mas o ensino e o seu uso não constituem crime algum”<sup>221</sup>.

Por esta altura há também indicações das ligações e relações dos portugueses a pessoas e entidades estrangeiras. Uma notícia de Maio atesta que Aleksandro Liako foi nomeado representante da Associação Cultural IPE (Internacio de Proleta Esperantistaro) com sede em Londres<sup>222</sup>. Em Julho, ocorreu a visita de E. Lanti, fundador da SAT, que passou por Portugal na sua grande viagem pelo mundo<sup>223</sup>.

---

<sup>220</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º 5, Ano 1, Maio de 1936: 33 e 36. Refere-se Simões Raposo a uma controvérsia debatida na imprensa, que teve como ponto de partida um artigo de Teixeira Gomes: “Finalmente, intelectuais em Portugal deitaram fala sobre o Esperanto! (...) O Sr. Teixeira Gomes, escritor consagrado (...) fez publicar num diário verpertino da capital vários «pensamentos» - alguns inteiramente infelizes... Num dêles classificava o Esperanto de «pornografia da linguagem». Levantou tanta e tam acesa discussão tal afirmação que (...) seria caso para mandarmos as amêndoas ao Sr. Teixeira Gomes - uma pequena lembrança pelo seu gratuito reclame ao Esperanto (...) Respostas, ou antes, diatribes contra o autor do «eco» em questão lemos já em *O Diabo, Vida Social e Pensamento*” *Portugala Esperantisto*, n.º3, Ano 1, Março de 1936:17 e 22

<sup>221</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º 7, Ano 1, Julho de 1936:49-50.

<sup>222</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º 5, Ano 1, Maio de 1936:40

<sup>223</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º 7, Ano 1, Julho de 1936:54. Esta publicação transcreve na íntegra a notícia publicada noutro jornal: “transcrevemos na íntegra a notícia publicada no jornal «O Século» de 8 de Julho: **Prof. E. Lanti. Encontra-se em Lisboa este escritor francês e categorizado esperantista.** Chegou ontem a Lisboa, vindo de Madrid, o professor e escritor francês sr. E. Lanti (E. Adam), individualidade de relêvo nos meios intelectuais franceses, autor de numerosas obras, em francês e em Esperanto, e um dos fundadores da Associação Internacional de Esperantistas e do jornal «Sennaciulo», das revistas «Sennacieca Revuo» e

O movimento esperantista nos meados da década de 1930 encontrava-se muito expandido e activo em Portugal, especialmente na grande Lisboa. Nesta cidade, as três principais sociedades esperantistas são operárias: a L.E.S. «Nova Vojo», a L.E.S. «Antaŭen» e a Liga dos Esperantistas Ocidentais. A primeira, com sede na rua Jardim do Regedor, tem como secretário-geral Adolfo Trémouille, e ministrou em 1935 e em 1936 cursos para instrutores de Esperanto. Na mesma sede se encontram o Portugala Instituto de Esperanto e a redacção e administração do *Portugala Esperantisto*<sup>224</sup>. A segunda tem sede na Rua da Costa, e tem como secretário-geral Armando Aguiar, e professores Irmundo Barros e Ramiro Farinha. Finalmente, a Ligo de l'Okcidentaj Esperantistoj, que tem José Marques como secretário-geral. Outras sociedades e núcleos são a E.S. «Nova Sento» (tem sede na Travessa da Boa Hora, na Ajuda, e Amadeu Monteiro como Secretário-geral); a primeira filial da «Nova Vojo», denominada «Lumo kaj Progreso» e que é a Secção Esperantista do G.D.D. «Os Aliados»; a «Fratiga Stelo» que é a Secção Esperantista do Grémio Dramático de Belém; a Secção Esperantista da Universidade Popular Portuguesa; e ainda a «Frata Unuiĝo». Fora de Lisboa existe a sociedade «Progresemaj Amikoj» no Barreiro, e a Biblioteca Operária Oeirense tem um curso de Esperanto.

A norte, em 1936 registavam-se cinco cursos no Porto: na «Ekskursa Grupo» da Areosa; no Ateneu Artístico Portuense (leccionado por Bakunine Gorki Gomes da Silva); dois cursos na Escola e Biblioteca da Lomba (leccionados por Bakunine Gorki Gomes da Silva e Mesquita Júnior); e no Instituto Dumont (leccionado por Manuel de Freitas). A revista mensal *Pensamento* publica regularmente uma secção de Esperanto, designadamente, na edição de Fevereiro, um curso redigido por Manuel de Freitas. Na Póvoa de Varzim, registaram-se a abertura de um curso no fim do ano de 1935, organizado por Amadeu Fernandes, e a publicação regular de rubricas sobre Esperanto no jornal *Comércio da Póvoa*, redigidas pelo esperantista portuense Manuel de Freitas. E em Ovar o grupo «Verdaj Steloj» abriu um curso na Escola Conde de Ferreira<sup>225</sup>.

---

«Herezulo», de que foi, durante muitos anos, director. O seu ultimo livro, «Ĉu konstruiĝas socialismo en Sovietio?», de impressões da sua viagem à Rússia, é um dos mais fortes libelos contra a experiência marxista no país dos soviets. O sr. prof. E. Lanti, que saiu de Paris em Maio, numa peregrinação de estudo através do mundo, sôbre a civilização dos vários povos, cujos resultados promete dar numa obra que vai publicar, permanecerá até ao fim do mês em Portugal, onde tenciona colher elementos sôbre o folclore, a literatura e os costumes portugueses, e tratar com alguns escritores da tradução das suas principais obras para Esperanto”.

<sup>224</sup> Algumas das moradas encontram-se no livro de Álvaro Pontes (1936), as restantes em *Portugala Esperantisto*.

<sup>225</sup> Cf. *Portugala Esperantisto*, n.º 2, Ano 1, Fevereiro de 1936:15 e n.º 5, Ano 1, Maio de 1936:39. Na festa da Liga dos Esperantistas Ocidentais em Março de 1936, Ramiro Farinha da Antaŭen “alvitrou a realização de pequenos grupos campistas esperantistas à semelhança do que estão realizando os nossos *samideanos* portuenses” (*Portugala Esperantisto*, n.º 4, Ano 1, Abril de 1936:26).

A sul, os esperantistas Manuel Firmo e Manuel Boto da «Progresemaĵ Amikoj» orientam dois cursos, respectivamente, em Faro e em Silves. Em Aljustrel foi aberto um curso por Rasquinho Júnior<sup>226</sup> - autor de um texto literário publicado no n.º 6 de *Portugala Esperantisto*.

---

<sup>226</sup> *Portugala Esperantisto*, n.º 5, Ano 1, Maio de 1936:39.

## Objectos expositivos para o período da 1.ª Guerra Mundial a 1936



3.2.1.Partitura “Esperanto” de João Baptista da Silva, 1919: brinde da Papelaria Guedes em Lisboa.  
(Ephemera. Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira.

<http://ephemerajpp.wordpress.com/2009/06/10/joao-baptista-da-silva-esperanto-one-step-1919/>).



3.2.2.Grupo esperantista «Progresemaĵoj», Barreiro, década 1930.  
(Arquivo APE, Pasta “Fotaro”).



3.2.3.Grupo de Esperanto em Água Férrea, Vila Franca de Xira, c.1935.  
(Exposição “Horizonte Revelado”, Março de 2012, no centenário de Alves Redol, Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira).



3.2.4.Saldanha Carreira com grupo, 1934.  
(Arquivo APE, Pasta "Fotaro").



3.2.5.Exemplar de *Curso Completo de Esperanto*, Portugalia Instituto de Esperanto, Lisboa, 1934.  
(Arquivo de História Social, ICS. Fotografia da autora, Março de 2012).



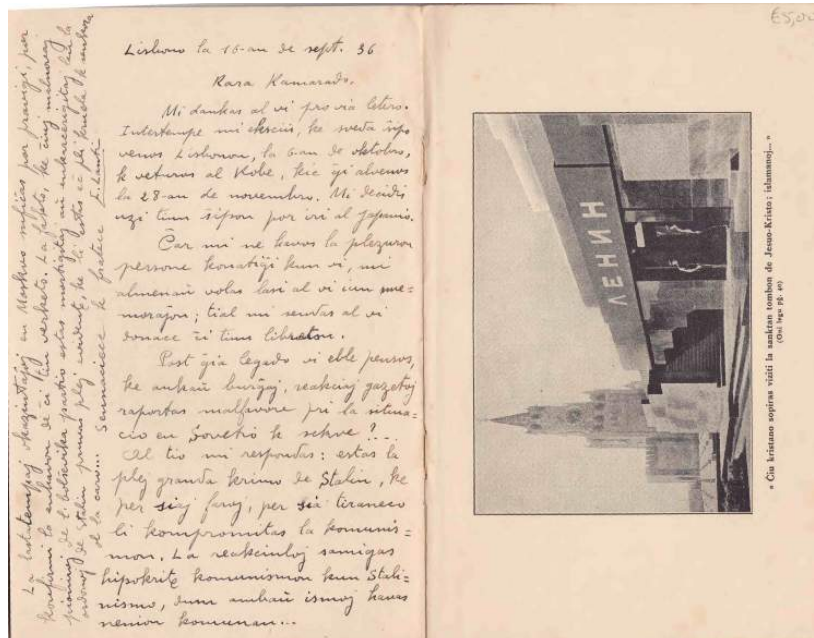
3.2.6.Exemplar encadernado de *Chave do Esperanto*, 1934.  
(Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho de 2012).



3.2.7. Cartaz do 26.º Congresso Universal de Esperanto, Estocolmo, 1934 (Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho de 2012)



3.2.8. Cartaz da Feira de Reichenberg, Checoslováquia, 1935. (Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho de 2012)



3.2.9. Carta manuscrita de E. Lanti a um seu camarada português, Lisboa, datada de 16 de Setembro de 1936. (Ephemera. Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira.

<http://ephemerajpp.wordpress.com/2011/07/30/para-a-historia-da-lingua-esperanto-em-portugal-carta-manuscrita-de-e-lanti-aos-camaradas-portugueses-1936/>).

### 3.3. A repressão política do esperantismo (de 1936 a 1951)

[É] Das histórias da Guerra de Espanha, das clandestinidades, do Tarrafal [que guardo memória]. [E] também [do] núcleo esperantista, círculo de sonhadores, que queriam o internacionalismo e a fraternidade. Lembro-me de virem pessoas de países estrangeiros com as quais a única língua comum era o Esperanto. (...) Era uma resistência e era um sonho. O que é que ficou? Vamos pensar que ficou uma herança na memória consciente ou subconsciente de todos nós. (Isabel do Carmo em Carmo, Isabel e João Azevedo do Carmo, Câmara Municipal do Barreiro, 2005:27).

Na sequência de uma série de prisões sofridas em finais de Maio de 1936 por funcionários ferroviários no Barreiro, Manuel Firmo sai do país, para Espanha: “os azares da política forçaram a expatriar-me certa madrugada”<sup>227</sup>. Acaba por integrar as brigadas internacionais republicanas quando, em Julho eclode a guerra civil naquele país<sup>228</sup>. 1936 é o ano em que o esperantismo é pela primeira interditado em Portugal.

Existem vários depoimentos que se referem à interdição das actividades esperantistas nesta altura: Adolfo Nunes diz que “Nos finais dos anos 30, por Cancela de Abreu, ministro do interior, foi proibida a divulgação do Esperanto”<sup>229</sup>, e também que “Depois da proibição decretada em 1936, as associações foram encerradas, alguns esperantistas detidos e os livros apreendidos nas residências destes ou nas sedes das associações, foram queimados”<sup>230</sup>. Sobre a Associação Portuguesa de Esperanto, escreve em 1970 o jornalista Fernando Antunes, em *Vida Mundial*, que “foi encerrada em virtude das incompreensões que surgiram nessa época em torno da sua acção”<sup>231</sup>. A memória destes

---

<sup>227</sup> Firmo (1975:24).

<sup>228</sup> Quando as forças franquistas chegam a Barcelona, uma massa enorme de pessoas atravessa os Pirinéus para França (Firmo, 1975:op.cit.:52) e vê-se detida no campo de concentração de Argèles-sur-Mer - foi aqui que Firmo ensinou Esperanto a um grupo de refugiados do “ilôt dos mutilados” (op.cit.:92). Pouco depois da assinatura do armistício entre a França e a Alemanha, Firmo empreende uma fuga de volta a Portugal e é detido na fronteira, em Marvão. “Seriam necessários cinquenta e três meses de prisão, sem julgamento, na trilogia sinistra da ditadura - Aljube, forte de Caxias e campo de concentração do Tarrafal - para que eu fosse posto em liberdade” (op.cit.:119). É libertado do Tarrafal em 1945.

<sup>229</sup> Em “Esperantistas portugueses escolhem hoje dirigentes”(República, 10 de Maio de 1972).

<sup>230</sup> Depoimento de Adolfo Nunes em “Quarenta anos perseguido (e proibido) o esperanto volta a Portugal” (*Diário de Lisboa* de 14 de Julho de 1976). Também neste artigo o depoimento do esperantista barreirense Abílio Baltasar atesta que “Em 1936 a polícia política encerrou as associações esperantistas, apreendendo os livros, e as sociedades recreativas que mantinham núcleos de propaganda esperantista foram afectadas com a suspensão do apoio que regularmente recebiam das autarquias locais para execução dos seus objectivos culturais, deixando algumas delas, por tal motivo, de manter as suas bandas musicais. O mesmo sucedeu no Lavradio, Alhos Vedros e Santo António da Charneca. Além da prisão de vários esperantistas, verificaram-se violações de correspondência em Esperanto, muitas vezes até apreendida, incluindo revistas e jornais”.

<sup>231</sup> Em “O Esperanto à procura de reconhecimento oficial”, *Vida Mundial* de 9 de Janeiro de 1970.

acontecimentos está ainda viva, e o entrevistado L.D. refere-se-lhes em termos idênticos aos de Adolfo Nunes:

O Sindicato, [que] foi onde o meu pai aprendeu e onde se aprendia o Esperanto, fechou os cursos - por causa da política, não é? O Estado era a ditadura, e a ditadura não tinha interesse nenhum que os operários e os trabalhadores tivessem conhecimento daquilo que existia noutros países; queriam continuar a velar tudo isso, e então fecharam os cursos (...) A polícia - a PIDE na altura - caiu mesmo em cima do Esperanto e então começou a proibir tudo, começou por se fazer censura no Sindicato, foram lá, destruíram livros, e confiscaram livros de Esperanto e tudo isso.

Também segundo Adolfo Nunes, “Saldanha Carreira, nome que os esperantistas portugueses muito respeitam pelo entusiasmo e espírito de sacrifício com que sempre se dedicou ao Esperanto, não foi poupado pela Polícia, sofrendo prisão, vexame e perda dos seus livros”<sup>232</sup>.

Exactamente em 1936 na Alemanha - como se assinalou anteriormente, no ponto 2 do capítulo 2 - o Esperanto é declarado ilegal. A proibição do Esperanto em Portugal, nesta data, está relacionada com o envolvimento dos portugueses na guerra civil de Espanha, de acordo com algumas opiniões. O esperantista Manuel de Freitas declara que “o Governo proibiu o esperanto, pois que na Guerra de Espanha os republicanos faziam a sua propaganda na língua internacional e enviavam-nos os jornais. Isso quebrou muito do entusiasmo de então”<sup>233</sup>. Ulrich Lins, autor de um estudo sobre as perseguições de que os esperantistas foram alvo, dedica algumas páginas ao caso português, intituladas “Sekvante la Nazian modelon”, *i.e.*, “seguindo o modelo Nazi”, em que diz: “A súbita queda do movimento esperantista português, onde havia uma forte cor proletária, foi evidentemente influenciada pelos acontecimentos na vizinha Espanha, pela explosão da guerra civil; a causa directa foi verdadeiramente um apelo esperantista enviado de Barcelona aos esperantistas lisboetas *para que comesçassem a agir contra o governo*”<sup>234</sup>.

João Azevedo do Carmo também compara o regime português ao alemão: “Mas o fascismo não esteve com mais aquelas. O Esperanto não lhe agradava. Os fascistas não só eram contra a cultura, eram anti-cultura, seguidores da política hitleriana (...) Se a gente puxava muito pela cultura, arriscávamo-nos a ir para o Tarrafal, ou para as prisões ou para os curros”<sup>235</sup>. O próprio João Azevedo do Carmo também tinha um processo nos serviços da polícia política<sup>236</sup>.

---

<sup>232</sup> No referido artigo de *Diário de Lisboa* de 14 de Julho de 1976.

<sup>233</sup> Em “Esperanto: Um só idioma para um mundo unido” (*Jornal de Notícias* de 2 Setembro de 1972, pp.1-6).

Sobre Manuel de Freitas o jornal informa: esperantista do Porto, 61 anos, empregado comercial, estudou esperanto em 1933 na Casa do Povo Portuense. Tradutor de Bento de Jesus Caraça e de Agostinho da Silva.

<sup>234</sup> Lins, 1988:135, tradução do entrevistado A.O.

<sup>235</sup> Carmo e Carmo, *op. cit.*:38.

<sup>236</sup> No arquivo da PIDE, a ficha de João Azevedo do Carmo diz o seguinte: “João Azevedo do Carmo - Empregado na CP nos escritórios do Barreiro Mar, professor de Esperanto. É um elemento que mais tem contribuído para a propaganda dos ideais comunistas no Barreiro. Tem sido presidente de quase todas as colectividades no Barreiro, para melhor assim fazer a sua propaganda. A sua maneira de actuar é a mais



O facto de as actividades esperantistas estarem nesta altura muitas vezes circunscritas ao universo cultural e educativo em meio operário, por seu turno conotadas com actividades políticas de resistência ao regime, terá sido determinante para a sua vigilância e repressão.

1933 foi o último ano dos sindicatos livres, no seguimento da criação do Conselho Nacional das Corporações e da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional<sup>237</sup>, visando consumir a desarticulação do movimento operário e sindical. Contra a fascização dos sindicatos, ocorre em Janeiro de 1934 uma greve geral revolucionária que tem como resposta uma vaga repressiva, nomeadamente a deportação dos presos “do 18 de Janeiro” para a ilha Terceira em Julho<sup>238</sup>. O contexto europeu era o de um conflito latente entre os fascismos recém-implantados na Alemanha e Itália e a actividade comunista internacional. À implantação fascista a resposta de uma das esquerdas é delineada no VII congresso da Internacional Comunista em 1935, através do apelo à constituição de frentes populares que unissem comunistas, socialistas e sociais-democratas na luta contra a direita: “frentes únicas da classe operária contra o fascismo”<sup>239</sup>. A chegada ao poder, mediante vitórias eleitorais, de partidos da Frente Popular em Espanha e em França, em Fevereiro e Maio de 1936 respectivamente, lança nos regimes adversos um alerta para a intensa actividade comunista internacional. Assim, “em finais de Abril de 1936 a polícia portuguesa toma conhecimento da possível criação de uma frente popular portuguesa com fortes apoios vindos de Espanha e também de França”, nomeadamente com a ajuda de opositoristas a Salazar emigrados em Espanha,<sup>240</sup> e teme-se em Portugal o espectro da «ameaça comunista» que pudesse vir a consumir um «iberismo soviético»<sup>241</sup>.

Em Setembro de 1935 o dirigente comunista Bento Gonçalves e outros militantes já tinham sido presos, e especialmente durante o ano de 1936 o regime português fortaleceu todos os meios de vigilância e repressão, designadamente com a criação dos estabelecimentos prisionais do Tarrafal em Cabo Verde no mês de Abril, e o Depósito Penal de Angola em Outubro. Particularmente após as movimentações de 1936, nomeadamente a revolta dos marinheiros dos três navios de guerra estacionados no Tejo de 8 de Setembro, deu-se um massivo recrudescimento de prisões e deportações

---

terrível arma de propaganda que o Barreiro tem possuído. AN/TT, Arq. PIDE/DGS” (cit. por Carmo e Carmo, 2005:18).

<sup>237</sup> O Estatuto do Trabalho Nacional foi enquadrado no Decreto-Lei n.º 23048; o Decreto-Lei n.º 23 050 enquadra os sindicatos nacionais (cf. Fonseca, *sem data*:186). Vd. também Mónica (*sem data*, Prefácio: xvi) e António Dias Lourenço, “Alves Redol e os problemas do seu tempo” em Marinho e Redol (2000:148).

<sup>238</sup> Rodrigues, 1995:112; Fonseca, *op.cit.*:187.

<sup>239</sup> Rodrigues, *op.cit.*:95.

<sup>240</sup> Rodrigues, *op.cit.*:112.

<sup>241</sup> Esta foi uma das razões pelas quais Salazar permitiu a constituição da Legião Portuguesa, uma organização miliciana criada pelos sectores nacionais mais à direita identificados com o fascismo italiano e o nacional-socialismo, entre eles, militares responsáveis pelo golpe de 28 de Maio de 1926. Sobre a criação da Legião Portuguesa, ver o referido artigo de Rodrigues.

por motivos políticos<sup>242</sup>. Em Maio o regime de censura prévia tinha sido agravado pela proibição de entrada em Portugal de publicações estrangeiras que contivessem “matéria cuja divulgação não seria permitida em publicações portuguesas”<sup>243</sup> e, posteriormente, a circular de 12 de Setembro do Ministro do Interior ordena aos Governos Civis que elaborem “listas dos inimigos declarados da sociedade”<sup>244</sup>. No plano das relações externas, em Outubro o governo português rompe as relações diplomáticas com os seus congéneres de Madrid<sup>245</sup>.

Os mecanismos de vigilância aos opositores do regime do Estado Novo estavam, assim, fortemente implantados:

Os relatórios que os governadores civis vão fazendo chegar ao ministro do Interior ao longo de 1936 não deixam também de fazer eco de uma certa «efervescência comunista»: o governador civil de Castelo Branco fala em «preparativos comunistas» que se desenvolvem com grande «celeridade e incremento»; o de Setúbal aponta o Barreiro como uma «sede de irradiação da propaganda para os outros concelhos menos atacados» e diz ter mandado encerrar os «centros esperantistas, focos de comunismo»; o governador civil de Lisboa constata que «a actividade comunista continua a fazer-se»<sup>246</sup>.

O esperantismo sofre repressão na medida em que é considerado fenómeno afim de actividades políticas contrárias ao regime vigente, como aconteceu com João Alves, o dirigente da sociedade esperantista operária «Antaûen», que depois de procurado pela polícia durante dois anos é preso em 1936: “Teve a sua casa devassada e os livros de esperanto e outros destruídos. Incriminado como revolucionário, a sua actividade esperantista pesou fortemente no ânimo da polícia”<sup>247</sup>.

No entanto, as actividades esperantistas não cessaram totalmente, dado que no ano seguinte a Liga dos Esperantistas Ocidentais continua activa<sup>248</sup>. Eventualmente, a repressão terá sido mais sentida no Barreiro que em Lisboa - ou noutras zonas do país, onde os esperantistas estariam mais dispersos, sendo por isso menos visível a sua possível ameaça ao regime. Assim, em Lisboa a Liga dos Esperantistas Ocidentais anuncia em Dezembro de 1937, no *Diário de Notícias*, a intenção de realizar uma série de conferências durante esse mês, comemorando o 72.º aniversário do nascimento de Zamenhof, e acrescenta que na sua sede - na rua João de Lemos - está patente uma “interessante

---

<sup>242</sup> Rodrigues, *op.cit.*:115.

<sup>243</sup> Rodrigues, *op.cit.*:116. Trata-se do Decreto-Lei n.º 26 589, de 14-4-1936.

<sup>244</sup> AMI-GM/ANTT, maço 479, circular enviada pelo ministro do Interior a todos os governadores civis a 12-9-1936, cit. por Rodrigues, *idem*.

<sup>245</sup> Fonseca, *op.cit.*:191.

<sup>246</sup> Rodrigues, *op.cit.*:24. O autor indica a fonte relativa à informação sobre o Barreiro: “AMI-GM/ANTT, maço 479, relatório do governador civil de Setúbal dirigido ao ministro do Interior 23-10-1936”.

<sup>247</sup> “Quarenta anos perseguido (e proibido) o esperanto volta a Portugal” (*Diário de Lisboa*, 14 de Julho de 1976). Nesta sociedade esperantista as situações de prisão já tinham ocorrido antes desta data: recorde-se que acima já ficaram assinaladas as prisões efectuadas quer em 1920, aquando da sua inauguração, quer em 1930.

<sup>248</sup> Em 1947 volta a referir-se a existência da «Antaûen» (cf. *Unuiço*, 2.ª série, n.º2, Fevereiro de 1947:7), mas não se sabe se terá sido refundada ou se não terá chegado a ser extinta.

exposição esperantista”<sup>249</sup>. De qualquer modo, não voltará a haver notícia do grande número de grupos existentes até então, em Lisboa sobretudo.

No final do ano de 1939 a actividade esperantista aparenta retomar alguma normalização em Lisboa; todavia, note-se que a guerra civil de Espanha tinha já terminado alguns meses antes, em Abril, com a vitória franquista, dando ao regime português motivo de algum alívio relativamente à “ameaça comunista”. Assim, não só se publicam em Novembro artigos em *O Diabo*<sup>250</sup>, como ocorre um curso leccionado por Saldanha Carreira no Asilo Escola António Feliciano de Castilho<sup>251</sup>. Entre Novembro de 1939 e Dezembro de 1940, na publicação *A Vida Social*, Luzo Bemaldo e Saldanha Carreira orientam o “Cantinho Verde” - Secção de Informação do Movimento Esperantista Mundial, criado por Álvaro Pontes.

Também em 1939 Saldanha Carreira foi responsável por uma emissão esperantista na Emissora Nacional, em Setembro<sup>252</sup>. A propósito desta emissão, escreve-se em *A Vida Social*: “É conveniente registar o que se tem passado, sôbre Esperanto, na nossa Emissora Nacional, para o apresentar como o melhor argumento às autoridades locais que julguem ainda que o nosso Govêrno persegue o Esperanto e os esperantistas. Não está isso no seu espírito e as ditas autoridades não devem ser mais papistas que o Papa”<sup>253</sup>. Seria este artigo, porventura, uma mensagem que os editores dirigem ao Governo Civil de Setúbal, o único que afirma ter mandado encerrar os centros esperantistas?

Registe-se também a realização em Maio de 1940 na Tapada das Necessidades de uma festa de confraternização de algumas dezenas de pessoas, na sua maioria, assinantes esperantistas da *Vida Social*<sup>254</sup>.

No Barreiro, os esperantistas agiam com discrição, depois dos acontecimentos de 1936. Cerca de 1940 o grupo «La Vekiĝo» reúne-se informalmente para a aprendizagem do Esperanto:

Então o movimento aqui era grande, no Barreiro, principalmente a juventude dedicou-se muito ao Esperanto. Por vezes nós recorriamos a outro esperantista mais evoluído, que soubesse mais, e juntávamo-nos em casa dele, e então essa pessoa é que nos ensinava. Mas éramos todos da mesma idade (...) Eu devia ter aí talvez catorze... catorze, quinze, dezasseis anos... (...) E então formaram-se grupos.

---

<sup>249</sup> Em *Diário de Notícias*, 13 de Dezembro de 1937, sob o título “Esperanto”.

<sup>250</sup> Artigos “O Esperanto” de Saldanha Carreira em *O Diabo* (nº268, 11 de Novembro, p.4) e “O enquadramento social do Esperanto” de Carlos Relvas [Armando Bacelar] em *O Diabo* (nº 270, 25 de Novembro, pg.7).

<sup>251</sup> Cf. *A Vida Social* de 1 Dezembro de 1939.

<sup>252</sup> “Grande tem sido o número de cartas enviadas à Emissora Nacional a felicitá-la pela emissão esperantista realizada no dia 25 de Setembro último. O seu ilustre Presidente, Sr. Capitão Henrique Galvão, terá verificado que a população esperantista é já suficientemente numerosa, para merecer a atenção dos programas das emissoras”, *A Vida Social*, 1 de Novembro de 1939.

<sup>253</sup> “Aos esperantistas da província”, *A Vida Social*, 1 de Novembro de 1939:7.

<sup>254</sup> *Vida Social*, 1 de Junho de 1940.

O nosso grupo, onde eu aprendi, era o «La Vekiĝo», que em Esperanto é “O Despertar”. Era «La Vekiĝo»<sup>255</sup>.

Havia assim cursos mas “às escondidas”. Segundo o depoimento do entrevistado A.O.: “em casa de um e de outro, também se aprendia. E nos cafés! (...) É claro, (...) disfarçadamente”. A aprendizagem da língua era desenvolvida por dois meios fundamentais. Um deles era a prática de passeios organizados com grupos de esperantistas jovens de outras localidades, do Montijo ou Tramagal, por exemplo: “Era mais gente jovem, era rapaziada jovem...”<sup>256</sup>. O outro meio a que recorriam os aprendizes de Esperanto era a correspondência internacional. Esta experiência é recordada pelos entrevistados:

Eu, logo nos meus princípios de esperantista, também me correspondia, com diversos [esperantistas] daqui, da Holanda... e eu cheguei a mandar, depois já no fim da 2.ª Guerra Mundial ... porque havia falta de tudo na Holanda ... não tinham nada! Foi aquilo uma guerra dos diabos! De maneira que o meu correspondente pediu-me “Eh pá, vê lá se me podes arranjar uns pneus” [para a bicicleta] (...) Arranjei-lhe (...) dois pneus e as câmara de ar e tal... registei e enviei para a Holanda. Ele ficou muito satisfeito, já se vê, porque sem aquilo a bicicleta não andava!”<sup>257</sup>.

E também:

eu tinha muitos correspondentes, o dinheirito que eu ganhava no caminho de ferro era quase todo para a correspondência. Tinha correspondentes em toda a parte do mundo! (...) E então, entre esses correspondentes arranjei uma moça...! Uma moça... porque havia sempre aquela atracção dos rapazes escreverem a raparigas, raparigas escreverem a rapazes...e arranjei uma correspondente na República Checa - na altura era Checoslováquia - e então começámos a corresponder-nos... e foi por aí fora. E ainda hoje isso existe!”<sup>258</sup>.

L.D. mantém ainda contacto com a sua correspondente de tantos anos, designadamente, através de visitas recíprocas a Portugal e à República Checa, entre as respectivas famílias<sup>259</sup>.

Só já finda a 2.ª Guerra haverá notícia de actividades organizadas; de resto, também a nível internacional a guerra veio congelar quase toda a acção esperantista. Assim em 1945 o dia 15 de Dezembro é novamente assinalado numa festa no Asilo Escola António Feliciano de Castilho, com a presença de Saldanha Carreira, A. Costa Júnior, Luzo Bemaldo, Alsácia Fontes Machado e Adolfo Trémouille<sup>260</sup>.

---

<sup>255</sup> Depoimento do entrevistado L.D.

<sup>256</sup> Depoimento do entrevistado A.O.

<sup>257</sup> Depoimento do entrevistado A.O.

<sup>258</sup> Depoimento do entrevistado L.D.

<sup>259</sup> Estes dois entrevistados saíram de Portugal cerca da década de 1950 para Angola, embora para destinos diferentes. Reencontraram-se recentemente no Barreiro, e são ambos professores de Esperanto na Universidade da Terceira Idade desta cidade.

<sup>260</sup> Programa da “Esperantista Festo” encontrado no Arquivo da A.P.E., Caixa de objectos não catalogados.

Em Outubro de 1946, diversos grupos esperantistas de Lisboa e cidades próximas criaram a Portugala Esperanto-Ligo (Liga Portuguesa de Esperanto), após atenta análise da situação em que se encontrava o movimento. Os princípios norteadores foram, mais uma vez na história do esperantismo português, a tentativa de reunião dos esperantistas portugueses, a divulgação da língua, e a representação do país junto dos grupos internacionais<sup>261</sup>. Esta organização assume-se absolutamente acima de quaisquer tendências, baseada no respeito recíproco e na tolerância dos ideais dos seus membros<sup>262</sup>. A formação destes novos grupos esperantistas não pôde ser documentada: os grupos de Lisboa terão sido eventualmente criados após a 2.ª Guerra, os restantes - com excepção do «La Vekiĝo» do Barreiro, existente desde cerca de 1940 e porventura os grupos do Tramagal e Montijo - poderiam existir ou não anteriormente a 1936.

Em Janeiro de 1947 o primeiro número do seu órgão de informação, *Unuiĝo*, redigido em Esperanto, dá conta da necessária ultrapassagem de “lamentáveis querelas” para a consecução da Liga, concretizada quando se decidiu por um organismo central em que “a disputa ideológica fosse desconhecida e a concórdia reinasse sem reserva”. As Direcções dos grupos envolvidos chegaram a acordo, e o comité central da «SAT-Rondo de Portugalio» decidiu fundir o seu boletim *La SAT-Ido* com o da nova Liga, transferindo as assinaturas, para evitar a concorrência entre publicações e deste modo fortalecer o movimento nacional. Assim, “Operários e esperantistas neutrais, compreendendo que o actual estado do nosso movimento exige cooperação, sem reserva lançaram-se à árdua tarefa de reforçar a base do nosso movimento”<sup>263</sup>. No entanto, logo em Fevereiro, o comité central do «SAT-Rondo de Portugalio» decide voltar a publicar o seu boletim - *La SAT-Ido*, cuja edição tinha sido interrompida com a criação da Liga em Outubro de 1946<sup>264</sup>.

Dois meses após a criação da Liga, na data tão cara aos esperantistas que é o dia 15 de Dezembro, ocorreu novamente no Asilo Escola Feliciano de Castilho uma festa, participada por cerca

---

<sup>261</sup> *Unuiĝo*, 2.ª série, n.º 4, Abril-Julho de 1947:7-8

<sup>262</sup> No original: “Karaktero: P.E.L. estas absolute SUPERTENDENCA bazita sur la reciproka respektemo k[aj] toleremo de ideoj inter siaj geanoj!” (*Unuiĝo*, 2.ª série, n.º 1, Janeiro de 1947:7).

<sup>263</sup> No original: “Laboristaj kaj neutralaj esperantistoj, komprenante ke la aktuala stato de nia enlanda movado postulas ĉies kunaktivadon, senrezerve sin ĵetis al la laciga tasko plifirmigi la fundamentojn de nia movado” (*Unuiĝo*, 2.ª série, n.º 1, Janeiro de 1947:1). Em Março de 1946, no único número encontrado de *La Unuiĝo* - o órgão da Portugala Esperanto-Federacio, que se pode considerar como um embrião da Liga criada em Outubro - os editores questionam-se sobre a razão pela qual a unidade entre os esperantistas não tinha ainda sido alcançada. A resposta é a seguinte: “Tial, ke kelkaj volis trudi iliajn konceptojn pri la socio k[aj] alproprigi la esperanton movadon al siaj apartaj politikinteresoj ignorante la rajtojn de la ceteraj”, i.e., “Porque alguns pretendem impor os seus conceitos acerca da sociedade apropriando o movimento esperantista aos seus interesses políticos e ignorando os direitos dos restantes [esperantistas]” (*La Unuiĝo* - Organo de la Portugala Esperanto-Federacio, Marto 1946).

<sup>264</sup> É esse o anúncio que faz na *Unuiĝo* desse mês (n.º2, 2.º série, Fevereiro de 1947:16).

de 250 pessoas. A sessão foi aberta por Werther Sacramento, destacando-se a presença de Luzo Bemaldo, Costa Júnior, Alsácia Fontes Machado, Adolfo Trémouille e José Antunes<sup>265</sup>.

Uma das iniciativas tomadas com a expectativa de juntar os esperantistas do país foi programada logo em 1946, e a sua realização veio a ser anunciada para o mês de Setembro do ano seguinte: a primeira conferência nacional, a realizar no salão do Asilo Escola António Feliciano de Castilho<sup>266</sup>.

O local de reuniões da Direcção bem como da realização dos cursos de Esperanto organizados pela Liga foi a sede do Clube de Campismo de Lisboa<sup>267</sup>. Em Março de 1947, ocorre assim o primeiro curso de Esperanto organizado pela Portugala Esperanto-Ligo. Em Abril haverá o primeiro curso para ensino de Esperanto, leccionado por Luzo Bemaldo e Adolfo Trémouille<sup>268</sup>.

No primeiro trimestre do ano de 1948 a Liga divulga uma estatística dos seus membros e grupos associados. O número de membros individuais em Janeiro desse ano era de 155, sendo que os membros pertencentes a grupos totalizavam 270. Estes grupos perfaziam o total de 12: em Lisboa, com 62 membros existiam La Torço, Sciamantoj e Tramista Rondo. Totalizando 172 membros existiam do outro lado do Tejo os grupos La Vekiĝo (do Barreiro), Lumradio (de Alhos Vedros), Esperanto (do Montijo), e mais a norte La Teraroj (do Tramagal). A sul, com um total de 26 membros, os grupos Unuiga Stelo (de Setúbal), Unuigita Junularo e La Nevenkeblaj (ambos de Arraiolos), e Esperanta Heleco (de Évora). Finalmente a norte, o grupo Norda Stelo (de Gelfa, Viana do Castelo), com 10 membros<sup>269</sup>. É também em 1948 que se regista o maior número de esperantistas portugueses filiados na SAT: 122 membros<sup>270</sup>.

---

<sup>265</sup> *Unuiĝo*, 2.<sup>a</sup> série, n.º1, Janeiro de 1947:5 e 10.

<sup>266</sup> Cf. *Unuiĝo*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 4, Abril-Julho de 1947:1. Em Fevereiro de 1947 já tinham aderido à iniciativa 6 grupos de Lisboa e um de Queluz; 6 grupos do Barreiro, Alhos Vedros, Tramagal e Montijo; 5 grupos do Alentejo e Algarve; e um de Vila Praia de Âncora - num total de 19 grupos esperantistas (*Unuiĝo*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 2, Fevereiro de 1947:7).

<sup>267</sup> Os corpos dirigentes da Liga de Esperanto em 1948 estão organizados do seguinte modo: na Assembleia-Geral, o Presidente é Júlio César Pereira; o Secretário é Cosme Benito Resina; o Assessor é António Serafim Dias. No Comité de Controlo, o Presidente é Vítor Hugo Homem; o Secretário é Joaquim Calado; e o Assessor é Arnaldo Rodrigues. A Direcção é composta pelo Presidente Armando Gomes Cunha; pelo Secretário-Geral Frazão de Faria; pelo tesoureiro Henrique Vieira; pela Ajudante de Tesouraria Isabel Vieira; e pelos Assessores Amilcar Perdigão, António Barbosa e Ventura Antunes (cf. *Informilo* - Portugala Esperanto Ligo, 2º Boletim, entre Janeiro e Março de 1948:3).

<sup>268</sup> *Unuiĝo*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 4, Abril-Julho de 1947:8.

<sup>269</sup> Cf. *Informilo* - Portugala Esperanto Ligo, 2º Boletim, entre Janeiro e Março de 1948:2). Havia ainda outros grupos em Portugal. Listados em Março de 1946 no processo de criação da Liga, encontravam-se: Oazo; La Pioniroj; Verda Stelo (do Tramagal); Frata Samidealo; Portugala Esperanto-Grupo; Nova Tagiĝo (de Lisboa); Nova Mondo; e, Aboco (vd. *La Unuiĝo* - Organo de la Portugala Esperanto-Federacio, Marto 1946). Listados na inscrição para a conferência de Setembro de 1947 encontravam-se: SAT-Rondo de Portugalio (de Lisboa); Antaŭen de Lisboa); Legi kaj Lerni (do Barreiro); Lumostrio (de Queluz); La Espero (de Portimão);

A preocupação de crescimento e solidificação do movimento estão naturalmente a par com a questão da necessidade da sua legalização. Em Maio de 1948, a Direcção escrevia no boletim: “Em Janeiro deste ano tínhamos sómente 30 sócios, hoje contamos com cerca de 350 (...) Mas mais e muito mais é preciso ainda fazer; dentro de todas as tarefas a realizar, destaca-se a da LEGALIZAÇÃO do nosso movimento!”<sup>271</sup>.

Por esta altura ocorrem vários encontros esperantistas: piqueniques em Cascais e em Alhos Vedros - em Abril e Maio, respectivamente<sup>272</sup> -, em Junho o aniversário do grupo barreirense «La Vekiĝo» foi comemorado com um passeio<sup>273</sup> e, no mês seguinte, foi organizado novo piquenique na Trafaria<sup>274</sup>.

Decorrido pouco tempo porém, em Agosto precisamente, um diploma legal do Ministério do Interior confirma a proibição de actividades esperantistas<sup>275</sup>. Dois meses depois o Ministério da Educação proíbe o ensino do Esperanto<sup>276</sup>. Ainda assim, a edição do boletim *Informilo* tem continuação por vários meses mais, até Abril de 1949. A partir da edição de Outubro<sup>277</sup> a designação do órgão editor surge alterada: à denominação “Liga Portuguesa de Esperanto” acrescenta-se, entre parênteses, “em organização”. E é nesta edição de Outubro que o edital, redigido em português e intitulado “Novo Rumo!”, informa que se estabeleceu uma comissão de propaganda constituída por quatro universitários esperantistas, para de imediato actuar no meio universitário, e também no meio católico; desde logo se considerou a hipótese de estender a acção ao meio protestante, para o que se pediu o auxílio dos consócios<sup>278</sup>. No boletim seguinte, de Novembro, sob o título “Campanha de

---

Norda Stelo (de Vila Praia de Ancora); e, Esperanta Heleco (Évora) (Cf. *Unuiĝo*, 2.<sup>a</sup> série, n.º 2, Fevereiro de 1947:7).

<sup>270</sup> Forster, 1982:39. Alude-se ao período compreendido entre 1923 e 1964, para o qual a obra de Forster dispõe de dados sobre Portugal.

<sup>271</sup> Em *Informilo* - Portugala Esperanto Ligo. Boletim de Informações - n.º 4 - Maio de 1948:1.

<sup>272</sup> Em *Informilo* - Portugala Esperanto Ligo. Boletim de Informações - n.º 4 - Maio de 1948:6.

<sup>273</sup> Em *Informilo* - Portugala Esperanto Ligo. Boletim de Informações - n.º 5 - Junho de 1948:1.

<sup>274</sup> Em *Informilo* - Portugala Esperanto Ligo. Boletim de Informações - n.º 6 - Julho de 1948:1.

<sup>275</sup> Trata-se da circular n.º 2167-GBT de 11 de Agosto de 1948, segundo é referido na Carta de 14 de Abril de 1951 enviada a Saldanha Carreira pela Direcção dos Serviços de Censura. (Documento constante do Arquivo da APE, Pasta “Korespondaĵoj jaroj 50 kaj 60”).

<sup>276</sup> Lins, 1990:135-6.

<sup>277</sup> Os boletins de Agosto e de Setembro não foram localizados, embora o número 7 desta série tenha certamente existido, pois a edição de Outubro tem o número 8, e o número 6 tinha sido o de Julho. Acrescente-se que também no número de Outubro se encontra uma lista de material de propaganda para venda, com indicação dos respectivos preços: emblemas de Esperanto (para homem e senhora); postais com a fotografia de Zamenhof; postais com o hino esperantista; postais com desenho cómico “Falo Esperanto”; bloco-notas esperantista; caderno de selos de propaganda; papel de carta com envelope; a pequena publicação *Chave do Esperanto*; e prospectos de propaganda.

<sup>278</sup> *Informilo*. Boletim informativo da Liga Portuguesa de Esperanto (em organização), n.º 8, Outubro de 1948:1

esclarecimento”, os editores informam que a Comissão Organizadora da Liga Portuguesa de Esperanto, na sua primeira reunião após as férias, estudou o problema do desenvolvimento da propaganda da língua auxiliar Esperanto em Portugal, concluindo que dois conceitos errados a impedem que ocupe o lugar que merece no nosso país, pelo que resolveu actuar:

o conceito errado de que o esperanto é propriedade de uma determinada ideologia politica da extrema esquerda; (...) [e] o conceito errado de que o esperanto pretende substituir os idiomas nacionais (...) resolveu então a Comissão Organizadora iniciar uma campanha de esclarecimento para tentar derrubar esses conceitos errados que só nos prejudicam e impedem o desenvolvimento do esperanto. Decidiu-se então editar 5000 cartas e 5000 postais com uma legenda alusiva ao Esperanto da autoria do Papa Pio X, que diz: “Reconheço a utilidade de o Esperanto para conservar a unidade entre os católicos de todo o mundo. O esperanto oferece-lhes um brilhante porvir”. Esta frase da autoria do Papa Pio X prova claramente que o esperanto não é o que muita gente erradamente pensa: uma língua de comunistas!<sup>279</sup>.

Em Abril de 1949, Frazão de Faria anuncia no *Informilo* que decidiu não continuar a intermediar a SAT, uma vez que esta associação tornou-se unicamente anarquista<sup>280</sup>; é um anúncio redigido em Esperanto, em que pede para não serem enviados mais pedidos de informação para a sua morada. O entrevistado A.A. que fez a sua iniciação na aprendizagem de Esperanto no curso que em 1947 teve lugar na sede do Clube de Campismo de Lisboa, informou que Frazão de Faria, seu professor, foi vítima de prisão após o termo do curso: “quem me ensinou Esperanto, o Frazão de Faria, esteve preso. Depois de me ensinar Esperanto, esteve preso. Não muito tempo, mas esteve”<sup>281</sup>.

Em Agosto de 1949, agentes da PIDE confiscaram os haveres da Liga Portuguesa de Esperanto, tento também feito buscas em casas de esperantistas, e informado que seria apreendida correspondência do estrangeiro que tivesse selos ou insígnias em Esperanto<sup>282</sup>.

Sobre a prisão de esperantistas, o entrevistado A.A. refere que ocorriam: “não devido ao Esperanto, mas sim da utilização do Esperanto (...) A maior parte dos esperantistas portugueses na altura, eram comunistas, e utilizaram o Esperanto para se corresponderem com outros indivíduos, comunistas também, em muitos países, e isso não era bem visto na altura, e muitos deles arranjam problemas por causa disso”. Sobre a sua experiência pessoal diz: “mas eu mesmo, nunca tive qualquer problema com o meu Esperanto. Eu não era político, não falava nada sobre política, era apolítico, e portanto nunca me incomodavam”.

Outro entrevistado diz:

parece-me - parece-me!, deduzo eu - que [Salazar] proibiu [o Esperanto] justamente para acabar pelo menos com o foco de política adversa a ele. Um esperantista antigo uma vez contou-me - não sei se era

---

<sup>279</sup> *Informilo*. Boletim informativo da Liga Portuguesa de Esperanto (em organização), n.º 9, Novembro de 1948:1.

<sup>280</sup> *Informilo*. Boletim Informativo da Liga Portuguesa de Esperanto (em organização), n.º 12., Março/Abril de 1949:3.

<sup>281</sup> Depoimento do entrevistado A.A.

<sup>282</sup> Lins, 1990:136.

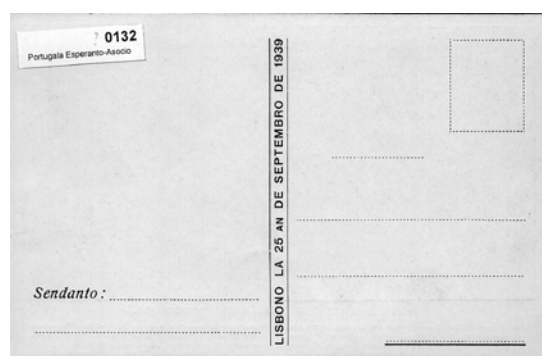


exactamente desse tempo se não - que havia duas associações para os lados de Alcântara: uma delas era a “Nova Vojo” (quer dizer “caminho novo”) e a outra era a “Antaûen” (que é mesmo “Avante”). E então diz ele que arranjavam uma farda para os esperantistas, que era tudo gente jovem, não era assim? [Usavam] uma farda vermelha, faziam o gesto do punho direito fechado - comunista - e cantavam a internacional. E (...) diziam os esperantistas, [que] a única coisa que tinham do Esperanto era o emblemazinho, a estrela verde. Foi uma das coisas que deve ter levado realmente o Salazar a acabar por proibir isso. Portanto, nesse aspecto tenho a impressão que os esperantistas é que se portaram mal, porque no meu entender, acho que a Associação de Esperanto deve incluir todas as cores que lá queiram estar, e aceitar todas de bom grado...o que é, (...) é Esperanto; (...) não há política! Não pode haver, e no meu entender, há um certo esquerdismo - no Esperanto em geral - que tem prejudicado o Esperanto perante as entidades que nos comandam, que são todas destras, não é assim?<sup>283</sup>.

---

<sup>283</sup> Depoimento do entrevistado E.C.

## Objectos expositivos para o período de 1936 a 1951



3.3.1. e 3.3.2. Postal da palestra em Esperanto proferida pelo húngaro Ladislao Zinner, acompanhado de Saldanha Carreira na Emissora Nacional Portuguesa, Lisboa, 25 Setembro 1939. Verso do postal. (Arquivo APE, Pasta "Fotaro").



3.3.3. Grupo esperantista «La Vekigo» do Barreiro, década de 1940. (Arquivo APE, Pasta "Fotaro").



3.3.4. Grupo esperantista em passeio no campo, Tramagal, 1945. (Arquivo APE, Pasta "Fotaro").



3.3.5. Cartaz em Esperanto intitulado “A Vitória” constituído por textos e fotografias alusivas à 2.ª Guerra Mundial. (Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho de 2012).



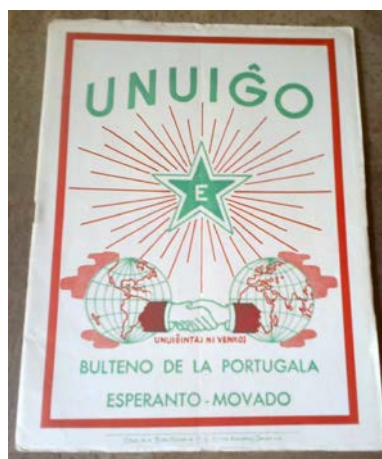
3.3.6. Fotografia emoldurada do 22.º Congresso da SAT em Paris, 1949. (Exposta na sede da APE, Lisboa. Fotografia da autora, Julho de 2012).



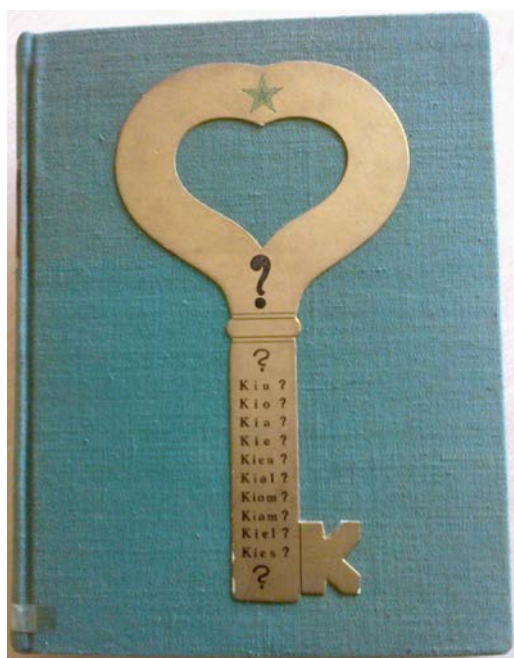
3.3.7. Fotografia emoldurada do 34.º Congresso da UEA em Bournemouth, Reino Unido, 1949. (Exposta na sede da APE, Lisboa. Fotografia da autora, Julho de 2012).



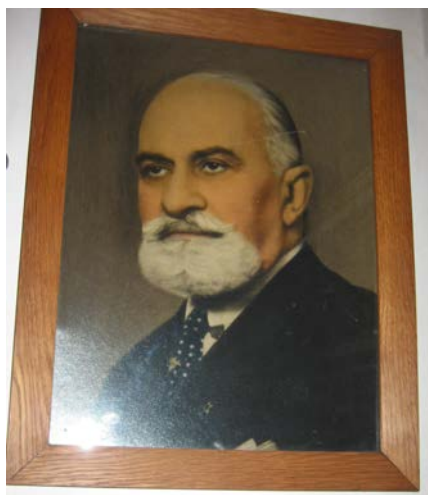
3.3.8. Número de *La Unuiĝo*, Lisboa, 1946. (Arquivo APE. Fotografia da autora, Agosto de 2012).



3.3.9. Número de *Unuiĝo*, Lisboa, 1947. (Arquivo APE. Fotografia da autora, Agosto de 2012).



3.3.10. Encadernação específica para *La Curso de Andreo Cschi*, Holanda, 1947 [1929].  
(Arquivo APE. Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.3.11. Retrato de Saldanha Carreira emoldurado.  
(Exposto na sede da APE, Lisboa. Fotografia da autora, Julho 2012).

### 3.4. As complexas relações com o Estado Novo (de 1951 a 1972)

Reuníamo-nos simplesmente para conversar uns com os outros. Era a única maneira que tínhamos de praticar a fala: estávamos ali umas duas ou três horas (...) no Café Martinho (...) e íamos para conversar, para termos prática de conversa, não é? É essencial: a pessoa lê, aprende o Esperanto, mas se não fala, acaba por ser o chamado «eterna komencanto» (Depoimento do entrevistado A.A.)

Em Abril de 1951 a interdição imposta ao Esperanto é parcialmente levantada - se o Ministério do Interior recuou, mediante um diploma datado de 12 do referido mês, relativamente à sua anterior posição, o Ministério da Educação Nacional porém, não se mostrou favorável:

A Inspeção Superior do Ensino Particular, por parecer do Conselho Permanente da Acção Educativa, homologado pelo Ex.mo Ministro a Educação Nacional, determinou que não deve ser concedida aos Estatutos da Associação Portuguesa de Esperanto a pedida aprovação, nem deve ser autorizado o ensino do Esperanto em Portugal. Está, porém, de pé, o despacho ministerial de 12 de Abril de 1951, dado pelo Ex.mo Ministro do Interior, que superiormente considerou o Esperanto ao nível das outras línguas, asseverando que não podia ser proibida, desde que a sua acção não ofendesse a moral nem os princípios fundamentais da Constituição<sup>284</sup>.

Adolfo Nunes faz alusão às circunstâncias em que o Ministério do Interior cedeu favoravelmente ao Esperanto: “em 1951, o ministro Trigo de Negreiros, a pedido do coronel Armando Larcher, permitiu a abertura das associações esperantistas”<sup>285</sup>. Armando Larcher era na altura chefe dos serviços de censura. Foi da sua parte que foi enviada a resposta à exposição de Saldanha Carreira entregue naqueles serviços, visando a “libertação do Esperanto”. A carta enviada a Saldanha Carreira transcreve o texto do despacho exarado pelo ministro Trigo de Negreiros, que exalta a língua nacional como elemento fundamental da coesão nacional, justificando-se por isso todas as providências relativas à sua defesa e desenvolvimento, mas não se justificando, no entanto, a proibição de materiais escritos noutras línguas - o Esperanto incluído -, desde que não constituíssem ofensa à moral ou aos princípios fundamentais da Constituição Portuguesa. Mas, continua:

Simplesmente, dada a fama de que goza o Esperanto e a posição política de alguns adeptos desta língua, justifica-se que, em relação às actividades de certos esperantistas e às publicações em Esperanto, se exerça uma especial vigilância, em ordem a evitar a sua utilização como meio de propaganda dissolvente ou de defesa de interesses que briguem com o interesse nacional<sup>286</sup>.

A expressão usada por Adolfo Nunes para referir a decisão do Ministro do Interior dizendo que foi “a pedido do coronel Armando Larcher”, não denota necessariamente uma situação de privilégio na

---

<sup>284</sup> “Esperanto. A Segunda Língua de Cada Povo - Circular n.º 3. Lisboa, 31 de Maio de 1952” (redigida por Saldanha Carreira). Documento constante da Caixa de objectos não catalogados do Arquivo da A.P.E.

<sup>285</sup> “Quarenta anos perseguido (e proibido) o esperanto volta a Portugal” (pp.10-1), em *Diário de Lisboa* de 14 Julho de 1976.

<sup>286</sup> Carta de 14 de Abril de 1951 enviada a Saldanha Carreira pela Direcção dos Serviços de Censura. Documento constante do Arquivo da A.P.E., Pasta “Korespondaĵoj jaroj 50 kaj 60”.

intercedência pelos esperantistas, mas, é interessante notar um facto ocorrido no ano seguinte: a 1 de Novembro de 1952, num banquete com cerca de meia centena de pessoas que decorreu no restaurante Vera Cruz em Lisboa, Saldanha Carreira é homenageado pelos seus *samideanoj*, e recebeu nessa ocasião um amável cartão de congratulações da parte do coronel Armando Larcher<sup>287</sup>.

A posição do Ministério da Educação em 1951 foi justificada pela alegação de que o Esperanto teria uma influência prejudicial à pureza da língua portuguesa<sup>288</sup>; recorde-se que em 1935, similarmente, o ministro alemão da educação tinha proibido o ensino do Esperanto por alegadamente enfraquecer valores essenciais do carácter nacional, como ficou exposto no ponto 2 do capítulo 2. Em circular de Maio de 1972 aos esperantistas, a Comissão Organizadora da Associação Portuguesa de Esperanto afirma: “O Ministério da Educação Nacional não (...) permitiu o funcionamento de cursos, com a alegação peregrina de que «o ensino do Esperanto não estava autorizado nem sequer previsto em Portugal»”<sup>289</sup>.

Da dúbia situação criada pela divergência entre as resoluções de dois ministérios, resulta que a tentativa de organização da Associação Portuguesa de Esperanto não vingou, pela falta de aprovação dos seus estatutos por parte do Ministério da Educação Nacional. Após a tomada de conhecimento do diploma do Ministério do Interior, tinha-se de imediato iniciado a organização da Associação, tendo sido nomeados presidentes da Assembleia-Geral, do Conselho Fiscal e da Direcção, respectivamente, Comodoro Carlos Henrique, Justino de Carvalho e Saldanha Carreira<sup>290</sup>. Mas em vão: “A Associação Portuguesa de Esperanto, vendo-se sem Estatutos, deliberou fechar a sua Sede e deixar de cobrar quotas; mas a antiga Comissão Organizadora continua a ter o Apartado 331 - Lisboa”<sup>291</sup>. Diz o entrevistado E.C.:

mais ou menos em 1951 (...) eu frequentei - frequentei, quer dizer...- visitei uma associação que havia em Lisboa na Calçada Marquês de Abrantes, que era uma dependência do Clube Estrela de Campismo. (...) Os esperantistas reuniram-se lá porque nessa altura estavam a tentar fundar a Associação Portuguesa de Esperanto, no tempo da ditadura evidentemente, e mais uma vez não tinham conseguido. (...) Eu aí conheci pessoalmente um grande esperantista, muito falado (...), que é o Saldanha Carreira (...), [e o] Adolfo Nunes, que mais tarde vim a conhecer muito bem. E naquela altura não permitiram a criação da

---

<sup>287</sup> No original: “Ankáu kolonelo d-ro Armando Larcher, direktoro de la Cenzura Servo, sendis tre afablan gratulkarton”, *La Praktiko*, n.º de Janeiro e Fevereiro de 1953.

<sup>288</sup> Cf. “Esperanta kaj Portugala lingvoj”, *Revista Portuguesa de Esperanto*, Ano 1, n.ºs 5/6 de Novembro/Dezembro, 1973:14.

<sup>289</sup> “Associação Portuguesa de Esperanto - 2.ª Circular. Lisboa, 30 de Maio de 1972. A Comissão Organizadora”. Documento constante da Caixa de Documentos de Adolfo Nunes, do Arquivo da A.P.E. Trecho sublinhado no original.

<sup>290</sup> *Chave do Esperanto*, 1975:44.

<sup>291</sup> “Esperanto. A Segunda Língua de Cada Povo - Circular n.º 3. Lisboa, 31 de Maio de 1952” (redigida por Saldanha Carreira). Documento constante da Caixa de objectos não catalogados do Arquivo da A.P.E.

Associação. Parece-me que diziam que permitiam que se ensinasse Esperanto, mas Associação, nem pensar, nem pensar nisso. (...) E esse Saldanha Carreira (...) contou-nos que disse ao ministro: «O Sr. Ministro sabe quais são os únicos países em que o Esperanto está proibido? Na Rússia de Estaline e em Portugal de Salazar».

Por esta altura, os espaços e locais relacionados com o universo campista eram uma alternativa a que os esperantistas recorriam<sup>292</sup>. Disse outro entrevistado:

Não podia haver grupos de Esperanto, porque estava proibido; foi proibido por lei (...). O Salazar mandou publicar uma lei e acabou com os grupos, com as escolas e com as associações de Esperanto. Em Lisboa havia umas 3 ou 4: havia uma em Alcântara, havia outra ali nos Restauradores (...), uma parece que em Alfama ou o que era. Havia umas 3 ou 4 e acabaram, não havia associações, não havia grupos. Os esperantistas optaram então por se inscrever em clubes de campismo. Eu pertenci a um clube desses também, não sei se existe, que era o Clube Estrela, e tinha sede na altura [década de 1950] na Rua Victor Cordon (...) Então lá é que se faziam as reuniões<sup>293</sup>.

Sem associação ou sede, os esperantistas continuaram a improvisar, e o Esperanto não desvanece. Em documento dirigido aos esperantistas - uma circular bilingue assinada por Saldanha Carreira, datada de 1952 e anterior a Maio desse ano -, referem-se as reuniões de conversação dos esperantistas realizadas às quartas-feiras, que desde Fevereiro passaram também a integrar palestras culturais<sup>294</sup>. Aquelas reuniões, realizadas no Café Portugal, no Rossio, tiveram início cerca de 1952, e eram organizadas e participadas pelo grupo denominado Amigos do Esperanto<sup>295</sup> - grupo responsável pela homenagem a Saldanha Carreira acima referida. Em 1956 o local das reuniões semanais muda para o Café Martinho, aos Restauradores<sup>296</sup>. Compareciam tanto antigos como novos esperantistas:

[Comparecia] o Saldanha Carreira, que era uma espécie de mentor do Esperanto em Portugal; e vários outros: (...) o José Antunes; o Pedro da Silva; um oficial superior, aliás, oficial general da marinha, que era o Comodoro Carlos Henrique. (...) [E] havia muitos operários, a maior parte dos esperantistas de facto, eram operários. O Werther Sacramento, é um esperantista anterior a mim, era operário, e muitos, muitos outros. Grande número de operários eram esperantistas<sup>297</sup>.

---

<sup>292</sup> O campismo constituiu, a par dos piqueniques e passeios no campo, uma prática comum entre os esperantistas. Note-se que em 1948 existiam no Clube de Campismo de Lisboa cinco grupos esperantistas de campismo: Hejmo Nia, Unuiĝo, Nova Espero, Liberaj sub la Luna Lumo, e Matena Stelo (*Informilo*. Boletim informativo da Liga Portuguesa de Esperanto (em organização), n.º 8, Outubro de 1948:2).

<sup>293</sup> Depoimento do entrevistado M.P.

<sup>294</sup> Tinham sido proferidas já quatro palestras, designadamente por Luzo Bemaldo, pelo próprio Saldanha Carreira, por José Antunes e por Adolfo Nunes ("Portugala Esperanto Asocio (em organização). Circular n.º 2/52", redacção bilingue por Saldanha Carreira. Documento constante da Caixa de objectos não catalogados, do Arquivo da A.P.E.).

<sup>295</sup> *La Praktiko*, n.º de Janeiro e Fevereiro de 1953; *Nia Stelo*, n.º 2, Janeiro de 1956:10; *Chave do Esperanto*, 1975:44-5; depoimentos dos entrevistados M.P., A.A. e E.C.

<sup>296</sup> *Nia Stelo*, n.º 2, Janeiro de 1956:10; depoimento do entrevistado M.P.

<sup>297</sup> Depoimento do entrevistado A.A.

Outro entrevistado diz:

Foi aí [no Café Portugal] que eu comecei a aprender Esperanto. Aprendi quase auto-didacticamente. Porque não havia professores, escolas não eram permitidas, e as reuniões também só em locais públicos. (...) [De] alguns [esperantistas] eu lembro-me, mas eram tantos... José Antunes, Adolfo Nunes, havia um Saldanha Carreira que de vez em quando aparecia lá, mas era raro porque era uma pessoa já de idade, era aposentado do Banco de Portugal. E esse Adolfo Nunes também era aposentado do Banco de Portugal. António Silva Almeida, a [futura] esposa dele (...), o António Ribeiro da Cruz, João Pereira Cotovio, Valdomiro Belo Farinha, Ventura Antunes (...) E vários outros, muitos deles eu já em me lembro do nome deles e outros nem cheguei a saber exactamente o nome completo deles<sup>298</sup>.

O Hotel Internacional foi palco habitual dos grandes encontros esperantistas, essencialmente das comemorações que assinalam o nascimento de Zamenhof. Assim, em Dezembro de 1955, tendo entre as organizadoras Maria de Deus Antunes e Olga Marques, ali decorreu a sessão com banquete, declamações e leitura de correspondência vária - que incluiu uma missiva de Ivo Lapena<sup>299</sup>. Registaram-se as presenças de Adolfo Trémouille, José Antunes - o principal delegado da UEA -, Comodoro Carlos Henrique, Bigotte de Almeida, e Adolfo Nunes enquanto representante do jornal *República*. Nos dois anos que se seguiram estas festas repetiram-se em Dezembro: a sessão de 1956 foi objecto de gravação áudio por Manuel Martins de Araújo<sup>300</sup>; à sessão de 1957 presidiram Saldanha Carreira, José Antunes, Luzo Bemaldo, Costa Júnior, Adolfo Nunes e Carlos Henrique, tendo comparecido cerca de quarenta pessoas<sup>301</sup>. Estes encontros eram participados por todos os esperantistas, sem distinção significativa de origem social ou pertença profissional:

Então, aquela “fina flor” como chamavam, a “fina flor” do Esperanto, reunia-se lá [Hotel Internacional, nas comemorações do aniversário de Zamenhof]. Temos até umas fotografias que ilustram de facto que iam bastantes pessoas lá; havia pessoas de classe superior à de operário, que apareciam lá, mas também apareciam outras pessoas. Portanto, éramos todos esperantistas. Éramos todos esperantistas<sup>302</sup>.

Em Janeiro de 1956 também naquele hotel foi homenageado o uruguaio Fernández Menéndez, que participou igualmente na reunião semanal realizada no Café Martinho<sup>303</sup>. Este professor foi em 1954 o organizador da primeira exposição universal de Esperanto por ocasião da 8.ª Conferência Geral da UNESCO<sup>304</sup>, e ao lado de Ivo Lapenna, protagonista do processo que culminou no reconhecimento do Esperanto por aquela organização internacional, como ficou dito no capítulo 2.

---

<sup>298</sup> Depoimento do entrevistado M.P.

<sup>299</sup> *Nia Stelo*, n.º 2, Janeiro de 1956:9.

<sup>300</sup> *Nia Stelo*, n.º 14, Fevereiro de 1957:10.

<sup>301</sup> *Nia Stelo*, n.º 20, Fevereiro de 1958:20; *La Praktiko*, n.º de Maio de 1958.

<sup>302</sup> Depoimento do entrevistado A.A.

<sup>303</sup> *Nia Stelo*, n.º 3, Fevereiro de 1956:9.

<sup>304</sup> Carta da comissão organizadora da 1.ª Exposição Universal de Esperanto, Montevideu, 15 de Junho de 1954, dirigida a José Antunes. Documento constante do Arquivo da A.P.E., Pasta “Korespondaĵo jaroj 50 kaj 60”.



Ligado aos Amigos do Esperanto, o grupo de excursões denominado Ekskursu Grupo «Verda Familio» segue, durante o ano de 1956, as habituais práticas esperantistas de realização de passeios culturais e de lazer: em Janeiro organizou uma visita ao Museu de Arte Contemporânea<sup>305</sup>; em Junho um piquenique na mata de S. Domingos de Benfica, para o qual Américo Esteves de Almeida levou discos esperantistas - que conseguiu por a funcionar engenhosamente recorrendo à bateria do seu automóvel<sup>306</sup> (foi Esteves de Almeida o autor de um busto em bronze de Zamenhof oferecido a Menéndez)<sup>307</sup>; e em Julho, um piquenique em Sintra<sup>308</sup>. O entrevistado A.A. refere-se a esses passeios:

muitas vezes havia excursões. Visitei vários locais principalmente na margem sul do Tejo, devido ao grande número de esperantistas que havia no Barreiro, e visitávamos assim várias localidades. Fazíamos uma espécie de piqueniques, e [eu] lá estava sempre para conversar - sempre em Esperanto. [Reuniam-se pessoas] de Lisboa e não só. A gente quando havia essas coisas telefonava a uns e a outros e na medida do possível as pessoas apareciam.

Entre Dezembro de 1955 e Abril de 1960 publicou-se mensalmente a revista *Nia Stelo*, editada por João Pereira Cotovio, e inteiramente redigida em Esperanto. Com participação regular surgem os nomes de Saldanha Carreira, Luzo Bemaldo, Adolfo Nunes, Adolfo Trémouille, Costa Júnior, José Antunes, Carlos Henrique, A. S. Almeida, Olga Marques, Alsácia Fontes Machado, Joaquim Calado, Carlos Fernando, Manuel de Seabra e os estrangeiros Ismael Gomes Braga, Marjorie Boulton e Margaret Bawden. Sobre o *Nia Stelo* diz o entrevistado A.A.:

Era feito por um esperantista que já faleceu - o Cotovio -, que era muito bom esperantista. Fazia muitos artigos e pedia a outros esperantistas para escreverem artigos. E então aquilo era feito em *stencil* ao duplicador - o duplicador em *stencil* lá dos bons velhos tempos. Quem fazia esse trabalho nos *stencils* era um sobrinho dele que também era esperantista, o Carlos Fernando. E então, durante uns anos - não muitos - tivemos o tal *Nia Stelo* que era uma gazeta, chamemos-lhe assim, cultural.

Nos primeiros números desta revista foi publicada a tradução de Adolfo Trémouille da obra de Eça de Queirós *O Mandarim*. No período que compreende as décadas de 1950 e 1960 a presença dos esperantistas é rara na imprensa nacional. O *República* publica duas notícias sobre os congressos universais de 1955 e de 1965, e é neste jornal que entre finais de 1968 e 1972 há uma rubrica assinada por Virgílio Portela intitulada “O Esperanto através do Mundo”<sup>309</sup>.

Todas estas actividades foram decorrendo sem interferências da polícia política. O *Nia Stelo* nunca teve problemas com a sua edição, segundo o entrevistado A.A., e as reuniões nos cafés também decorriam sem contratemplos: “estávamos ali e conversávamos todos uns com os outros em Esperanto,

---

<sup>305</sup> *Nia Stelo*, n.º 3, Fevereiro de 1956:9.

<sup>306</sup> *Nia Stelo*, n.º 7, Junho de 1956:6.

<sup>307</sup> *Nia Stelo*, n.º 5, Abril de 1956:9.

<sup>308</sup> *Nia Stelo*, n.º 8, Julho de 1956:5.

<sup>309</sup> Arquivo A.P.E., Pastas “Artikoloj pri Esperanto 1888 -1969” e “Artikoloj eltonditaj 1970 -1979”; sobre a data de início da rubrica vd. *República*, 2 de Dezembro de 1971.

claro, como não podia deixar de ser. E nunca fomos - que eu saiba, eu pelo menos nunca fui - abordados devido a saber Esperanto e a falar Esperanto”.

Não deixa de ser intrigante que uma língua proscrita pelo Ministério da Educação Nacional tenha, em 1952, sido objecto de acolhimento pelo Secretariado Nacional de Informação, que assentiu a mediar um apelo esperantista junto da NATO. Assim, a circular n.º 2 de 1952 da Associação Portuguesa de Esperanto (em organização) informa que aquele organismo estatal aceita distribuir aos membros da NATO uma carta sobre o Esperanto, redigida em Português, Inglês, Francês e Alemão, que a APE elaborou em colaboração com a UEA e a Federação Sueca de Esperanto. Lê-se na referida circular: “O «Secretariado Nacional de Informação» (SNI), o organismo do Estado, que tão gentil e inteligentemente auxiliou o nosso movimento, sem dívida merece uma manifestação agradecida de todo o mundo esperantista”<sup>310</sup>.

Mas, a vigilância era uma realidade, e era de facto essa a mensagem constante do despacho de 12 de Abril de 1951, alertando para a necessária e justificada atenção sobre esperantistas e publicações considerados suspeitos de colidirem com o interesse nacional. Foi o que sentiram os esperantistas: “Autorizada a propaganda em Portugal, por despacho (...) do Ministro do Interior (...) o nosso movimento tornou-se simplesmente tolerado”<sup>311</sup>. O entrevistado M.P. fala da sua experiência pessoal, inicialmente suspeitando de que era objecto de vigilância, e mais tarde, tendo tido a certeza:

Então lá [nos clubes de campismo] é que se faziam as reuniões, mas, o governo desconfiava sempre dos campistas. E todos os membros da direcção - eu pertencia à direcção do Clube de Campismo Estrela - quando eram eleitos, tinham que assinar uma declaração que ia para o Governo Civil, em como repudiavam o comunismo, e não sei que mais. Foi uma forma que eles arranjam e nós tínhamos que escrever aquilo naquela declaração. Mas mesmo assim eles continuavam a espiar-nos. Eu desconfiava, não tinha a certeza (...) Pois, então nessas reuniões de campismo é que nós trocávamos impressões, era quase uma espécie de reunião. Às vezes falava-se em política, mas sempre com cuidado, porque nunca se sabia se entre aqueles estava lá algum.

M.P. tinha muitos correspondentes, e alguma dessa correspondência chegava às suas mãos com inequívocos sinais de violação. Quando mudou de residência com a família de Lisboa para Leiria alguns episódios levaram-no a concluir que era de facto vigiado: não só a polícia questionou o seu paradeiro junto de uma familiar em Lisboa, como em Leiria, nas duas moradas em que residiu, foi procurado por pessoas a pretexto de solicitarem os seus serviços de marcenaria, que nunca mais voltaram: “O que eles queriam era verificar se eu de facto morava ali, que era para se houvesse algum problema, sabiam onde é que haviam de me ir buscar. (...) [Mas] eu não me metia em coisas...”.

---

<sup>310</sup> Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados: “Portugala Esperanto-Asocio (em organização). Circular n.º 2/52”.

<sup>311</sup> “Associação Portuguesa de Esperanto - 1.ª Circular. Lisboa, 30 de Maio de 1972. A Comissão Organizadora”. Documento constante da Caixa de Documentos de Adolfo Nunes, do Arquivo da A.P.E.

Também em Leiria, ao reencontrar um antigo companheiro das reuniões no Café Martinho, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, M.P. se deparou com uma situação que, excedendo a vigilância política, chegava à ameaça:

Ele foi colocado em Leiria, e uma noite eu fui até ao Café e dou de caras com ele, com a estrelinha do Esperanto na lapela. Cumprimento-o em Esperanto e ele respondeu-me em Português, mas com muito má cara. Eu não gostei. (...) Só depois, passados uns dias (...) é que ele me explicou. Ele morava mesmo à saída de Leiria, (...) havia ali um conjunto de residências, e [ele] tinha que sair fora da estrada, por um caminho, para ir para a casa dele. E parece-me que algumas vezes havia quem o fosse lá esperar e o ameaçasse ... por questões políticas. E ele pensou que eu que era um desses...Mas continuei a falar com ele depois, mas nunca em Esperanto, sempre em Português.

Os esperantistas suspeitos por questões políticas eram continuamente vigiados. Manuel Firmo, o esperantista do Barreiro que esteve detido até 1945 no campo de concentração do Tarrafal<sup>312</sup>, estava na década de 1950 em Angola, onde foi aconselhado pela polícia a fechar o curso de Esperanto que ali tinha entretanto criado. Foi cerca de 1958 em Nova Lisboa, segundo o entrevistado L.D., que foi aluno de Manuel Firmo nesse curso.

A circulação de correspondência pelo correio era, não surpreendentemente, alvo de censura. Em 1964, José Antunes contacta a administração central dos C.T.T., pelo motivo de falta de recepção de revistas em Esperanto remetidas do estrangeiro. Aquela administração escreve-lhe justificando aquela falta: “Sobre o assunto, apresso-me a esclarecê-lo de que está superiormente proibida a circulação de tais correspondências pelo correio”<sup>313</sup>. No entanto, outras actividades são toleradas: neste mesmo ano de 1964, há notícia da existência de uma secção esperantista na Livraria Portugal em Lisboa<sup>314</sup>; e até 1966 existiu um grupo esperantista na Casa da Madeira em Lisboa<sup>315</sup>.

A relação dos esperantistas com a Sociedade de Língua Portuguesa é no final da década de 1960 bastante estreita, e mantém-se assim até à refundação da Associação Portuguesa de Esperanto em 1972. Em 1968 existia naquela Sociedade a Secção de Estudos Esperantistas, dirigida por José Antunes<sup>316</sup>, e os esperantistas, ainda sem sede própria, ali se encontravam para reuniões e palestras, nomeadamente as de Alves de Moura em Maio de 1969 e de Janeiro de 1971, e a de Adolfo Nunes em

---

<sup>312</sup> Cf. neste texto ponto 3.3, nota 228.

<sup>313</sup> Carta de 3 de Abril de 1964 da Administração Central dos C.T.T. Portugal, dirigida a José Antunes. Documento constante da Pasta “Korespondaĵoj jaroj 50 kaj 60”, do Arquivo da A.P.E.

<sup>314</sup> Cópia de carta enviada a Alberto Koenig, para S. Filipe - Fogo, em Cabo Verde, a 29 de Agosto de 1964. Documento constante da Pasta “Korespondaĵoj jaroj 50 kaj 60”, do Arquivo da A.P.E. Supõe-se que a carta tenha sido enviada por José Antunes, na altura o correspondente dos Amigos do Esperanto.

<sup>315</sup> Cópia de carta de José Antunes datada de 5 de Maio de 1967, dirigida à Sociedade de Língua Portuguesa, que deveria receber nas suas instalações a biblioteca do grupo esperantista da Casa da Madeira, extinto no ano anterior. Documento constante da Pasta “Korespondaĵoj jaroj 50 kaj 60”, do Arquivo da A.P.E.

<sup>316</sup> “Associação Portuguesa de Esperanto - 1.ª Circular. Lisboa, 30 de Abril de 1972. A Comissão Organizadora”. Documento constante da Caixa de documentos de Adolfo Nunes, do Arquivo da A.P.E.

Abril de 1971<sup>317</sup>. Também a comemoração do nascimento de Zamenhof relativa ao ano de 1969 teve como convidado de honra Francisco José Veloso, o presidente daquela referida Sociedade<sup>318</sup>.

Quando em 13 de Outubro de 1972 são finalmente homologados pela Inspeção Geral do Ensino Particular os estatutos da Associação Portuguesa de Esperanto<sup>319</sup>, cuja aprovação foi concedida em 15 de Março por diploma do Ministério da Educação Nacional<sup>320</sup>, o ensino do Esperanto é retomado na Sociedade de Língua Portuguesa<sup>321</sup>. No centro de ensino de línguas CIAL já tinha sido permitido desde Dezembro de 1971, sendo leccionado pelo seu Director, Correia Coimbra<sup>322</sup>. A 10 de Maio são eleitos, na sede da Sociedade de Língua Portuguesa, os corpos gerentes<sup>323</sup>: na Direcção, o presidente é Alves de Moura, o vice-presidente é Adolfo Nunes, os 1.º e 2.º secretários são respectivamente Olga Marques de Almeida e Jaime de Matos Correia; o Conselho Técnico é constituído por José Bigotte de Almeida, António Correia Coimbra e José Antunes.

Segundo o entrevistado A.A. as pessoas directamente envolvidas nesta aprovação final dos estatutos da Associação foram Adolfo Nunes, José Antunes, o comodoro Carlos Henrique; o entrevistado E.C. refere Alberto Pedro da Silva, o engenheiro Franco Simões e Eduardo Alves de Moura. A promoção paralela das línguas Esperanto e Português compõe o duplo objectivo estatutário da APE: “promover o ensino e a divulgação da língua universal Esperanto, como segunda língua de cada indivíduo, destinada aos contactos e bom entendimento entre os povos de idiomas diferentes” e “promover o estudo, desenvolvimento e expansão da língua nacional, o Português, como elemento essencial da cultura em Portugal e Brasil, e a sua divulgação no estrangeiro através do Esperanto e dos círculos esperantistas”<sup>324</sup>.

Em Julho de 1972, a 4.ª circular enviada aos esperantistas pela comissão organizadora da Associação informa que constavam dos ficheiros endereços de 362 esperantistas ou simpatizantes com

---

<sup>317</sup> As palestras de Alves de Moura constam do catálogo geral da B.N. A referência da conferência de Adolfo Nunes foi noticiada em *Correio do Minho*, 16 de Abril de 1971. O entrevistado A.A. confirmou que a sede da Sociedade de Língua Portuguesa acolhia os esperantistas antes da Associação Portuguesa de Esperanto ter a sua sede própria.

<sup>318</sup> “O Esperanto através do Mundo”, rubrica de Virgílio Portela, *República*, 4 de Janeiro de 1970.

<sup>319</sup> *Época*, 23 de Outubro de 1972.

<sup>320</sup> “Associação Portuguesa de Esperanto - 1.ª Circular. Lisboa, 30 de Abril de 1972. A Comissão Organizadora”. Documento constante da Caixa de documentos de Adolfo Nunes, do Arquivo da A.P.E.; *A Capital*, 11 Maio de 1972.

<sup>321</sup> “Associação Portuguesa de Esperanto (em organização) – 5.ª Circular. Lisboa, 11 de Outubro de 1972”. Documento constante da Caixa de documentos de Adolfo Nunes, do Arquivo da A.P.E.

<sup>322</sup> *República* de 2 de Dezembro de 1971; “Associação Portuguesa de Esperanto – 1.ª Circular. Lisboa, 30 de Abril de 1972. A Comissão Organizadora”. Documento constante da Caixa de documentos de Adolfo Nunes, do Arquivo da A.P.E.

<sup>323</sup> *Diário de Notícias*, 27 de Junho de 1972; *A Capital*, 11 de Maio de 1972.

<sup>324</sup> *Diário de Notícias*, 27 de Junho de 1972.

o movimento, distribuídos do seguinte modo: 120 em Lisboa, 203 em 76 outras localidades do Continente, 19 na Madeira e nos Açores, 18 no Ultramar Português e 2 no estrangeiro. Sobre o número de esperantistas existentes aquando da refundação da Associação Portuguesa de Esperanto, diz o entrevistado A.A.:

Então, como os esperantistas conheciam outros esperantistas, por correspondência entraram em contacto uns com os outros para anunciar a formação da Associação. E então começaram a aparecer esperantistas que eu nem conhecia. Nem de nome. E apareceram bastantes do norte - do Porto, de Matosinhos (...) - que eu não conhecia, porque eles não vinham a Lisboa. Raramente aparecia um esperantista de fora de Lisboa naqueles colóquios dos cafés...E depois então começaram a aparecer, e chegou-se à conclusão...eu pelo menos cheguei à conclusão que de facto havia muitos mais esperantistas do que eu imaginava.

Sobre o diminuto número de esperantistas e sua dispersão em Portugal, dizem os entrevistados: “O Esperanto no nosso país tem tido essas perseguições, e é por isso que eu penso que na Europa o país em que há menos esperantistas, é o nosso”<sup>325</sup>; e também:

o Esperanto nasceu justamente na diáspora...é curioso...é que nasceu na diáspora! Um aqui, outro ali, outro ali...em várias partes do mundo, as pessoas começaram a interessar-se, segundo a história do Esperanto que nos é contada (...) Em Portugal aconteceu o mesmo (...) Enfim, é uma grande dispersão de esperantistas, que é muito difícil reunir<sup>326</sup>.

Assim, dois anos apenas antes da implantação da democracia ressurgiu na legalidade a prática esperantista, pela refundação da Associação Portuguesa de Esperanto. Foi um longo caminho, cujo ponto de chegada pôde ainda ser vivido pelos pioneiros Adolfo Nunes e Luzo Bemaldo. Saldanha Carreira falecera em 1970. A 1.ª circular enviada aos esperantistas pela comissão organizadora da Associação, datada de 30 de Abril de 1972, dá conta dos sentimentos de Luzo Bemaldo sobre a situação favorável que finalmente o regime português concedeu ao Esperanto: “Luzo Bemaldo, eminente decano dos pioneiros portugueses, em carta que há dias recebemos, rejubila: «...mi kvazaŭ sentis reviviĝon de l’arda fervoro en la neforgeseblaj horoj de la pasinta “ora epoko” de Esperanto en nia lando. Ŝajnas eĉ, ke mi denove estis la esperplena kaj revema junulo de tiu tempo»”<sup>327</sup>. Traduz-se esta frase da seguinte maneira: “Como que senti reavivar-se o ardor das inesquecíveis horas da antiga *época de ouro* do Esperanto no nosso país. Afigura-se-me até novamente a juventude, plena de esperança e de sonho, daquele tempo”.

---

<sup>325</sup> Depoimento do entrevistado L.D.

<sup>326</sup> Depoimento do entrevistado E.C.

<sup>327</sup> Arquivo APE, Caixa de documentos de Adolfo Nunes, "Associação Portuguesa de Esperanto – 1.ª Circular. Lisboa, 30 de Abril de 1972".

## Objectos expositivos para o período de 1951 a 1972



3.4.1. Grupo de esperantistas na homenagem a Saldanha Carreira, Lisboa, 1952. Fila inferior, a partir da esquerda: Henrique Ferreira da Silva; Adolfo A. Nunes; Saldanha Carreira; José Antunes; Comandante Carlos Henrique. Fila superior, a partir da esquerda: Arlindo Lino; Adolfo Trémouille; Artur Ferreira Alves; António da Costa Junior; João Pereira Cotovio; José Pires Barreira; Dr. Pedro Maria da Cunha Serra. (Arquivo APE, Pasta “Fotaro”).



3.4.2. Grupo esperantista em passeio, Montes Claros, década de 1950 (Arquivo APE, Pasta “Fotaro”).



3.4.3. Encontro no Hotel Internacional, Lisboa, década de 1950. (Arquivo APE, Pasta “Fotaro”).



3.4.4. Bandeiras de Portugal e Esperanto, com fotografia de Zamenhof ao centro, década de 1950. (Arquivo APE, Pasta "Fotaro").



3.4.5. Exposição esperantista no Funchal, 1958. (Arquivo APE, Pasta "Fotaro").



3.4.6. Exposição esperantista na Biblioteca Municipal em Coimbra, 1959. (Arquivo APE, Pasta "Fotaro").



3.4.7. Visita a Portugal de esperantista japonês, Casa da Madeira, Lisboa, 1959. (Arquivo APE, Pasta “Fotaro”).



3.4.8. Bilhete-postal enviado a Maria de Deus Antunes, Lisboa, Fevereiro de 1959. (Arquivo APE, Pasta “Korespondaĵo jaroj 50 kaj 60”. Fotografia da autora, Outubro de 2012)



3.4.9. Convite para encontro programado pelo Ekskursia Grupo «La Verda Familio», *sem data*. (Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho de 2012)



3.4.10. Cartaz, 16.º Congresso Espanhol de Esperanto, Gijon, 1955.



3.4.11. Cartaz, 20.º Congresso Espanhol de Esperanto, Málaga, 1959.



3.4.12. Cartaz, 34.ª Feira, Barcelona, 1966.

(Cartazes provenientes do Arquivo APE, Caixa objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho de 2012).





3.4.13. Postal de Natal com retrato de Zamenhof, gravura de Manuel Cabanas, edição do grupo «La Vekiĝo», Barreiro. (Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho de 2012).



3.4.14. e 3.4.15. Retrato emoldurado de Zamenhof. Entalhamento de Leonel Cruz, retrato proveniente de Ĉina Esperanto-Ligo. Pormenor do entalhamento. (Exposto na sede da APE, Lisboa. Fotografia da autora, Julho de 2012).



3.4.16. e 3.4.17. Emblemas esperantistas. Em pormenor: Emblema esperantista de A.S. Almeida adquirido em 1947 e anel de Olga Marques adquirido em 1974. (Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho 2012).



3.4.18. Carimbo com hino «La Vekiŝo» e postal carimbado com hino e soneto de Luzo Bemaldo. (Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho 2012).



3.4.19. Carimbo «La Lingvo» [A Língua]. (Arquivo APE. Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho 2012).



3.4.20. Círculos em cortiça com fonética do Esperanto. (Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho 2012).



3.4.21. e 3.4.22. Calendário de divulgação de sabonete “Esperanto”, distribuído por A. Ribeiro da Cruz. No verso, calendário de 1958. (Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Outubro 2012).



3.4.23. e 3.4.24. Álbum de selos de Esperanto (pormenores de duas folhas).  
(Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho 2012).

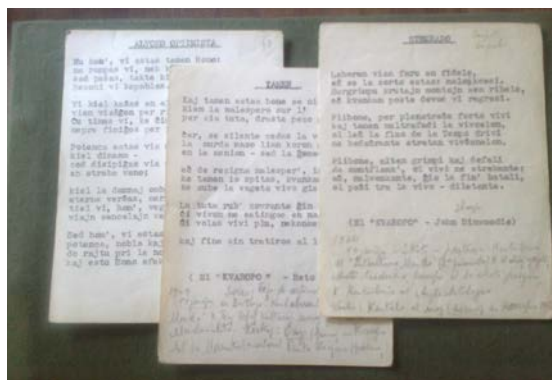
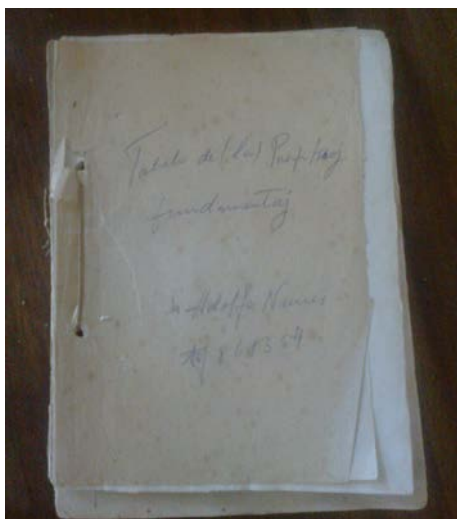


3.4.25. Caderneta de selos de Esperanto, edição «Nova Sento».(Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho de 2012)

3.4.26. Folha de selos “O Esperanto serve a todos”.  
(Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho de 2012).



3.4.27. Documento do «La Ĉekbanko Esperantista» [Banco Esperantista], com assinatura de Saldanha Carreira.  
(Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados. Fotografia da autora, Julho 2012).



3.4.28. e 3.4.29. Manuscrito [Tabela de prefixos fundamentais] e poemas traduzidos, por Adolfo Nunes. (Arquivo APE, Caixa de documentos de Adolfo Nunes. Fotografia da autora, Julho 2012).



3.4.30. Cassete com o registo de uma sessão esperantista, c.1950: “Karaj vochoj de karaj samideanoj” [Caras vozes de caros *samideanos*. Apresentação de Manuel de Freitas; “La Espero” por coro japonês; “La Espero” pelo poeta espanhol Vilá; “La Vojo” (fragmento), por Vilá]. (Arquivo APE. Fotografia da autora, Outubro de 2012).



3.4.31. e 3.4.32. Bandeiras esperantistas, *sem data*. (Arquivo APE. Fotografia da autora, Outubro de 2012).

#### 4. CONCLUSÕES

Reservamos este capítulo final para a discussão das três hipóteses de trabalho definidas como objectivo desta investigação. A primeira pretendia identificar as condições de afirmação do esperantismo bem como as características do percurso deste movimento em Portugal. As outras duas pretendiam verificar no caso português a existência de tensões fundamentais identificadas no movimento internacional. De seguida, apresentar-se-á uma sinopse do percurso do esperantismo nas oito décadas compreendidas entre 1892 e 1972, pontuada pela discussão das duas hipóteses relativas à comparação que se pretende cumprir.

O fenómeno esperantista inicia-se em Portugal a partir de 1892 com a publicação de livros de estudo e subscrições da primeira publicação periódica *La Esperantisto* criada em 1889. Não se conhecendo a origem geográfica destes subscritores, constatou-se que o movimento se organizou em dois centros - Porto e Lisboa - na primeira década e meia do século XX, inicialmente com ligações ao movimento protestante. Os esperantistas de ambas as cidades mantinham-se em contacto e estabeleceram alguma colaboração até ao período em que ocorreu a 1.ª Guerra Mundial.

O ensino do Esperanto inicia-se em Lisboa em 1907 na União Cristã da Mocidade, e em 1908 são formalmente criados o Lisabona Esperantista Grupo e o Porto Esperantista Grupo. O grupo de Lisboa inicia uma divulgação sistemática, com conferências, cursos e publicação regular de notícias na imprensa. Os nomes a destacar são Eduardo António dos Santos e Bernardino Martins d'Almeida, ou Luzo Bemaldo, como passará a ser conhecido nos meios esperantistas. No Porto, José Augusto Proença é responsável pela publicação de um manual de estudo e pelo primeiro periódico esperantista português, o *Portugala Revuo*, criado em 1909. Até ao fim desta primeira década são criados grupos na Madeira e em Coimbra e cerca de 1912 surgem adeptos em várias zonas do grande Porto, Braga, Viseu, Guarda, Óbidos, Portalegre e Évora.

O Esperanto será ensinado em Lisboa, nesta fase inicial, essencialmente no universo comercial - na Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, na Tuna Comercial, no Ateneu Comercial e na Associação de Empregados de Escritório. Estende-se depois ao meio turístico na Sociedade Propaganda de Portugal e, com o intuito de acolhimento habilitado dos estrangeiros em Lisboa, na polícia civil. É igualmente ensinado no Liceu Passos Manuel em 1912 e na Universidade Livre em 1916. Não surpreendentemente, em 1914 são apresentadas duas teses sobre o Esperanto no 1.º Congresso das Associações Comerciais e Industriais.

Em 1913 é criada no Porto a primeira associação nacional, a Portugala Esperanto-Asocio, que congrega representantes de várias zonas do país, nomeadamente de Lisboa, do Porto, de Coimbra e de Évora. Em Lisboa é criada um ano depois a agremiação Lisabona Esperantista Societo, com sede na Associação dos Lojistas, e animada por uma grande acção de divulgação do Esperanto, onde pontuam,

para além dos já indicados, os nomes de Saldanha Carreira, Adolfo Nunes e Acácio Lobo. Estas duas associações não continuaram activas após a 1.ª Guerra Mundial.

Durante o período da 1.ª Guerra Mundial, a Lisabona Esperantista Societo oferece os serviços do Esperanto à Cruz Vermelha e nos meios militares. O cariz intrinsecamente pacifista do esperantismo, uma vez que se assume politicamente neutral, é naturalmente exaltado neste contexto. Aliás, a neutralidade do esperantismo tinha já sido assumida aquando da implantação da República em 1910. Esta visão humanista e pacifista coexiste com uma visão utilitarista que, como se viu, está direccionada para o comércio e o turismo - e também o *sport* -, enquanto dimensões importantes das relações internacionais. Haverá, nesta fase inicial do movimento português ecos das controvérsias que no início do movimento internacional colocaram Zamenhof e os seus seguidores mais próximos em colisão com os esperantistas mais progressistas? Recorde-se que esta oposição se operou entre duas perspectivas divergentes<sup>328</sup>: a visão ancorada na *interna ideo*, de valores pacificadores e de comunhão humana, baseada numa relação afectiva com a figura de Zamenhof por um lado, e uma concepção utilitária do Esperanto tido como “apenas uma língua”, por outro lado, visando a sua racionalização e inspirada em pressupostos positivistas<sup>329</sup>. Uma tensão similar, opondo uma visão zamenhofiana a uma visão utilitarista não parece ter-se replicado no movimento português nesta fase: os pioneiros portugueses lograram conceber uma utilização racional da língua aplicada aos seus ideais progressistas; todavia, o esperantismo incorpora uma concepção de progresso que tem subjacentes ideais de construção civilizacional em harmonia com o intuito da união fraternal e igualitária dos povos. Assim, Luzo Bemaldo afirmará:

O Esperanto, como língua, nada mais é do que o instrumento de acção de uma ideia superior - o Esperantismo; êste, como tal, é que empresta ao Esperanto-língua a fôrça oculta que lhe imprime beleza moral, lhe garante a vitalidade necessária para triunfar no meio da dissolução da época (...) Mais do que uma língua, o Esperanto é uma Ideia!<sup>330</sup>.

Em 1925 os esperantistas pioneiros de Lisboa criam a Associação Portuguesa de Esperanto, que tem como órgão a revista *Portugal-Esperanto*, e que se assume religiosa e politicamente neutral. A orientação é ainda comercial e turística, enquadrada na apologia da cultura e literatura nacionais e no progresso da nação, a par com o desenvolvimento mundial global.

---

<sup>328</sup> Forster socorre-se dos conceitos potencialmente conflituais de norma e de valor para categorizar as duas tendências em questão, respectivamente, a utilitária e aquela que deriva da *interna ideo* (Forster, 1982).

<sup>329</sup> Como ficou descrito na parte 2 do capítulo 2, aquelas divergências foram observadas em dois momentos: o primeiro em 1905, quando no I congresso os esperantistas franceses discordaram da evocação mística no discurso de Zamenhof a propósito do papel do Esperanto na união dos povos; e depois em 1907, quando se dá a “cisão do Ido”, que opôs os seguidores de Zamenhof aos proponentes de alterações linguísticas ao Esperanto com o objectivo de o tornar mais racional.

<sup>330</sup> Cf. “O dia do Esperanto. A obra do Mestre”, *Portugal-Esperanto*, n.º 1, Ano 1, Janeiro de 1926:8-9.

Paralelamente e em coincidência temporal com o início da 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial, surge no universo operário o interesse pelo Esperanto. Discutido inicialmente nos congressos operários de 1914 e 1919, e nos congressos anarquistas de 1914, de 1923 e de 1925, surge primeiro como instrumento potencial e desejável de comunicação internacional, e depois simultaneamente como meio e fim de uma sociedade igualitária, construção assente na internacionalização da justiça social e do progresso. Esta é uma nova vertente do movimento, essencialmente politizada, e portanto afastada da concepção neutral do Esperanto. Trata-se de uma apropriação dos princípios de fraternidade esperantistas pelo movimento operário e em muitos casos, politizando-os, e aglutinando-os aos ideais subjacentes ao socialismo. Deste modo, também os operários vivem o esperantismo não apenas como uma língua que sirva as necessidades de comunicação internacional, mas também como uma ideologia, enformada por crenças, práticas e valores de internacionalização societal.

Em 1920 alguns grupos de esperantistas operários de Lisboa e um grupo do Porto criam a Federação de Esperantistas Operários. A Antaûen, sociedade também operária, é criada neste mesmo ano. Não só começam a encontrar-se portugueses entre os membros da SAT (em 1923 são 24 membros e em 1931 são 26), como outros órgãos - um comunista (*Komunist-Esperantisto*) e um anarquista (*La Vero*) - são criados em 1921 e em 1922 respectivamente. É esta uma época política e socialmente conturbada e há em 1920 notícia de prisão de esperantistas da sociedade operária Antaûen. Novas prisões de esperantistas desta sociedade ocorrerão em 1930 e em 1936.

A partir de 1931 o grande crescimento do movimento deve-se sobretudo à criação de inúmeros grupos operários não só em Lisboa, mas também no Barreiro, em Vila Franca de Xira, e no grande Porto. Em Lisboa transmitem-se programas esperantistas na Emissora Nacional. Também em 1931 é criada em Lisboa a Liga dos Esperantistas Ocidentais, operária, mas apresentando no seu órgão de imprensa conteúdos e contributos não exclusivamente provenientes do operariado; a mesma orientação plural é seguida pelo jornal *LESPA* do Barreiro. Surgem nesta fase os nomes fundamentais de Costa Júnior, Álvaro Pontes, Adolfo Trémouille, José Antunes, Manuel Firmo e João Azevedo do Carmo.

Nos primeiros anos da década de 1930 o turismo mantém-se objecto de interesse da expansão esperantista - pela criação em 1933 de uma secção na Sociedade Propaganda de Portugal, pela participação no Congresso Nacional do Turismo em 1935, e pela realização de um novo curso na polícia. O comércio continua contemplado, com ensino do Esperanto em várias escolas comerciais. Como entender esta ligação dos esperantistas ao turismo? A Sociedade Propaganda de Portugal foi a personificação da iniciativa da promoção interna e externa do turismo nacional, num projecto conjunto de monárquicos, republicanos, católicos, maçons e jornalistas concretizado em 1906 com o intuito patriótico de valorização do país<sup>331</sup>. Veio a aliar-se-lhe o regime republicano, responsável pela criação

---

<sup>331</sup> Cunha, 2010:131. O artigo 1.º dos estatutos desta Sociedade afirma os seus principais desígnios: “tendo por fim promover, pela sua acção própria, pela intervenção junto dos poderes públicos e administrações locais, pela colaboração com estes e com todas as forças vivas da nação, e pelas relações internacionais que possa

das primeiras instituições públicas de turismo e por medidas legislativas efectivas para a promoção da actividade turística no país<sup>332</sup>. Deixando de ser uma prática exclusiva das elites, o turismo começava no início do século a ser olhado como indústria lucrativa, potencial gerador de receitas económicas, e não tardará a tornar-se “símbolo de progresso e de internacionalização”<sup>333</sup>. Na década de 1930 o novo regime verá, na prática turística e na sua promoção, um aliado no processo de construção de uma representação idealizada da nação<sup>334</sup>. As dimensões dominantes da internacionalização e do progresso constitutivas do turismo nesta altura, a par com a relação directa que também detém com o mundo do comércio, já então próximo da acção esperantista, serão as razões pelas quais os esperantistas sentirão identificação e uma determinação de se aliar à causa turística - tendo encontrado nas primeiras décadas do século, nas várias conjunturas políticas e sociais, os necessários aliados.

A convivência dos esperantistas pioneiros com os que se organizam no meio operário parece ter-se operado numa fácil aceitação recíproca, embora não se possa dizer, pelo menos nesta fase, que tenha sido fusional. Na edição de 1934 da *Chave do Esperanto*, da responsabilidade de Saldanha Carreira, dá-se uma panorâmica do movimento nacional, sublinhando a extensão do ensino do Esperanto à Sociedade Propaganda de Portugal, à Polícia, às escolas comerciais, e ainda a presença na radiofonia, acrescentando no final: “É justa uma referência á acção dos elementos operários, sempre incansáveis na sua propaganda”. Julgamos que se trata aqui, da parte dos primeiros esperantistas, da salvaguarda da sua aceção politicamente neutral do esperantismo, numa altura em que o operariado estava conotado com uma apropriação não neutral do Esperanto - é esta uma das hipóteses de trabalho em discussão, que adiante retomaremos.

Em 1936 cria-se o periódico *Portugala Esperantisto*, pela iniciativa de várias sociedades operárias de Lisboa, e realizam-se várias actividades conjuntas - que envolvem os esperantistas do Barreiro também -, como sessões esperantistas nas respectivas sedes, passeios e concursos. Todavia, assinalam-se desentendimentos entre as sociedades operárias, cujas causas não foi possível apurar. Mas ainda nesse ano em que tanta actividade marcou a vida esperantista se fará calar o movimento. Os regimes autoritários desequilibram a Europa, eclode a guerra civil em Espanha, e em Portugal intensifica-se a censura, a vigilância e a repressão de todas as actividades e indivíduos considerados inimigos do regime. O Ministério do Interior opera uma proibição das actividades esperantistas, são presos esperantistas, e de todos os grupos conhecidos apenas a Liga dos Esperantistas Ocidentais continuará a existir pelo menos até ao ano seguinte. Após o final da guerra de Espanha algumas

---

estabelecer, o desenvolvimento intelectual, moral e material do país e, principalmente, esforçar-se por que ele seja visitado e amado por nacionais e estrangeiros” (cit. por Brito, 2010:139).

<sup>332</sup> Vidal, 2012:136.

<sup>333</sup> Vidal, *op.cit.*:135.

<sup>334</sup> Vidal, *op.cit.*:134.



actividades ressurgem, mas a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial vem, em Portugal como a nível internacional, praticamente congelar o esperantismo.

Em 1946 há notícia da existência de vários grupos por todo o país - os grupos de Lisboa são novos, serão os restantes igualmente novos, ou terão logrado manter-se após 1936? Os grupos existentes congregam-se na Liga Portuguesa de Esperanto, que junta “operários e esperantistas neutrais”. Reencontram-se os nomes já reconhecidos, e surgem entre outros, os de Frazão de Faria e Werther Sacramento. Retomam-se cursos, encontros, e ensaia-se a realização da 1.<sup>a</sup> conferência nacional. É feita nos artigos da época uma menção às dificuldades de entendimento entre grupos, depreendendo-se que resultam da distinção, ela mesma assinalada nos referidos artigos, entre um esperantismo neutral e outro não neutral. A distinção entre “operários e esperantistas neutrais” indica que os primeiros assumem um esperantismo politicamente posicionado. O grupo SAT-Rondo de Portugalio parece, neste sentido, constituir-se como elemento de desunião; pelo menos, revela-se indeciso quanto à adesão a uma liga alargada de esperantistas, como se viu pelo facto de voltar atrás na decisão de fusão do seu boletim com o da nova Liga.

Pode neste momento retomar-se a discussão da hipótese de trabalho relativa às tensões verificadas entre o esperantismo neutral e o esperantismo comprometido politicamente, e que no domínio das instituições internacionais e centrais do movimento opuseram UEA e o núcleo do movimento baseado nas associações nacionais à SAT<sup>335</sup>. Pode dizer-se então que, nesta fase do movimento português, as tensões entre neutralidade e não neutralidade políticas se verificam, à semelhança do que ocorreu noutros países, como se viu na parte 2 do capítulo 2.

Em Agosto de 1948 porém o Ministério do Interior confirma a proibição a que tinham sido votados Esperanto e esperantismo e em Outubro do mesmo ano o Ministério da Educação proíbe o ensino da língua. A Liga Portuguesa de Esperanto ainda ensaia uma campanha de esclarecimento com o intuito de afastar as conotações do movimento com os ideais do comunismo, mas no ano seguinte a polícia apreende os seus livros e haveres.

Em 1951 instala-se uma situação dúbia. O Ministério do Interior levanta a proibição - salvaguardando o facto de se efectuar vigilância sobre actividades suspeitas de atentar contra o regime -, mas esta decisão não é secundada pelo Ministério da Educação Nacional. Sem estatutos aprovados, a Associação Portuguesa de Esperanto não passa de um projecto adiado. A actividade é mantida na medida do possível, com um grupo de encontro para aprendizagem da língua, passeios e encontros, e um órgão de orientação cultural redigido em Esperanto, o *Nia Stelo*. Contudo, os esperantistas suspeitos são vigiados, ameaçados e até forçados a renunciar ao ensino do Esperanto, como aconteceu com Manuel Firmo em Angola no final da década de 1950. Decorre assim um período de longa e,

---

<sup>335</sup> A tensão também despoletada pela SAT entre supra-nacionalidade (ou anacionalidade) e uma filiação nacional dos esperantistas não é passível de discussão aqui, pois respeita mais concretamente ao domínio das relações institucionais dos organismos internacionais do movimento.

nalguns casos, muito difícil convivência com este sistema político que teve relativamente ao esperantismo uma atitude de perseguição dos seus membros politizados e tolerância vigilante e cautelosa com os restantes. Os nomes relevantes do esperantismo nesta altura são todos aqueles que se encontram ligados à publicação mensal *Nia Stelo*. Nesta fase os pioneiros e os operários parecem estar integrados, comungando numa mesma tentativa de fazer vingar o movimento - é pelo menos essa a informação que nos chega, a propósito dos encontros realizados na década de 1950<sup>336</sup>. Poderá depreender-se, e será natural até, que nem todos os operários imprimam ao esperantismo as suas eventuais convicções políticas, e que a distinção que surge dentro do próprio movimento entre “neutrais e operários” não seja a mais fidedigna. Ou serão, porventura usados intencionalmente estes termos, talvez um pouco difusos ao olhar exterior ao movimento, uma vez que se vivia sob um regime de censura da imprensa. É necessário salvaguardar também que ao falar-se aqui de operariado não se pretende assumir que se trata de uma categoria homogénea de actores sociais; o operariado foi uma realidade complexa e plural, que não é aqui devidamente enquadrada por não ser possível explorar essa dimensão no âmbito desta dissertação.

Na década de 1960 a Sociedade de Língua Portuguesa é aliada dos esperantistas, albergando uma secção de estudos esperantistas na sua sede, e permitindo também a realização de encontros e palestras. É lá que os esperantistas encontram apoio até 1972, finalmente, aquando da aguardada resposta favorável da parte do Ministério da Educação Nacional.

Ficam assim resumidas as etapas fundamentais do movimento esperantista português até 1972, que dão conta das condições em que se afirmou, apesar dos obstáculos que se lhe depararam. Em Portugal pode dizer-se que se verifica no percurso do esperantismo, no período em análise, uma homologia relativamente ao movimento internacional quanto aos grandes marcos que o caracterizam. No período até à 1.ª Guerra Mundial, a língua internacional discute-se no âmbito das relações internacionais e do progresso, e naturalmente no das questões da paz internacional. Depois da 1.ª Guerra, o surgimento da organização internacional de trabalhadores, a SAT, tem certamente reflexos no meio operário nacional, e é a partir deste período que uma outra forma de viver o esperantismo surge em Portugal. Por altura de meados da década de 1930, à semelhança de outros países que

---

<sup>336</sup> A homenagem que em 1952 se prestou a Saldanha Carreira foi marcada pela presença representativa de esperantistas de origens várias, como ficou documentado numa fotografia de grupo tirada nessa ocasião. Entre outros, encontravam-se esperantistas associados ao posicionamento neutral (Adolfo Nunes, Comodoro Carlos Henrique), esperantistas com ligação mais directa ao mundo operário (José Antunes, António da Costa Júnior, Adolfo Trémouille), como também a presença de um esperantista comunista que era, pelo menos no final da década de 1920, membro do conselho internacional da SAT (José Pires Barreira), como ficou dito na parte 2 do capítulo 3 (cf. fotografia de ilustração do artigo “Honoro al Meritplena Pioniro. Festeno en Lisbono je la honoro de s-ro Saldanha Carreira, eminenta portugala pioniro de mondlingvo kaj mondpacko” em *La praktiko*, número de Janeiro e Fevereiro de 1953:18).

viveram experiências políticas totalitárias, também em Portugal o movimento sofreu com a ditadura implantada, regime que só nas vésperas da revolução de Abril levantaria completamente as interdições impostas ao esperantismo.

Uma tendência encontrada no movimento português foi a fraca longevidade das associações ou grupos e seus órgãos de comunicação. Se a primeira Associação criada em 1913 tal como a Lisabona Esperantista Societo não lograram sobreviver à 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial, também em 1920 a Portugala Laborista Esperanto-Federacio e em 1926 a Associação Portuguesa de Esperanto não sobreviveram muito tempo. A explicação encontrar-se-á quase sem exceção em condicionamentos externos, designadamente as convulsões das 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Guerras Mundiais e mais tarde a adversidade política durante o regime do Estado Novo - recorde-se que, imediatamente antes da proibição de 1936, os esperantistas de Lisboa discutem a possibilidade de constituição de uma comissão de relação entre os grupos, uma vez que uma liga ou associação “nos dias que atravessamos (...) [não] seria viável ou mesmo aconselhável”<sup>337</sup>. Mas, haverá também certamente factores internos ao movimento, como os apontados por esperantistas em alguns artigos citados: *i.e.*, a existência, em certos momentos, de um reduzido número de esperantistas, facto que tem necessárias implicações também na longevidade dos órgãos de comunicação existentes. Ainda quanto à mencionada discussão travada em 1936, sobre a unificação dos grupos, fala-se de desarticulação e até de animosidade entre as sociedades operárias; poderão as causas radicar numa de duas situações: ou a simples oposição entre neutralidade e comprometimento político, ou, assumida uma aceção não neutral, divergências de orientação política. Mais tarde, em 1946, faz-se a apologia da superação de divergências entre esperantistas neutrais e operários - supondo-se estes orientados politicamente.

O que se afigura claro é um maior peso da visão neutral do esperantismo dentro do movimento, que parece encerrar uma certa contradição: uma língua destinada a ser utilizada por todos, sem distinção apriorística de género, origem social ou étnica, ou convicções e confissões, soube conviver com aqueles que pretenderam usar o Esperanto no seio das suas convicções particulares, nomeadamente políticas? Será esta uma tensão intrínseca, e latente no movimento esperantista, que de imediato se revelou com as oposições iniciais ao próprio Zamenhof? Já em tempos de vida democrática implantada em Portugal, e portanto passada já a perseguição política do Estado Novo, esta questão volta a ser discutida: no final do 4.<sup>o</sup> Encontro Esperantista ocorrido em 1976, um participante “começou a trombetear cantos políticos, seguido de muitos presentes que cantavam e levantavam os punhos fechados”. Prossegue o autor destas linhas, Manuel de Freitas:

Será desta forma que conquistaremos o mundo para o Esperanto? Está bem que cada grupo político tenha o seu Clube Esperantista com ensino de Esperanto, eu mesmo ensinaria alguém que quisesse aprender, mas misturar a política com Esperantismo, à escala mundial, é erro crasso. Criou Zamenhof a sua língua internacional para uma definida e especial fracção da humanidade ou para toda a

---

<sup>337</sup> Cf. excerto transcrito no ponto 2 do capítulo 3, proveniente de *Portugala Esperantisto*, n.º 2, Ano 1, Fevereiro de 1936:9.

humanidade? Evidentemente, ele criou o Esperanto para todos que queiram utilizá-lo. E nós não devemos querer ser mais Zamenhof do que o próprio Zamenhof<sup>338</sup>.

É evidente que se pretende que os encontros sejam marcados pela neutralidade, à imagem do que sucede nos congressos internacionais, cuja programação oficial segue obrigatoriamente este critério, permitindo-se todavia, em paralelo, a realização de reuniões organizadas quer por especialistas quer por grupos confessionais<sup>339</sup>.

O âmbito de uma dissertação de mestrado não permite - essencialmente por questões de disponibilidade de tempo, dado que é um trabalho que se deve cumprir num ano lectivo - muitas vezes esgotar todas as pistas encontradas ao longo da investigação. Apesar de julgarmos ter cumprido os objectivos inicialmente definidos, haveria mais a fazer. Assim, um caminho a seguir seria o da consecução de um projecto expositivo. Outra possibilidade seria prosseguir, tendo em atenção as pistas que não foi possível explorar, na procura de dados, nomeadamente:

1. Procurar na imprensa do Porto mais informação para o período temporal de 1908 a 1914, nomeadamente para aferir se o recurso à imprensa terá sido uma estratégia de divulgação das actividades esperantistas, tal como aconteceu com os congéneres de Lisboa.
2. Procurar o rasto das actividades esperantistas em entidades que sabemos terem tido, no período em análise, relação mais ou menos directa com os esperantistas, e analisar os seus arquivos: as Universidades Livres de Lisboa e Porto, a Universidade Popular de Lisboa, associações maçónicas, a Sociedade Promotora da Educação Nacional, a Associação Voz do Operário, o Instituto dos Ferroviários do Barreiro, o Sindicato da Construção Civil e Ofícios Correlativos de Vila Franca de Xira, e a Sociedade de Língua Portuguesa. Procurar outras actividades deste tipo ligadas a outras entidades;
3. Procurar o rasto de grupos como Antaûen, Nova Vojo, La Vero, e outros cuja existência foi referenciada. Será possível encontrar espólios pertencentes a estes grupos? Haverá possibilidade de encontrar, nos casos em que isso sucedeu, objectos e documentação apreendida pela polícia política? Em particular, procurar documentação no Arquivo da PIDE/DGS bem como em arquivos de outros órgãos repressivos;
4. Procurar encontrar as publicações periódicas e boletins que sabemos terem existido, e outras eventualmente realizadas por grupos que existiram;
5. Analisar o conteúdo dos manuais de Esperanto encontrados;
6. Analisar a literatura traduzida para Esperanto e situá-la internacionalmente.

Numa eventual continuação desta investigação faria sentido o alargamento do período temporal contemplado para além do ano de 1972. Assim, a introdução de outras perspectivas de

---

<sup>338</sup> “O 4.º encontro em Lisboa” por Manuel de Freitas, *Revista Portuguesa de Esperanto*, n.º 19, Ano III, Junho de 1976:35-7. Refere-se ainda neste artigo que os esperantistas foram entrevistados pela rádio, imprensa e televisão.

<sup>339</sup> A própria SAT cedo se autonomizou do movimento central, organizando os seus próprios congressos.

análise, nomeadamente a do esperantismo enquanto movimento social e a dos esperantistas enquanto comunidade, seriam certamente férteis para o estudo de tempos mais recentes.

Estas são algumas das pistas possíveis para continuar e aprofundar esta investigação num trabalho de maior fôlego.



## 5. FONTES, BIBLIOGRFIA e WEBGRAFIA

### FONTES

#### Fontes orais

Entrevista com M.P. – Lisboa, 8 de Junho de 2012  
Entrevista com E.C. – Lisboa, 20 de Junho de 2012  
Entrevista com L.D. – Barreiro, 3 de Julho de 2012  
Entrevista com A.O. – Barreiro, 3 de Julho de 2012  
Entrevista com A.A. – Lisboa, 7 de Julho de 2012

#### Fontes Arquivísticas

Arquivo da Associação Portuguesa de Esperanto (por organizar)

Pasta “Eltondaĵoj 1907-1916”  
Pasta “Artikoloj pri Esperanto 1888-1969”  
Pasta “Artikoloj eltonditaj 1970-1979”  
Pasta “Korespondaĵo jaroj 50 kaj 60”  
Pasta “Korespondaĵo jaro 70”  
Pasta “Fotaro”  
Caixa de objectos não catalogados  
Caixa de documentos de Adolfo Nunes  
Caixa de documentos de Saldanha Carreira

Arquivo Histórico-Social, Centro de Estudos Libertários. Biblioteca Nacional

Caixa 87, do Núcleo Educação e Cultura  
Caixa 117, Secção Fotografias do Núcleo Iconográfico e Museográfico  
Caixa 131, Secção Cartazes do Núcleo Iconográfico e Museográfico

Arquivo de História Social. Instituto de Ciências Sociais

Documentos disponibilizados a pedido

#### Publicações Periódicas (por ordem cronológica)

*Portugala Revuo*. Órgão dos Esperantistas Portugueses. Porto, 2ª Série, 1913-1914  
*Laboro*. Monata organo de «Portugala Laborista Esperanto-Federacio». Lisboa, 1920  
*Portugal-Esperanto*. Órgão Oficial da Associação Portuguesa de Esperanto. Lisboa, 1926 (n.ºs 1 a 6, Janeiro a Junho)  
*La Okcidentulo*. Liga dos Esperantistas Ocidentais. Lisboa, Dezembro de 1931 (n.º1)  
*Portugala Esperantisto*. Órgão mensal do Movimento Esperantista Português. Lisboa, 1936 (n.ºs 1 a 8, Janeiro a Agosto)  
*La Unuiĝo*. Organo de Portugala Esperanto-Federacio, Março de 1946  
*Unuiĝo*. Bulteno de la Portugala Esperanto-Movado, 2ª série, Janeiro a Julho de 1947  
*Informilo*. Boletim de Informação da Liga Portuguesa de Esperanto, Abril de 1948 a Abril de 1949

Nia Stelo. Gaja kaj Literaturo. Lisboa, Dezembro de 1955 a Abril de 1960

*Revista Portuguesa de Esperanto*. Associação Portuguesa de Esperanto. Lisboa, 1974-1977

Outras publicações esperantistas (por ordem cronológica)

Cart, Théophile (1907), *Primeiras Lições de Esperanto*, traduzido para Português por A. Caetano Coutinho com permissão do autor, 2ª edição, Paris, Livraria Hachette

Proença, José Augusto (1908), *Dicionario Esperanto-Portuguez. Precedido por um Resumo da Grammatica*, Porto, Almeida e Sá

Lobo, Accacio (1910), *Grammatica Pratica de Esperanto*, Porto, Escola Pratica Commercial Raul Dória

Proença, José Augusto (1911), *Grammatica da Lingua Internacional Auxiliar Esperanto*, 2ª edição, Porto, Francisco Joaquim d'Almeida

Proença, José Augusto (19--), *Curso Elementar de Esperanto sem Mestre: em 10 Lições*, Porto, Typografia Francisco Joaquim d'Almeida

D'Almeida, Bernardino Martins (1914), *O Esperanto no ensino comercial*. Tese apresentada á 8ª secção do 1º Congresso Nacional das Associações Comerciais e Industriais Portuguezas, Lisboa

Carvalho, José (1914), *A lingua "Esperanto" nas relações externas do comercio*. Tese apresentada á 8ª secção do 1º Congresso Nacional das Associações Comerciais e Industriais Portuguezas, Lisboa, pp.1-8

Carreira, Saldanha; Carreira e Silva (1916), *Gramática Aplicada. Esperanto Elementar. 1.ª Edição Á Classe Comercial*, Lisboa, Livraria-Editora Ferreira

Carreira, Saldanha; Luzo Bemaldo (1931), *Curso Elementar de Esperanto*, Lisboa: Parceria António Maria Pereira - Livraria Editora

*Chave do Esperanto*, Associação Universal do Esperanto, 1934 (traduzido por Saldanha Carreira)

Carreira, Saldanha (1934), *A lingua Esperanto no Turismo*. Tese apresentada ao I Congresso Nacional de Turismo V Secção, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia

*Curso Completo de Esperanto*, Portugala Instituto de Esperanto, Lisboa, 1934

Pontes, Álvaro (1936), *Esperanto sem Mestre em oito Lições. Método Popular*, Lisboa, edição de Álvaro Pontes

Júnior, Costa (193-), *Curso Popular de Esperanto em Doze Lições*, Lisboa, Nova Vojo. Sociedade Esperantista Operária

Einstein, L.; L. Unuel (1942), *Esperanto? A Idéia de uma Língua Auxiliar Internacional desde Leibniz até Hoje*, tradução de Saldanha Carreira e Mário de Caíres, Lisboa, Editora Argo

*Chave do Esperanto*, Associação Universal do Esperanto, 1957 (Edição da Liga Brasileira de Esperanto)

Moura, Alves de (1969), *Esperanto. Segunda Língua Materna*. Palestra proferida na sociedade de Língua Portuguesa, em 30 de Maio de 1969, e ADENDA

Moura, Alves de (1971), *As Virtudes do Esperanto*. Palestra proferida na Sociedade de Língua Portuguesa, em 27 de Janeiro de 1971

*Chave do Esperanto*, Associação Universal do Esperanto, 1975 (Edição da delegação da P.E.A. no Porto)

Zamenhof, Ludwik L. (1905), "Discurso de Zamenhof en el primer Congreso Universal de Esperanto, Boulogne-sur-Mer, Francia, del 5 al 13 de Agosto de 1905", Auld, William (1992) [1988], *El Esperanto: Fenómeno de la Comunicación*, Madrid, Esperanto - Liceo de Madrid, pp.107-11

Testemunhos e estudos

Carmo, Isabel; João Azevedo do Carmo (2005), *Eu, Meus Senhores, Amo a Igualdade*, Barreiro, Câmara Municipal do Barreiro

Firmo, Manuel (1975), *Nas Trevas da Longa Noite*, Lisboa, Publicações Europa-América



Marinho, Maria José; António Mota Redol (orgs.) (2000), *Alves Redol. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Lisboa, Caminho

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, João Ferreira de; José Madureira Pinto (1990), *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença
- Anderson, Benedict (2005), "Introduction", *Under Three Flags. Anarchism and the Anti-Colonial Imagination*, London, New York, Verso, pp. 1-8
- Archibugui, Daniele (2005), "The language of democracy: vernacular or Esperanto? A comparison between the multiculturalism and cosmopolitan perspectives", *Political Studies*, vol.53, pp.537-55
- Auld, William (1992), *El Esperanto: Fenómeno de la Comunicación*, Madrid, Esperanto-Liceo de Madrid
- Biblioteca Nacional (1991), *Espólio do Arquivo Histórico-Social*, Lisboa
- Brito, Sérgio Palma (2010), "A institucionalização do turismo", *Viajar - Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da I República*, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, Lisboa, pp.139-146
- Centro de Estudos Libertários (1983), *Catálogo do Arquivo Histórico Social*, Lisboa: A.H.S., nº 1
- Cunha, Licínio (2010), "A República e a afirmação do turismo", *Viajar – Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da I República*, Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, Lisboa, pp.129-138
- Eco, Umberto (1996), *A Procura da Língua Perfeita*, Lisboa, Editorial Presença
- Etzioni, Amitai (2008), "A global, community building language?", *International Studies Perspectives*, 9, pp. 113-127
- Fonseca, Carlos da (sem data), *História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal*. Volume I. Cronologia, Lisboa, Publicações Europa-América
- Forster, Peter G. (1982), *The Esperanto Movement*, The Hague, Mouton
- Freire, João (1988), *Ideologia, Ofício e Práticas Sociais: O Anarquismo e o Operariado em Portugal 1900-1940*, Universidade Técnica de Lisboa, Tese de Doutoramento
- Freire, João (1992), *Anarquistas e Operários. Ideologia, Ofício e Práticas Sociais: O Anarquismo e o Operariado em Portugal, 1900-1940*, Lisboa, Edições Afrontamento
- Gellner, Ernest (1994), "Nationalism and the International Order", Ernest Gellner (1994), *Encounters with Nationalism*, Oxford, Blackwell Publishers, pp.20-33
- Ghiglione, Rodolphe; Benjamim Matalon (2005), *O Inquérito. Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora
- González-Quevedo, Roberto (1997), "Identidad étnica y lengua minorizada", Xaquín Rodríguez Campos (Coord.), *As Línguas e as Identidades. Ensaio de Etnografia e de Interpretación Antropológica*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, pp.221-246
- Ives, Peter (2010), "Cosmopolitanism and global english: language politics in globalisation debates", *Political Studies*, vol.58, pp. 516-535
- Janton, Pierre (1973), *L'Espéranto*, Paris, Presses Universitaires de France
- Kriegel, Annie (1974) [1970], *As Internacionais Operárias*, Amadora, Livraria Bertrand
- Lapenna, Ivo (1974), *Esperanto en Perspektivo. Faktoj kaj Analizoj pri la Internacia Lingvo*, London, Rotterdam, Universala Esperanto Asocio, Centro de Esploro kaj Dokumentado pri la Monda Lingvo-Problemo

- Lins, Ulrich [1988] 1990, *La Danĝera Lingvo. Studo pri la Persekutoj kontraŭ Esperanto*, Eldonejo Progreso
- Mónica, Maria Filomena (*sem data*), “Prefácio” de *Almanaque de A Batalha 1926*, Lisboa, Edições Rolim, xi-vvii
- Neves, José (2008), *Comunismo e Nacionalismo em Portugal: Política, Cultura e História no Século XX*, Lisboa, Tinta da China
- Pearce, Susan (1992), *Museums, Objects and Collections: A Cultural Study*, Leicester, Leicester University Press
- Porto, Nuno (2008), “Objectos em exposição: a mediação visual como experiência situada”, Pais, José Machado; Clara Carvalho e Neusa Mendes de Gusmão (orgs.), *O Visual e o Quotidiano*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp.145-173
- Santiago, Izabel Oliveira (1986), *O que é Esperanto. A Questão da Língua Universal*, São Paulo, Editora Brasiliense
- Sapir, Edward (1931), “La fonction d’une langue internationale auxiliaire”, Edward Sapir, *Linguistique*, (1968), Paris, Les Éditions de Minuit, pp.99-115
- Stefano, Mariana di (2010), “Esperanto y anarquismo en la Argentina de principios del siglo XX”, *Spanish in Context*, 7:1, pp.100-19
- Rodrigues, Luís Nuno (1995), “«A gravidade da hora que passa!»: a criação da Legião Portuguesa em 1936”, *Análise Social*, vol. xxx (130), (1º), 91-119
- Vidal, Frédéric (2012), “«Conhecer e a amar a Pátria»: o turismo nacional em Portugal no início do século XX”, PEREIRA, Miriam Halpern; José Murilo de Carvalho; Maria João Vaz e Gladys Sabina Ribeiro (orgs.), *Linguagens e Fronteiras do Poder*, Lisboa, Centro de Estudos de História Contemporânea – Instituto Universitário de Lisboa

#### WEBGRAFIA

- [http://www.onb.ac.at/ev/esperanto\\_museum/esperantomuseum\\_objects.htm](http://www.onb.ac.at/ev/esperanto_museum/esperantomuseum_objects.htm) (acedido em 1 Agosto 2012)
- <http://estadoeigreja.wordpress.com/2011/04/12/imagens-de-protestantes-na-republica-portuguesa/> (acedido em 1 Agosto 2012)
- <http://ephemerajpp.wordpress.com/2009/06/10/joao-baptista-da-silva-esperanto-one-step-1919/> (acedido em 1 Setembro 2012)
- <http://ephemerajpp.wordpress.com/2011/07/30/para-a-historia-da-lingua-esperanto-em-portugal-carta-manuscrita-de-e-lanti-aos-camaradas-portugueses-1936/> (acedido em 1 Setembro 2012)

## 6. CRONOLOGIA DO ESPERANTISMO EM PORTUGAL (1892 a 1972)

| Data            | Facto  | Fonte  |
|-----------------|--|--|
| 1892            | Registo de um subscritor português de <i>La Esperantisto</i> , primeira revista esperantista criada em 1889  | Forster, 1982:21   |
| 1892            | Edição de <i>A lingua universal esperanto: methodo completo comprehendendo dois vocabularios: [diccionario esperanto portuguez, portuguez-esperanto]</i> / Luiz Zamenhof; trad. e coord. Jayme Heinlein Ferreira, Nuremberg : Ofic. Typ. e artistica W. Tümmel | Catálogo BN  |
| 1894            | Registo de 13 subscritores portugueses de <i>La Esperantisto</i>   | Forster, 1982:21   |
| 1896            | Edição de <i>A lingua universal esperanto : methodo completo comprehendendo dois vocabularios</i> / trad. e coord. por Manuel Ribeiro da Costa e Almeida 1896, Gouveia : Typ. do Herminio  | Catálogo BN  |
| 1905 (Julho)    | O Dr. Costa e Almeida, médico minhoto e autor de <i>A Língua Universal Esperanto: Methodo Completo Comprehendendo dois Vocabularios</i> de 1896, é o único português presente no 1º Congresso Universal de Esperanto em Boulogne-sur-Mer                       | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Vida Mundial</i> , 9 Janeiro 1970  |
| 1907 (Janeiro)  | Conferência "A Nova Lingua Internacional Esperanto" por Rodolph Horner na União Christã da Mocidade em Lisboa  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", Cartão de divulgação de 8 de Janeiro 1907   |
| 1907 (Janeiro)  | Início de aulas nocturnas, 1º curso de Esperanto na União Christã da Mocidade em Lisboa, leccionadas por Rodolph Horner  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", Cartões de divulgação de 8 de Janeiro e de 31 de Maio 1907; <i>Tiro&amp;Sport</i> , 15 de Março de 1911& pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Vida Mundial</i> , 9 Janeiro 1970 |
| 1907 (Maio)     | Sessão de entrega na União Christã da Mocidade em Lisboa, por Louis H. Aymé consul geral EUA, dos cartões de membro da Liga Universal dos Esperantistas organizada pelo jornal <i>The North American Review</i> de Nova Iorque                                 | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", Cartões de divulgação de 8 de Janeiro e de 31 de Maio 1907  |
| 1907 (Agosto)   | Artigo "Idioma internacional" na <i>Novos Horizontes</i> (discute a opção da adopção do Esperanto ou Universal)  | Freire, 1988:249   |
| 1908 (Setembro) | Aulas de Esperanto na Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, leccionadas por Dr. Costa Esteves  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>Diário de Notícias</i> , 16 Setembro 1908  |
| 1908 (Outubro)  | Criação do «Lisabona Esperantista Grupo» com sede na União Christã da Mocidade em Lisboa   | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>Republica</i> , 6 Outubro 1908   |
| 1908 (Outubro)  | Referência aos dois grupos esperantistas em Portugal: no Porto o «Porto Grupo Esperantista» e em Lisboa o «Lisabona Esperantista Grupo», cujo curso é regido por Eduardo António dos Santos  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>A Epoca</i> , 13 Outubro 1908  |
| 1908            | Publicação de <i>Primeiras Lições de Esperanto</i> de T. Cart (tradução de A. Caetano Coutinho com aprovação do autor)   | Catálogo BN  |
| 1908            | Publicação de <i>Diccionario esperanto-portuguez: precedido por um resumo de grammatica</i> de José Augusto Proença, Porto, Almeida & Sá   | Catálogo BN  |
| 1909 (Março)    | Conferência "A lingua internacional auxiliar. Sua história, vantagens, condições a que deve satisfazer e a sua realização pelo Esperanto" por José Augusto Proença, na União Christã Central da Mocidade Portugeza, Porto                                      | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", Bilhete de Bernardino Martins d'Almeida de admissão à conferência   |
| 1909 (Março)    | Publicação no Porto do 1º número de <i>Portugala Revuo</i> , Órgão dos Esperantistas Portuguezes. Fundado por José Augusto Proença   | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>A Epoca</i> , 23 Março 1909; <i>Diario de Noticias</i> , 27 Outubro de 1910; Freire, 1988:366, nota 72   |
| 1909 (Maio)     | O esperantista americano C.H. Matchett (fundador do grupo de Esperanto em Boston em 1905) visita Lisboa e participa numa sessão extraordinária no «Lisabona Esperantista Grupo»  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>A Epoca</i> , 11 Maio 1909   |
| 1909 (Junho)    | Referência ao «Madeira Esperantista Grupo»   | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>O Mensageiro</i> , nº de Junho e Julho de 1909   |

| <b>Data</b>          | <b>Facto</b>  | <b>Fonte</b>   |
|----------------------|---|--|
| 1909<br>(Agosto)     | Visita Lisboa H. B. Mudie, presidente da Universal Esperanto Asocio   | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>O Mensageiro</i> , nº de Setembro de 1909  |
| 1909<br>(Setembro)   | A agremiação Tuna Comercial inaugura aula de Esperanto, leccionada por Bernardino Martins d'Almeida   | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>Seculo</i> , 21 Setembro de 1909   |
| 1909                 | Curso de Esperanto em <i>A Vida</i> (nºs 1 a 25), da autoria de A. Gomes Pereira  | Freire, 1988:366, nota 73  |
| 1910<br>(Junho)      | «Lisabona Esperantista Grupo» tem como professores Eduardo António dos Santos, Rodolpho Horner e Bernardino Martins d'Almeida; resolveu este grupo realizar mensalmente uma conferência de propaganda em Esperanto dedicada aos sócios e suas famílias  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>O Unionista</i> , nº de Junho de 1910/ Relatório; <i>Diario de Noticias</i> , 9 de Junho de 1910                         |
| 1910<br>(Julho)      | Fundado em Coimbra o «Esperantista Unio», presidido pelo delegado da UEA nesta cidade, também professor de Esperanto  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 6 Julho de 1910   |
| 1910                 | Publicação de <i>Grammatica Pratica de Esperanto</i> de Accacio Lobo, Porto, Escola Pratica Commercial Raul Doria   | Catálogo BN  |
| 1911                 | Publicação da <i>Grammatica da Lingua Internacional Auxiliar Esperanto</i> , 2ª edição correcta e aumentada, de José Augusto Proença, Porto, Francisco Joaquim d'Almeida  | Catálogo BN  |
| 1912<br>(Fevereiro)  | Abertura de curso facultativo de Esperanto no Liceu Passos Manuel, leccionado por Accacio Lobo, presidente do «Lisabona Esperantista Grupo»   | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>O Diario de Noticias</i> , 17 Fevereiro de 1912  |
| 1912<br>(Abril)      | Curso de Esperanto no governo civil para a polícia da capital, sob a regência do tenente Accacio Lobo (comandante Ferreira do Amaral era o encarregado da Polícia Cívica)   | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 10 Abril de 1912 & pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Vida Mundial</i> , 9 Janeiro 1970 |
| 1912<br>(Maio)       | A sociedade portuguesa da Cruz Vermelha mandou editar uma Guia Esperanto da C.V. para uso de militares, pessoal médico e de enfermagem, e ministros de todos os cultos  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>O Diario de Noticias</i> , 20 Maio de 1912   |
| 1912<br>(Junho)      | Curso de Esperanto na Sociedade Propaganda de Portugal, leccionado pelo tenente Acacio Lobo   | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>Tiro e Sport</i> , 15 Junho de 1912  |
| 1912<br>(Julho)      | Abertura de três cursos no Porto: no «Esperantista Grupo do Porto», na União Cristã e na Sociedade Vegetariana  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>Jornal de Noticias</i> , 4 Julho de 1912 & <i>Portugala Revuo</i> , 2ª Série, nº1, Janeiro, 1913:3-4                     |
| 1912<br>(Outubro)    | Artigo de Saldanha Carreira em <i>Boletim da Associação Empregados de Bancos e Câmbios</i> (1º artigo de Saldanha Carreira localizado)  | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>Boletim da Associação Empregados de Bancos e Câmbios</i> , nº de Outubro de 1912   |
| 1913<br>(c. Janeiro) | Criado em Évora o «Kardeka Esperantista Grupo» presidido por Luís António Galvão de Moraes Sarmento, professor da escola normal e delegado da U.E.A.  | <i>Portugala Revuo</i> , 2ª Série, nº1, Janeiro, 1913: 3-4; <i>Portugala Revuo</i> , 2ª Série, nº 2, Fevereiro, 1913:15  |
| 1913<br>(c. Janeiro) | Criado no Funchal o grupo «Madeira Verda Stelo»   | <i>Portugala Revuo</i> , 2ª Série, nº1, Janeiro, 1913:3-4  |
| 1913<br>(Janeiro)    | Funciona na Universidade Popular em Lisboa curso de Esperanto leccionado por Acácio Lobo  | <i>Portugala Revuo</i> , 2ª Série, nº1, Janeiro, 1913:3-4  |
| 1913<br>(Fevereiro)  | Criação em Cerveira do «Cerveira Esperantista Grupo», cujo presidente e professor do curso de Esperanto é Dr. Claudino Martins Vicente  | <i>Portugala Revuo</i> , 2ª Série, nº2, Fevereiro, 1913:15   |
| 1913<br>(Fevereiro)  | No Porto funciona curso de Esperanto na Escola Prática Commercial Raul Dória, leccionado por Dr. António Barradas (Acácio Lobo foi o primeiro professor nesta escola). Também no Porto abriu curso leccionado por José Augusto de Proença no Instituto Industrial e Commercial do Porto         | <i>Portugala Revuo</i> , 2ª Série, nº2, Fevereiro, 1913:15   |
| 1913<br>(Maio)       | Exposição no Palácio de Cristal do Porto de colecção de 6:000 bilhetes postais ilustrados trocados por esperantistas (com as respectivas estampilhas), organizada pelo Grupo Esperantista do Porto. Parte da exposição foi depois para a livraria de Francisco J. d'Almeida, Rua das Carmelitas | Arquivo APE, pasta "Eltondajoj 1907-1916", <i>Primeiro de Janeiro</i> , 18 Maio de 1913; <i>Jornal de Noticias</i> , 24 Maio de 1913                                   |

| <b>Data</b>          | <b>Facto</b>   | <b>Fonte</b>   |
|----------------------|--|--|
| 1913<br>(Junho)      | Grupo Esperantista do Porto cria curso de Esperanto no Collegio dos Orfãos e no Asilo-Escola municipal. Também no Porto curso de Esperanto na Universidade Livre, leccionado por Acacio Lobo   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Primeiro de Janeiro</i> , 6 Junho de 1913; <i>Mundo</i> , 18 Junho de 1913                   |
| 1913<br>(c.Dezembro) | Criada filial do «Porto Esperantista Grupo» noutra localização daquela cidade (na Rua Almada 254, 2º) onde funciona um curso   | <i>Portugala Revuo</i> , 2ª Série, n.º 12, Dezembro, 1913:151-2  |
| 1913<br>(Dezembro)   | Organização da primeira Associação Nacional, Portugala Esperanto-Asocio, com sede no Porto, que não sobreviveu à I Guerra  | <i>Portugala Revuo</i> , 2ª Série, n.º12, Dezembro, 1913:144-49; <i>Portugal- Esperanto</i> , nº4-Ano 1, Abril, 1926:37                    |
| 1914<br>(Março)      | Fundada em Lisboa a agremiação esperantista «Lisabona Esperantista Societo» para propagação do Esperanto, com curso por correspondência (Ladislau Piçarra é o presidente da assembleia geral; sede provisória na Praça Luiz de Camões)   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Republica</i> , 22 Março de 1914; <i>Diario de Noticias</i> , 9 Maio de 1914                 |
| 1914<br>(Maio)       | Constituição do Esperantista Komitato, para facilitar a iniciação de todos os indivíduos no estudo do Esperanto, e incumbido do curso por correspondência promovido pela «Lisabona Esperantista Societo»   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 21 Maio de 1914   |
| 1914<br>(Maio)       | Organização do comité Nacia Lingva Komitato a convite de Boirac (presidente da Academia Esperantista) para auxiliar as sociedades de propagação na organização de exames e diplomas e analisar obras esperantistas portuguesas. É composto por B. Martins d'Almeida, Carlos Andrade, Ernesto da Maia, Etelvina Krug e Eduardo António dos Santos | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 28 Maio de 1914   |
| 1914<br>(Junho)      | Curso de Esperanto na Associação de Classe dos Empregados de Bancos e Câmbios (na Calçada do Sacramento)   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 17 Julho de 1914  |
| 1914                 | B. Martins d'Almeida apresenta a tese "O esperanto no ensino comercial" ao 1º Congresso Nacional das Associações Comerciais e Industriais Portuguesas. No mesmo congresso José Carvalho apresenta a tese "A lingua Esperanto nas relações externas do comercio"  | Catálogo BN  |
| 1914                 | Congresso Nacional Operário em Tomar: aprovação de moção para divulgação e utilização do Esperanto   | Freire, 1988:249   |
| 1914                 | Conferência anarquista do sul: aprovadas teses sobre Esperanto   | Freire, 1988:367, nota 75  |
| 1915<br>(Março)      | Dois membros do «Lisabona Esperantista Grupo» e da Portugala Esperanto Asocio fazem uma viagem ao redor de Portugal - dedicada à Sociedade Geografia Portuguesa - para fazerem propagação do Esperanto   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", Cartão de divulgação de Março 1915  |
| 1915<br>(Novembro)   | Abertura de cursos de Esperanto na Associação dos Empegados de Escritório e no Ateneu Comercial de Lisboa  | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 8 Novembro de 1915; <i>Diario de Noticias</i> , 17 Novembro de 1915 |
| 1915<br>(Dezembro)   | Saldanha Carreira apresenta na sessão de homenagem a Zamenhof, no Ateneu de Lisboa, a criação dos Sabonetes "Esperanto" da casa Clauss & Schweder do Porto   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 18 Dezembro de 1915   |
| 1916<br>(Janeiro)    | Criação da agremiação «Iuneco Lisabona Esperantista» em Lisboa, protagonizada por Adolfo Nunes (com sede provisória na Rua da Paz)   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 13 Janeiro de 1916  |
| 1916<br>(Fevereiro)  | Conferência de Saldanha Carreira intitulada "O Esperanto e a Cruz Vermelha" na sede da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 15 Fevereiro de 1916  |
| 1916<br>(Março)      | Aprovada em reunião da «Lisabona Esperantista Societo» que esta associação entre como sócia da «Iuneco Lisabona Esperantista»  | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 5 Março de 1916   |
| 1916<br>(Março)      | «Lisabona Esperantista Societo» oferece junto do Ministério da Guerra serviço de divulgação do Esperanto nos meios militares e da Cruz Vermelha  | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 13 Março de 1916  |
| 1916<br>(Junho)      | A «Lisabona Esperantista Societo» tenciona iniciar em Agosto a publicação do boletim <i>Portugala Stelo</i>  | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 6 Junho de 1916   |

| <b>Data</b>        | <b>Facto</b>  | <b>Fonte</b>  |
|--------------------|---|---|
| 1916<br>(Agosto)   | A «Lisbona Esperantista Societo» dirige-se ao Ministro do Trabalho a propósito do decreto que permite apenas a correspondência em Francês, Inglês, Espanhol, Italiano e Português, solicitando que o Esperanto seja incluído nas línguas permitidas pela censura postal. No mês seguinte a questão estará resolvida   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 6 Agosto 1916; <i>Diario de Noticias</i> , 28 Setembro de 1916                           |
| 1916<br>(Outubro)  | Curso de Esperanto na Universidade Livre, com feição principalmente comercial   | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 21 Outubro de 1916   |
| 1916<br>(Dezembro) | O <i>Jornal do Comércio e das Colónias</i> tem uma secção oficial do Komitato «Pró Esperanto no Comercio» que publica a rubrica bilingue - em Português e Esperanto - "O Esperanto como Lingua Comercial"   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>Jornal do Comércio e das Colónias</i> , de 2 Dezembro 1916 a 24 Março de 1917                        |
| 1916<br>(Dezembro) | Organização do «Subkomitato» linguístico nacional, a convite do Dr. Emile Boirac (presidente da Academia da Língua Esperanto, o «Lingva Komitato»). O presidente é o Dr. Costa e Almeida e os restantes membros são Carlos Andrade, Eduardo António dos Santos, Ernesto da Maya, Etelvina Silva, Martins d'Almeida e Saldanha Carreira. O correspondente no Porto é Joaquim Teixeira Barroca. ("Os estatutos serão oportunamente submetidos á sanção das entidades officiaes do nosso paiz"). | Arquivo APE, pasta "Eltondaĵoj 1907-1916", <i>Diario de Noticias</i> , 28 Maio de 1914; <i>Jornal do Comércio e das Colónias</i> , 6 Dezembro de 1916           |
| 1916               | Publicação de <i>Grammatica Aplicada: Esperanto Elementar</i> . 1ª Edição á Classe Comercial de Saldanha Carreira e Carreira e Silva, Lisboa, Livraria Editora Ferreira   | Catálogo BN   |
| 1917<br>(Janeiro)  | Existência de cursos de Esperanto no «Lisbona Esperantista Grupo» (leccionado por Martins d'Almeida), na «Lisbona Esperantista Societo» (leccionado por Adelino de Carvalho), na Academia de Estudos Livres (leccionado por Adelino de Carvalho), no Atheneu Comercial de Lisboa (dirigido por Saldanha Carreira), na Associação dos Caixeiros (dirigido por Saldanha Carreira) e na Universidade Livre (dirigido por Saldanha Carreira)  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>Jornal do Comércio e das Colónias</i> , 24 Janeiro 1917  |
| 1917               | Crição em Lisboa do grupo esperantista operário «Lisbona Verda Stelo»   | AHS, Núcleo educação e cultura, caixa 87, Carta de membro da «Lisbona Verda Stelo» ao Sindicato Único das Classes Metalúrgicas de Lisboa, de 21 Outubro de 1920 |
| 1918               | Grupo anarquista «La Vero» organiza cursos de Esperanto   | Freire, 1988:250  |
| 1919               | Congresso Nacional Operário em Coimbra: aprovação de tese sobre "O Esperanto e as relações internacionais"  | Freire, 1988:250  |
| 1919               | Publicação de <i>Curso Elementar de Esperanto</i> por Saldanha Carreira e Luzo Bemaldo  | Freire, 1988:366, nota 73   |
| 1920<br>(Maio)     | 1º número do jornal <i>Laboro</i> da «Portugala Laborista Esperanto-Federacio». Direcção de A.P. da Costa Júnior; Editor: Alberto de Almeida  | Jornal depositado no A.H.S. do I.C.S.   |
| 1920<br>(Maio)     | Prevista série de sessões de propaganda nas sedes das sociedades esperantistas que integram a «Portugala Laborista Esperanto-Federacio» e em associações operárias  | <i>Laboro</i> , nº1-1º Ano, Maio 1920:7   |
| 1920<br>(Setembro) | Inauguração no dia 23 da «Sociedade Esperantista Antaŭen», no Sindicato dos Metalúrgicos (à Esperança, Lisboa), com curso dirigido por Guilherme de Castro. No dia seguinte alunos e professor foram detidos, pelo motivo de reunião "à porta fechada".   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Diário de Lisboa</i> , 14 Julho 1976  |
| 1920               | Fundação da Sociedade «Idealo kaj Laboro» no Porto (sede provisória na Rua do Souto)  | <i>Laboro</i> , nº1-1º Ano, Maio 1920:7   |
| 1920               | Fundação da Sociedade «Fratiga Stelo» em Lisboa, com curso leccionado por Augusto Dias  | <i>Laboro</i> , nº1-1º Ano, Maio 1920:7   |
| 1920               | Três cursos em funcionamento na sede da «Lisbona Verda Stelo», Lisboa   | <i>Laboro</i> , nº1-1º Ano, Maio 1920:7   |
| 1920               | Dois cursos em funcionamento na «Esperantista Flegisto», um deles exclusivo para enfermeiras (na Travessa de S. Bernardino, ao Campo de Sant'Ana)   | <i>Laboro</i> , nº1-1º Ano, Maio 1920:7   |
| 1921<br>(Janeiro)  | 1º número da publicação <i>Komunist-Esperantisto</i> , Órgão Mensal dos Comunistas Esperantistas Portuguezes; Editor: Francisco Gonçalves   | Publicação constante do catálogo do A.H.S. da B.N. (não foi localizada)   |
| 1921               | Grupo anarquista «La Vero» participa no Congresso Anarquista Internacional em Berlim com tese "O Esperanto no movimento anarquista"   | Freire, 1988:367, nota 77   |
| 1922               | Início da publicação <i>La Vero</i> , Folha mensal para a divulgação do Esperanto entre o povo, editada pelo Anarkia Grupo «La Vero», Lisboa  | Publicação constante do catálogo do A.H.S. do I.C.S. (não foi localizada)   |
| 1923               | Conferência nacional anarquista: aprovadas teses sobre Esperanto  | Freire, 1988:367, nota 75   |

| <b>Data</b>                   | <b>Facto</b>   | <b>Fonte</b>  |
|-------------------------------|--|---|
| 1923                          | Registo de 24 membros portugueses na SAT   | Forster, 1982:39  |
| 1925                          | Conferência anarquista de Lisboa: aprovadas teses sobre Esperanto  | Freire, 1988:367, nota 75   |
| 1925<br>(Agosto)              | Eleição dos primeiros corpos gerentes da Associação Portuguesa de Esperanto, Lisboa  | <i>Portugal-Esperanto</i> , nº1-Ano 1, Janeiro 1926:3   |
| 1925<br>(Agosto)              | Em <i>O Comunista</i> , jornal do PCP (nº 38, 15 de Agosto, pg.3) o Esperanto é promovido a «língua universal»   | Neves, 2008:445, nota 41  |
| 1925<br>(Dezembro)            | Aprovação dos estatutos da Associação Portuguesa de Esperanto, a 21 de Dezembro. Sede na Rua da Graça, Lisboa  | <i>Portugal-Esperanto</i> , nº1-Ano 1, Janeiro 1926   |
| 1925                          | Conferência anarquista de Lisboa: aprovadas teses sobre Esperanto  | Freire, 1988:250 e 367  |
| 1926<br>(Janeiro)             | Inicia-se publicação da revista <i>Portugal-Esperanto</i> da Associação Portuguesa de Esperanto com edição de 6 números entre Janeiro e Junho de 1926. Director: Luzo Bemaldo; Secretário: Saldanha Carreira; Editor: Eduardo António dos Santos   | Jornal depositado no A.H.S da BN  |
| 1926<br>(Janeiro)             | Existência de cursos de Esperanto na Associação Portuguesa de Esperanto (leccionado por Adolfo Nunes); no Portugala-Esperanto Polica Societo (leccionado por Saldanha Carreira); no Instituto Comercial de Lisboa (leccionado por Adolfo Nunes); na Escola Comercial Ferreira Borges (leccionado por Saldanha Carreira); na «Nova Vojo» (leccionado por Figueiredo); possibilidade de reabertura de curso na Escola Fonseca Benevides (leccionado por António Luís da Costa) | <i>Portugal-Esperanto</i> , nº1-Ano 1, Janeiro 1926:12  |
| 1926<br>(Janeiro)             | Associação Portuguesa de Esperanto dirige pedido ao Ministro dos Assuntos do Mar para que os oficiais possam usar distintivo esperantista na manga do uniforme   | <i>Portugal-Esperanto</i> , nº1-Ano 1, Janeiro 1926:12  |
| 1926<br>(Fevereiro)           | Projecto de abertura de curso de Esperanto na Associação A Voz do Operário, no seguimento de uma conferência dada por Saldanha Carreira na mesma Associação  | <i>Portugal-Esperanto</i> , nº2-Ano 1, Fevereiro 1926:24  |
| 1926<br>(Junho)               | A Publicação <i>Portugal-Esperanto</i> da Associação Portuguesa de Esperanto é visada pela Comissão de Censura   | <i>Portugal-Esperanto</i> , nº6-Ano 1, Junho 1926   |
| 1926                          | O Jornal <i>A Batalha</i> publica quinzenalmente o "Esperanta Angulo" sob a direcção de Costa Júnior; A Comuna (semanário portuense) publica um "Curso de Esperanto"   | <i>Portugal-Esperanto</i> , nº6-Ano 1, Junho 1926:72  |
| 1927                          | Registo de 13 membros portugueses da SAT   | Forster, 1982:39  |
| 1928                          | Registo de 20 membros portugueses da SAT (o comunista Pires Barreira era membro do conselho internacional da SAT)  | Freire, 1988:367, nota 78   |
| 1930                          | Quatro membros da Laborista Esperantista Asocieto «Antaûen» são presos, quando conversam na Praça da Armada, em Alcântara, sendo portadores da revista <i>Sennaciulo</i> : José dos Santos Ferreira (um dos fundadores), Irmundo Barros e os irmãos Mário e Fernando Raposo  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Diário de Lisboa</i> , 14 Julho 1976                              |
| 1931<br>(Março)               | Fundação em Lisboa da Ligo de L'Okcidentaj Esperantistoj (Liga dos Esperantistas Ocidentais)   | <i>Portugala Esperantisto</i> , nº4, Abril de 1936:26   |
| 1931<br>(Dezembro)            | Primeiro número do jornal <i>La Okcidentulo</i> da Liga dos Esperantistas Ocidentais. Director: Irmundo A. Barros e Editor: José Vicente Júnior  | Jornal depositado no A.H.S. da BN   |
| 1931                          | Publicação do <i>Curso Elementar de Esperanto</i> de Saldanha Carreira e Luzo Bemaldo, 2ª edição, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, Livraria Editora   | Catálogo BN   |
| 1931                          | Registo de 26 membros portugueses da SAT   | Forster, 1982:39  |
| 1932<br>(Janeiro e Fevereiro) | Na estação radio-emissora CT 1AA de Lisboa Saldanha Carreira dirige duas séries de palestras: uma em onda curta com 21 emissões, outra em onda média, com 23 emissões (em Janeiro e Fevereiro de 1932, respectivamente. Constavam de curso e radiodifusão para o estrangeiro de divulgação da literatura, folclore e turismo)  | Arquivo APE, Pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Republica</i> , 24 Maio de 1970; <i>Chave do Esperanto</i> , 1934 |
| 1932                          | Início de cursos de Esperanto na Universidade Livre em Coimbra, organizados pelo «Koimbra Esperantista Grupo» (com sede na Associação Cristã dos Estudantes). Os cursos tiveram edição até 1937, e eram leccionados por Prof. J.X.M. do Couto e Prof. Álvaro Viana de Lemos, Albertino dos Santos Matias e Marciano Costa  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>República</i> , 2 Dezembro 1970                                   |
| 1932                          | Criação no Barreiro do grupo «Progresemaĵ Amikoj» fundada por alunos de primeiro curso leccionado por J.V.J.   | <i>LESPA</i> , 1933:1 e 4   |
| 1932                          | Exposição esperantista no edifício da Sociedade Democrática União Barreirense (Franceses), Barreiro  | <i>LESPA</i> , 1933:2   |
| 1932                          | 1.º Congresso de Radiotelefonía, organizado pelo jornal <i>O Seculo: o Esperanto</i> foi votado língua auxiliar da Radio   | <i>Chave do Esperanto</i> , 1934  |

| <b>Data</b>      | <b>Facto</b>  | <b>Fonte</b>  |
|------------------|---|---|
| 1932             | Criação do Portugala Teritorio, em Lisboa (morada partilhada com a da publicação <i>Vida Social</i> ) representada pelo delegado-chefe da UEA que dirige a parte oficial do movimento   | <i>Chave do Esperanto</i> , 1934  |
| 1932             | Pretensão de reorganização da Associação Portuguesa de Esperanto  | <i>Chave do Esperanto</i> , 1934  |
| 1933             | Exposição esperantista no edifício da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense (Penicheiros), Barreiro. Lançamento simultâneo do jornal <i>LESPA - Laborista Esperantista Societo Progresemaĵ Amikoj</i>   | <i>LESPA</i> , 1933   |
| 1933             | Alves Redol e Dias Lourenço, militantes comunistas, organizam cursos de alfabetização e aulas de esperanto no Sindicato da Construção Civil e Offícios Correlativos e posteriormente no Sport Lisboa e Vila Franca em Vila Franca de Xira   | Neves, 2008:249   |
| 1933             | Criação da secção esperantista da Sociedade Propaganda de Portugal - Touring Club de Portugal (em Lisboa), que orienta os cursos que funcionam nas Escolas Comerciais de Veiga Beirão, de Ferreira Borges e de Rodrigues Sampaio  | <i>LESPA</i> , 1933:4; <i>Chave do Esperanto</i> , 1934   |
| c.1934           | Curso de Esperanto em funcionamento na Polícia em Lisboa (na PSP), oficial mas não obrigatório  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>O Século</i> , 13 Abril de 1973; <i>Chave do Esperanto</i> , 1934   |
| c.1934           | Publicação de <i>Curso Popular de Esperanto em Doze Lições</i> , Lisboa: Nova Vojo, Sociedade Esperantista Operária, coligido por Costa Júnior  | Catálogo BN; <i>Chave do Esperanto</i> , 1934   |
| c. 1934          | Criação do Portugala Instituto de Esperanto, associação de difusão do Esperanto em Lisboa, a partir da existente Portugala Akademio de Esperanto  | "Aos Leitores", <i>Curso Completo de Esperanto</i> , Portugala Instituto de Esperanto, Lisboa:1934  |
| 1935             | Apresentação da tese "A lingua Esperanto no Turismo" por Saldanha Carreira ao I Congresso Nacional de Turismo   | Catálogo BN   |
| 1936 (Janeiro)   | Tem início a publicação do jornal <i>Portugala Esperantisto</i> do L.E.S. Nova Vojo e da Liga dos Esperantistas Ocidentais, com edição de 8 números entre Janeiro e Agosto de 1936. Director: Manuel de Jesus Garcia; Editor: Joaquim Costa   | Jornal depositado no A.H.S. da BN   |
| 1936 (Janeiro)   | Grupos esperantistas existentes em Lisboa: L.E.S. «Nova Vojo» (secretário-geral: Adolfo Trémouille); Ligo de l'Okcidentaj Esperantistoj (secretário-geral: José Marques); L.E.S. «Antaŭen» (secretário-geral: Armando Aguiar); E.S. «Nova Sento» (Secretário-geral: Amadeu Monteiro); «Lumo kaj Progreso» (primeira filial da «Nova Vojo») que é a Secção Esperantista do G.D.D. «Os Aliados»; a «Fratiga Stelo» que é a Secção Esperantista do Grémio Dramático de Belém; a Secção Esperantista da Universidade Popular Portuguesa; e ainda a «Frata Unuigo» | <i>Portugala Esperantisto</i> , nº1, Janeiro de 1936:8; <i>Portugala Esperantisto</i> , nº4, Abril de 1936:27   |
| 1936 (Fevereiro) | Cinco cursos em funcionamento no Porto: na Ekskursu Grupo da Areosa; no Ateneu Artístico Portuense (leccionado por Bakunine Gorki Gomes da Silva); dois cursos na Escola e Biblioteca da Lomba (leccionados por Bakunine Gorki Gomes da Silva e Mesquita Júnior); e Instituto Dumont (leccionado por Manuel de Freitas)   | <i>Portugala Esperantisto</i> , nº2, Fevereiro de 1936:15   |
| 1936 (Março)     | Festa esperantista na rádio, na C.T.I.A.N. «Radio Sonora» de Lisboa, pelo 19º aniversário da morte de Zamenhof  | <i>Portugala Esperantisto</i> , nº3, Março de 1936:22   |
| 1936 (Junho)     | Abertura do 2º curso para instrutores de Esperanto organizado pela «Nova Vojo» (leccionado por Luzo Bemaldo, Adolfo Trémouille e Manuel de Jesus Garcia), Lisboa  | <i>Portugala Esperantisto</i> , nº5, Junho de 1936:46   |
| 1936 (Julho)     | Curso de Esperanto na Biblioteca Operária Oeirense  | <i>Portugala Esperantisto</i> , nº7, Julho de 1936:49   |
| 1936 (Julho)     | E. Lanti (E. Adam) fundador da SAT visita Lisboa na sua viagem pelo mundo   | <i>Portugala Esperantisto</i> , nº7, Julho de 1936:54   |
| 1936             | A L.E.S. «Nova Vojo» e a L.E.S.«Antaŭen» organizam excursões de confraternização esperantista (a Palmela em Maio e a Queluz em Julho)   | <i>Portugala Esperantisto</i> , nº3, Março de 1936:19; <i>Portugala Esperantisto</i> , nº5, Junho de 1936:44; <i>Portugala Esperantisto</i> , nº7, Julho de 1936:51 |
| 1936             | Publicação de <i>Esperanto sem Mestre em oito lições. Método Popular</i> de Álvaro Pontes, Lisboa: edição do autor  | Catálogo BN   |
| 1936             | O Ministro do Interior, Cancela de Abreu, interdita a divulgação do Esperanto. As associações de Esperanto são encerradas em Setembro, alguns esperantistas detidos e livros apreendidos em residências ou sedes são queimados  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Diário de Lisboa</i> , 14 Julho 1976; <i>República</i> , 10 Maio 1972. Lins, 1990:135                       |



| <b>Data</b>         | <b>Facto</b>   | <b>Fonte</b>   |
|---------------------|--|--|
| 1936                | João Alves, dirigente da «Antaŭen» é preso, depois de procurado pela polícia durante dois anos, e incriminado como revolucionário  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Diário de Lisboa</i> , 14 Julho 1976   |
| 1937<br>(Dezembro)  | Notícia publicada pela Liga dos Esperantistas do Ocidente sobre intenção de realizar uma série de conferências no mês de Dezembro, bem como uma exposição esperantista na sede, na Rua João de Lemos   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>Diário de Notícias</i> , 13 Dezembro de 1937                                      |
| 1939<br>(Setembro)  | Realização de uma emissão esperantista na Emissora Nacional, a 25 de Setembro  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>A Vida Social</i> , 1 Novembro de 1939  |
| 1939<br>(Novembro)  | Artigo "O Esperanto" de Saldanha Carreira em <i>O Diabo</i> (nº268, 11 de Novembro, p.4)   | Neves, 2008:445, nota 43   |
| 1939<br>(Novembro)  | Artigo "O enquadramento social do Esperanto" de Carlos Relvas [Armando Bacelar] em <i>O Diabo</i> (nº 270, 25 de Novembro, pg.7)   | Neves, 2008:445, nota 44   |
| 1939<br>(Novembro)  | A publicação <i>A Vida Social</i> tem a secção "Cantinho Verde" - Secção de informação do movimento esperantista mundial (orientada por Luzo Bemaldo e Saldanha Carreira, Av. Duque de Loulé, Lisboa. Registo de edições entre Novembro de 1939 e Dezembro de 1940). | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>A Vida Social</i> , 1 Novembro 1939 a 1 Dezembro de 1940                          |
| 1939<br>(Dezembro)  | Saldanha Carreira lecciona Esperanto a invisuais no Asilo Escola António Feliciano de Castilho   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>A Vida Social</i> , 1 Dezembro de 1939  |
| 1940<br>(Janeiro)   | Publicação da 2ª edição do <i>Curso Elementar de Esperanto</i> de Saldanha Carreira e Luzo Bemaldo, "para fins absolutamente de propaganda" (aquisição mediante pedido a Alberto Pedro da Silva, Lisboa; posteriormente à venda na Papelaria da Moda, Rua do Ouro)   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>A Vida Social</i> , 1 Janeiro de 1940; <i>A Vida Social</i> , 1 Março de 1940     |
| 1940<br>(Fevereiro) | A Secção esperantista de <i>A Vida Social</i> apela à contribuição para o fundo de auxílio à família de Zamenhof, seguindo iniciativa da U.E.A.  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>A Vida Social</i> , 1 Fevereiro de 1940   |
| 1940<br>(Abril)     | A publicação <i>O Diabo</i> decide abrir uma secção esperantista (aos Sábados)   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>A Vida Social</i> , 15 Abril de 1940  |
| 1940<br>(Maio)      | Realização de uma festa de confraternização na Tapada das Necessidades, maioritariamente participada por assinantes esperantistas de <i>A Vida Social</i>  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>A Vida Social</i> , 1 Junho de 1940   |
| 1940<br>(Outubro)   | Luzo Bemaldo recebe toda a documentação necessária para que a filha de Zamenhof possa viajar de Varsóvia para a América do Norte, passando por Lisboa  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>A Vida Social</i> , 15 Outubro de 1940  |
| c. 1940             | O grupo esperantista «La Vekiĝo» do Barreiro reúne-se nas casas particulares dos seus membros para aprendizagem do Esperanto   | Fonte oral L.D. (entrevista 3 Julho 2012)  |
| 1945<br>(Dezembro)  | Festa de homenagem a Zamenhof no Asilo Escola António Feliciano de Castilho (com presença de Saldanha Carreira, A. Costa Júnior, Luzo Bemaldo, Alsácia Fontes Machado e Adolfo Trémouille)   | Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados: Programa da "Esperantista Festo"   |
| 1946<br>(Março)     | João A. Frazão de Faria é o intermediário da SAT em Lisboa   | <i>La Unuiĝo</i> , Março de 1946   |
| 1946<br>(Outubro)   | Criada em Lisboa a 20 de Outubro a Portugala Esperanto-Ligo (morada: Apartado n.º 125 - Lisboa -N). O boletim de informação da Liga é inicialmente o <i>Unuiĝo</i> , e depois o <i>Informilo</i> .   | <i>Unuiĝo</i> , 2.ª série, n.º 4, Abril-Julho de 1947:7-8  |
| 1946<br>(Dezembro)  | Festa esperantista organizada pela Portugala Esperanto-Ligo a 15 de Dezembro no Asilo Escola Feliciano de Castilho. Assinala-se a presença de Werther Sacramento, Luzo Bemaldo, Costa Júnior, Alsácia Fontes Machado, Adolfo Trémouille e José Antunes               | <i>Unuiĝo</i> , 2.ª série, n.º1, Janeiro de 1947:5 e 10  |
| 1947<br>(Janeiro)   | Festa organizada pela Portugala Esperanto-Ligo na colónia balnear infantil "O Século". A Liga organizou igualmente visitas a museus e exposições e uma biblioteca volante  | <i>Unuiĝo</i> , 2.ª série, n.º 2, Fevereiro de 1947:9; <i>Unuiĝo</i> , n.º 4, Abril-Julho de 1947:7-8; <i>Informilo</i> , n.º6, Julho 1948:1 |
| 1947<br>(Fevereiro) | A SAT- Rondo de Portugalio decide reeditar o <i>La SAT-Ido</i> interrompido em Outubro de 1946 por ter sido decidida a fusão deste boletim com o <i>Unuiĝo</i> aquando da criação da Portugala Esperanto-Ligo  | <i>Unuiĝo</i> , 2.ª série, n.º 2, Fevereiro de 1947:16   |
| 1947<br>(Março)     | A Portugala Esperanto-Ligo organiza na sede do Clube de Campismo de Lisboa o seu primeiro curso de Esperanto. Em Abril haverá o primeiro curso para ensino de Esperanto, leccionado por Luzo Bemaldo e Adolfo Trémouille   | <i>Unuiĝo</i> , 2.ª série, n.º 4, Abril-Julho de 1947:7-8  |

| <b>Data</b>        | <b>Facto</b>   | <b>Fonte</b>   |
|--------------------|--|--|
| 1948<br>(Março)    | Nesta data a Portugala Esperanto-Ligo era composta por 425 membros, alguns individuais e os restantes pertencentes a 12 grupos esperantistas: La Torço, Sciamantoj e Tramista Rondo, todos de Lisboa; La Vekiĝo (do Barreiro), Lumradio (de Alhos Vedros), Esperanto (do Montijo) e La Teraroj (do Tramagal); Unuiga Stelo (de Setúbal), Unuigita Junularo e La Nevenkeblaj (ambos de Arraiolos), e Esperanta Heleco (de Evora); e o grupo Norda Stelo (de Gelfa). | <i>Informilo</i> -Portugala Esperanto Ligo, 2º Boletim, entre Janeiro e Março de 1948:2  |
| 1948<br>(Abril)    | Primeiro piquenique esperantista do ano de 1948, na Quinta da Marinha em Cascais. Em Maio a Portugala Esperanto-Ligo organizou piquenique em Alhos Vedros e em Julho na Trafaria   | <i>Informilo</i> -Portugala Esperanto Ligo. Boletim de Informações, n.º 3, Abril de 1948:3 e n.º 4, Maio de 1948:6 e n.º6, Julho de 1948:1   |
| 1948<br>(Agosto)   | Diploma legal do Ministério do Interior de 11 de Agosto confirma a proibição de quaisquer actividades ou publicações em Esperanto  | Arquivo APE, pasta "Korespondaĵoj jaroj 50 kaj 60", Carta de 14 de Abril de 1951 da Direcção dos Serviços de Censura dirigida a Saldanha Carreira; Lins, 1990: 135   |
| 1948<br>(Outubro)  | Ministério da Educação proíbe o ensino do Esperanto  | Lins, 1990: 136  |
| 1948<br>(Outubro)  | Entre Outubro de 1948 e Abril de 1949 o Boletim <i>Informilo</i> continua a ser editado  | <i>Informilo</i> - Portugala Esperanto Ligo, de Abril de 1948 a Abril de 1949  |
| 1948<br>(Outubro)  | Existem no Clube de Campismo de Lisboa 5 grupos esperantistas de campismo: Hejmo Nia; Unuiĝo; Nova Espero; Liberaj sub la Luna Lumo; e, Matena Stelo   | <i>Informilo</i> . Boletim informativo da Liga Portuguesa de Esperanto (em organização), n.º 8, Outubro de 1948:2  |
| 1948               | Registo de 122 membros portugueses da SAT  | Forster, 1982:39   |
| 1949<br>(Abril)    | Frazão de Faria decide não continuar a intermediar a SAT, uma vez que esta organização tornou-se unicamente anarquista   | <i>Informilo</i> . Boletim Informativo da Liga Portuguesa de Esperanto (em organização), n.º 12., Março/Abril de 1949:3  |
| 1949<br>(Agosto)   | PIDE confisca os haveres da Liga Portuguesa de Esperanto, e informa que será também confiscada correspondência proveniente do estrangeiro com sêlos em Esperanto   | Lins, 1990: 136  |
| 1951<br>(Abril)    | Levantamento da proibição do Esperanto por despacho de 12 de Abril emitido pelo Ministro do Interior, Trigo de Negreiros (a pedido do coronel Armando Larcher, chefe do serviço de censura). No entanto o Ministro da Educação Pires de Lima proíbe os cursos alegando que "o ensino do Esperanto não está autorizado nem sequer previsto em Portugal"   | <i>Chave do Esperanto</i> , 1976:44; Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1989", <i>La Praktiko</i> , Janeiro/Fevereiro de 1953; pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>República</i> , 10 Maio 1972 e <i>Diário de Lisboa</i> , 14 Julho de 1976; Caixa de documentos de Adolfo Nunes, "2ª Circular da APE" de 30 Maio 1972 |
| 1951<br>(Agosto)   | Tentativa de formação da Associação Portuguesa de Esperanto (tendo Comodoro Carlos Henriques como presidente da Assembleia Geral; Justino de Carvalho como presidente do conselho fiscal; e Saldanha Carreira como presidente da direcção)   | <i>Chave do Esperanto</i> , 1976:44 . Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>A Vida Mundial</i> , 9 Janeiro 1970; Caixa de objectos não catalogada, "Esperanto. A Segunda Língua de Cada Povo - Circular n.º 3. Lisboa, 31 de Maio de 1952"   |
| 1951               | Curso de Esperanto numa dependência do Clube Estrela de Campismo, na Calçada Marquês de Abrantes em Lisboa   | Fonte oral E.C. (entrevista 20 Junho 2012)   |
| c. 1952            | Grupo de esperantistas de Lisboa "Amigos do Esperanto" reúne-se semanalmente em Cafés: inicialmente no Café Portugal (no Rossio) e depois no Café Martinho (aos Restauradores), em Lisboa  | Fontes orais M.P. (entrevista 8 Junho 2012) e A.A. (entrevista 7 Julho 2012); Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>La Praktiko</i> , Janeiro/Fevereiro de 1953; <i>Nia Stelo</i> , n.º2, Janeiro 1956:10   |
| 1952<br>(Novembro) | Homenagem a Saldanha Carreira num banquete realizado em 1 de Novembro no Restaurante Vera Cruz em Lisboa, organizado por "Amigos do Esperanto"   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>La Praktiko</i> de Janeiro/Fevereiro 1953   |

| <b>Data</b>        | <b>Facto</b>   | <b>Fonte</b>  |
|--------------------|--|---|
| 1952               | O Secretariado Nacional de Informação (SNI) aceita distribuir aos membros da NATO uma carta sobre o Esperanto (em Português, Inglês, Francês e Alemão) que a APE elaborou em colaboração com a U.A e a Federação Sueca de Esperanto  | Arquivo APE, Caixa de objectos não catalogados: "Portugala Esperanto-Asocio (em organização). Circular n.º2/52"                           |
| 1954               | Registo de 17 membros portugueses da SAT   | Forster, 1982:39  |
| 1955<br>(Dezembro) | Início da publicação <i>Nia Stelo</i> editada por João Pereira Cotovio, com participação regular de Saldanha Carreira, José Antunes, Luzo Bemaldo, Adolfo Nunes, Adolfo Trémouille, Costa Júnior, Carlos Henrique, A. S. Almeida, Olga Marques, Alsácia Fontes Machado, Joaquim Calado, Carlos Fernando, Manuel de Seabra e os estrangeiros Ismael Gomes Braga, Marjorie Boulton e Margaret Bawden | Arquivo APE, <i>Nia Stelo</i> de Dezembro de 1955 a Abril de 1960   |
| 1955<br>(Dezembro) | Banquete de homenagem a Zamenhof no Hotel Internacional, em Lisboa   | Arquivo APE, <i>Nia Stelo</i> , nº2, Janeiro de 1956:9  |
| 1956<br>(Janeiro)  | Banquete de homenagem ao uruguaio Fernandez Menendez no Hotel Internacional. O Professor esteve em Lisboa e juntou-se aos esperantistas na sua reunião habitual às quartas-feiras no Café Martinho   | Arquivo APE, <i>Nia Stelo</i> , nº3 Fevereiro de 1956:9   |
| 1956<br>(Outubro)  | Eleição da nova administração do grupo esperantista do Barreiro «Vekiço», cujo novo endereço é a residência do seu tesoureiro, João Caeiro de Sousa  | Arquivo APE, <i>Nia Stelo</i> , nº11 Outubro de 1956  |
| 1956<br>(Dezembro) | Festa de homenagem a Zamenhof realizada no Hotel Internacional, em Lisboa  | Arquivo APE, <i>Nia Stelo</i> , nº14, Fevereiro de 1957:10  |
| 1956               | Ekskursu Grupo «Verda Familio» de Lisbona (Grupo de Excursões) organiza passeios a museus e ao campo   | Arquivo APE, <i>Nia Stelo</i> , nº3 Fevereiro de 1956:9; <i>Nia Stelo</i> , nº7, Junho de 1956:6; <i>Nia Stelo</i> , nº8, Julho de 1956:5 |
| 1957<br>(Dezembro) | Festa de homenagem a Zamenhof realizada no Hotel Internacional, em Lisboa  | Arquivo APE, <i>Nia Stelo</i> , nº20, Fevereiro de 1958:20  |
| 1958<br>(Janeiro)  | Exposição bibliográfica e de Imprensa realizada no Funchal, nos salões da Academia de Música da Madeira (evento integrado no programa das Festas da Cidade)  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969", <i>Diário Ilustrado</i> , 4 Janeiro 1958  |
| 1959<br>(Agosto)   | Exposição esperantista no Salão dos Organismos Económicos de Lourenço Marques, procedendo à sua abertura o vice-reitor do Liceu Salazar e um representante da Câmara Municipal (organizada por Mário Raposo, João Manuel Ferreira Simões, Álvaro Santos e Joaquim Pedro da Silva)  | Arquivo APE, pasta "Korespondajo jaroj 50 kaj 60", <i>Notícias</i> , 12 Agosto de 1959  |
| 1959               | Exposição bibliográfica de Esperanto realizada na Biblioteca Municipal de Coimbra, organizada pelo Prof. Álvaro Viana de Lemos   | <i>Chave do Esperanto</i> , 1976:44; Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>República</i> , 2 Dezembro 1970              |
| 1964<br>(Abril)    | Carta da Administração Geral dos C.T.T. Portugal, Gabinete do Correio Mor, a José Antunes, delegado da UEA, dizendo que "está superiormente proibida a circulação de tais correspondências [revistas em língua esperanto, provenientes do estrangeiro] pelo correio"   | Arquivo da APE, Pasta "Korespondajo jaroj 50 kaj 60"  |
| 1964               | A Livraria Portugal, na Rua do Carmo em Lisboa, dispõe de uma secção esperantista  | Arquivo APE, pasta "Korespondajo jaroj 50 kaj 60", cópia de carta enviada a 29 de Agosto de 1964 para Cabo Verde                          |
| 1964               | Registo de 30 membros portugueses da SAT   | Forster, 1982:39  |
| 1968<br>(Novembro) | Tem início no jornal <i>República</i> a rubrica "Esperanto tra la mondo", assinada por Virgílio Portela. Será publicada até 1972   | Arquivo APE, Pastas "Artikoloj pri Esperanto 1888-1969" e "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>República</i> , 2 Dezembro 1971            |
| 1968               | A Sociedade de Língua Portuguesa tem uma Secção de Estudos Esperantistas, dirigida por José Antunes  | Arquivo APE, Caixa de documentos de Adolfo Nunes, "Associação Portuguesa de Esperanto – 1.ª Circular. Lisboa, 30 de Abril de 1972"        |
| 1969<br>(Maio)     | Palestra de Alves de Moura "Esperanto. Segunda Língua Materna" na Sociedade de Língua Portuguesa   | Catálogo BN   |
| 1970<br>(Janeiro)  | Comemoração do 110º aniversário do nascimento de Zamenhof em almoço num hotel de Lisboa, sendo convidado de honra o Dr. Francisco José Veloso, presidente da Sociedade de Língua Portuguesa  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>República</i> , 4 Janeiro 1970  |
| 1971<br>(Janeiro)  | Palestra de Alves de Moura "As Virtudes do Esperanto", na Sociedade de Língua Portuguesa   | Catálogo BN   |

| <b>Data</b>        | <b>Facto</b>  | <b>Fonte</b>  |
|--------------------|---|---|
| 1971<br>(Abril)    | Conferência de Adolfo Nunes na sede da Sociedade de Língua Portuguesa   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Correio do Minho</i> , 16 Abril 1971  |
| 1971<br>(Dezembro) | A CIAL - Centro de Línguas em Lisboa (Av. República), é oficialmente autorizada a ensinar Esperanto (ensino ministrado pelo director da CIAL, Dr. Correia Coimbra)  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>República</i> , 2 Dezembro 1971; Caixa de documentos de Adolfo Nunes, "Associação Portuguesa de Esperanto – 1.ª Circular. Lisboa, 30 de Abril de 1972"                                  |
| 1972<br>(Março)    | Aprovação dos estatutos da Associação Portuguesa de Esperanto a 15 de Março por despacho do Ministério da Educação Nacional. Presidente: Eduardo Marinho Alves de Moura e Vice-Presidente: Adolfo Augusto Nunes | Arquivo APE, Caixa de documentos de Adolfo Nunes, "A.P.E. - 1.ª Circular, 30 de Abril de 1972. Pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Diário de Notícias</i> , 27 Junho de 1972   |
| 1972<br>(Maio)     | Eleição a 10 de Maio na Sociedade de Língua Portuguesa, dos corpos gerentes da Associação Portuguesa de Esperanto   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>A Capital</i> , 11 Maio de 1972; <i>República</i> , 10 Maio 1972. Caixa de documentos de Adolfo Nunes, "Associação Portuguesa de Esperanto – 4.ª Circular. Lisboa, 31 de Julho de 1972" |
| 1972<br>(Outubro)  | Homologação a 13 de Outubro pela Inspeção Geral do Ensino Particular, por despacho ministerial, dos corpos sociais da Associação Portuguesa de Esperanto eleitas a 15 de Março                                  | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Época</i> , 23 Outubro de 1972  |
| 1972<br>(Dezembro) | Conferência de Alves de Moura intitulada "O Esperanto. Como nasceu. Como evoluiu" na Sociedade de Língua Portuguesa   | Arquivo APE, pasta "Artikoloj eltonditaj 1970-1979", <i>Diário Popular</i> , 16 Dezembro de 1972  |

## ANEXOS

### A. Perfis de Entrevistados

Quadro 2.3.1.

| Entrevistado | Género    | Ano de Nascimento | Naturalidade                 | Residência actual | Profissão antes da reforma  | Aprendizagem do Esperanto |         |
|--------------|-----------|-------------------|------------------------------|-------------------|---|---------------------------|---------|
|              |           |                   |                              |                   |   | Onde                      | Quando  |
| M.P.         | Masculino | 1925              | Seia (cresceu em Lisboa)     | Sintra            | Marceneiro  | Lisboa                    | c. 1952 |
| E.C.         | Masculino | 1930              | Lisboa                       | Almada            | Empregado de escritório   | Lisboa                    | 1972    |
| L.D.         | Masculino | 1925              | Barreiro                     | Barreiro          | Desenhador técnico na CP e depois em empresas de construção de camiões e navios | Barreiro                  | c. 1942 |
| A.O.         | Masculino | 1926              | Angola (cresceu no Barreiro) | Barreiro          | Técnico de Contas   | Barreiro                  | c. 1942 |
| A.A.         | Masculino | 1928              | Lisboa                       | Amadora           | Engenheiro da Força Aérea   | Lisboa                    | 1947    |

## **B. Guião de entrevistas**

### **(I) Relação pessoal com o Esperanto**

1. Quando teve a primeira ligação com o Esperanto
2. Onde?
3. Quais as motivações para aprender Esperanto?
4. Pertenceu a algum grupo ou núcleo?
5. Nesse caso, que motivações julga que teriam as pessoas desse grupo/núcleo?
6. Com que frequência se dedicava ao Esperanto no seu dia-a-dia?
7. As pessoas mais próximas de si também tinham ligação ao Esperanto?

### **(II) Noções sobre o movimento**

1. Que grupos de esperantistas havia?
2. Havia grupos por profissões?
3. Havia grupos por zonas geográficas?
4. Discutiam-se os acontecimentos políticos que iam ocorrendo?
5. Qual a posição do Estado face ao Esperanto?
6. Como se lidava com essa posição?
7. A repressão era diferente consoante os grupos sociais a que pertenciam os esperantistas?
8. Como recorda a tentativa da APE de reconhecimento dos seus estatutos pelo Ministério da Educação?
9. Quem eram as pessoas que tentavam esse reconhecimento junto do Ministério?
10. Que resposta tiveram?
11. Como reagiram os esperantistas?

### **(III) Conhecimento da existência de objectos esperantistas**

1. Para além dos objectos mais comuns como os livros, emblemas ou postais, recorda-se de outros objectos ligados ao esperantismo? (Por exemplo, discos? Algum tipo de documentos?)
2. Que objectos gostaria de ver ou consideraria importantes numa exposição ou museu sobre o esperantismo?

### **(IV) Perspectiva global**

1. Que balanço faz do movimento esperantista em Portugal?
2. Julga que o movimento português é diferente do de outros países?



## CURRICULUM VITAE

### Informação pessoal

**Sónia Piedade Apolinário Ribeiro Gomes**

Rua António Lopes Ribeiro, 7, 8.º D, 1750-312 Lisboa  
934253892

[soniapiedadeapolinario@gmail.com](mailto:soniapiedadeapolinario@gmail.com)

Nacionalidade Portuguesa

Janeiro de 1972

### Experiência profissional

2008-2011

Técnica Superior  
Gabinete de Gestão Curricular  
ISCTE-IUL  
Universidade

2004-2007

Doutoranda em Sociologia  
ISCTE-IUL  
Universidade

2001-2003

Técnica Superior  
Observatório das Ciências e Tecnologias  
Organismo da Administração Pública

2000-2001

Estagiária  
Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica  
Organismo da Administração Pública

### Educação e formação

2011-2012

Mestranda em Museologia: Conteúdos Expositivos  
ISCTE-IUL  
Universidade

2010-2011

Pós-graduação em Museologia: Conteúdos Expositivos  
Média 17 Valores  
ISCTE-IUL  
Universidade

**Aptidões e competências pessoais**

2004-2007  
Doutoranda em Sociologia  
ISCTE-IUL  
Universidade

Abril de 2001  
Curso: *Effective presentation of official statistics to the news media*  
TES Institute – Eurostat  
Londres

1993-1999  
Licenciatura em Sociologia  
Média 15 Valores  
ISCTE-IUL  
Universidade

1992-1993  
Curso de História de Arte  
Sociedade Nacional de Belas Artes

Língua Materna: Português  
Outras Línguas: Inglês

**Inglês**

| Compreensão      |  | Conversação |  | Escrita         |  |               |  |    |  |
|------------------|--|-------------|--|-----------------|--|---------------|--|----|--|
| Compreensão oral |  | Leitura     |  | Interacção oral |  | Produção oral |  |    |  |
| C1               |  | C2          |  | B2              |  | B2            |  | C1 |  |

(\*) Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)

**Publicações**

Co-autoria de artigo (no prelo) "Modos de ver e dar a ver os Painéis de São Vicente", MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares (publicação online);

Co-autoria de artigo "Orlando – Modelo de masculinidade ou feminilidade?", in Cinema, N.º. 25, Setembro de 1996, pp. 46-7.

Informática na óptica do utilizador (Word, Excel, Access, SPSS)

Carta de condução de ligeiros

31-10-2012